

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

O Significado da Dor em Atletas da Ginástica Rítmica

GABRIELA DE CARVALHO MONTEIRO GONÇALVES

São Paulo

2017

GABRIELA DE CARVALHO MONTEIRO GONÇALVES

O Significado da Dor em Atletas da Ginástica Rítmica

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Katia Rubio

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Gonçalves, Gabriela de Carvalho Monteiro
O significado da dor em atletas da ginástica rítmica / Gabriela
de Carvalho Monteiro Gonçalves. – São Paulo : [s.n.], 2017.
118p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte
da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio

1. Psicologia do esporte 2. Dor 3. Desempenho esportivo
4. Atletas 5. Ginástica rítmica I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: GONÇALVES, Gabriela de Carvalho Monteiro

Título: O significado da dor em atletas da ginástica rítmica

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e incentivadora Prof^a. Dr^a. Katia Rubio, por me receber e compartilhar seu vasto conhecimento. Agradeço o apoio e confiança!

À minha família para quem não consigo encontrar palavras para descrever a prontidão e capacidade de se fazer presente em quaisquer momentos. Meus pais, José Fernando e Maria Clara, obrigada pela vida que me proporcionaram, pelo amor compartilhado, pelos valores ensinados, por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado. Meus irmãos João e Titi, pelo amor e amizade que carrego e me traz força em cada passo que dou. À Mila, Cat e Rafa por trazer momentos tão singelos no meio de toda essa construção. Obrigada por caminharem junto comigo.

À Prof^a. Dr^a. e minha amiga do coração Luciana Ferreira Angelo pelo carinho, amizade e companheirismo, pelas trocas e críticas, tudo sempre envolvido com muita doçura.

Aos colegas e amigos do GEO – Grupo de Estudos Olímpicos pelas trocas acadêmicas e alegrias compartilhadas.

Aos meus amigos e companheiros de jornada Dhenis, Rafa e Júlia pelos momentos, ensinamentos, discussões, angústias, risadas e alegrias compartilhadas. Esse mestrado não seria o mesmo sem vocês três.

Aos meus amigos de ontem e de hoje que de alguma forma fizeram parte dessa caminhada, me apoiando, escutando pacientemente, me distraindo e me alegrando.

À Aída Gláucia Baruchi e Ligia Baruchi por me proporcionaram autoconhecimento, capacidade de análise, olhar e escuta dos meus sentimentos e dos outros, na minha vida pessoal e profissional.

Às atletas de GR.

“A dor é duas vezes dolorosa, pois é, ao mesmo tempo, um mistério angustiante.”

BUYTENDIJK, 1968

RESUMO

GONÇALVES, G. de C. M. **O significado da dor em atletas da ginástica rítmica**. 2017. 118 f. Dissertação (Mestre em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

O desempenho no esporte de alto rendimento está associado a situações de desgastes físicos e psicológicos extremos tanto em treinamentos como em competições. A dor é um atributo constante na vida destes atletas e trata-se de uma experiência sensorial e emocional avaliada muitas vezes como negativa, associada a uma lesão real ou não que abrange aspectos fisiológicos, sociais e psíquicos. Assim, estudos com a intenção de dar significado a dor na percepção dos próprios atletas devem levar em conta a cultura do esporte e da modalidade, pois a cultura é um complexo de habilidades ou hábitos adquiridos pelo sujeito enquanto membro de um grupo social, fornecendo dados da identidade do ser atleta. Este estudo teve como objetivo analisar como as atletas olímpicas de Ginástica Rítmica experienciaram a dor e os seus significados em sua carreira esportiva. Para tanto foram investigadas as 18 atletas brasileiras que participaram dos Jogos Olímpicos de Verão em diferentes edições, sob a ótica dos Estudos Culturais, inspiração teórica para pensar produções culturais e as práticas sociais. A decisão por investigar esse grupo se estruturou por ser uma modalidade com grande dificuldade técnica, de profissionalização precoce e alto nível de desempenho, alcançados ainda na adolescência. A exigência excessiva e prematura do corpo, o envolvimento com as rotinas e o alto nível de dificuldade dos exercícios praticados predispõe as atletas a um maior risco de dor e sofrimento. O método utilizado foi a narrativa biográfica que proporcionou apreender por meio das memórias desse grupo de atletas a compreensão do significado da dor no esporte e na modalidade específica, apontando que esses significados são transmitidos através das gerações e relacionam-se com tradições e convenções grupais. As atletas criam sentidos para essas vivências através do discurso construído socialmente na modalidade; as experiências acumuladas dentro do grupo levam as participantes a uma expectativa do sofrimento; os vínculos estabelecidos geram a capacidade de simbolizar a dor; suportar o limite imposto pelo corpo faz parte da cultura da modalidade. Os sentidos que constituem o significado da dor permitiu compreender a essência dos conteúdos do que é e como se dá a experiência dolorosa de uma modalidade esportiva quando praticada em alto rendimento.

Palavras-chave: Sofrimento. Cultura da dor. Olímpicos. Psicologia do esporte. Estudos culturais.

ABSTRACT

GONÇALVES, G. de C. M. **The meaning of pain in athletes of rhythmic gymnastics.** 2017. 118 f. Dissertação (Mestre em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

High performance sports is associated with extreme physical and psychological wear in training and competition. Pain is a constant attribute in the lives of these athletes and it is a sensory and emotional experience often evaluated as negative, associated with a real physiological, social and psychic real or non-abrevariant injury. Thus, studies with an intention of meaning and perception of the athletes themselves are taken into account the culture of the sport and the modality, because the culture is a complex of skills or habits acquired through a social factor. This study aimed to analyze how Olympic Rhythmic Gymnastics athletes experienced pain and their own meanings in their sports career. To that end, 18 Brazilian athletes participating in the Summer Olympics in different editions were investigated, from the perspective of Cultural Studies, theoretical inspiration to think about cultural productions and social practices. A decision to investigate this group was structured because it is a modality with great technical difficulty, of previous professionalization and a high level of performance, reached in adolescence. The excessive and premature requirement of the body, the involvement with routines and the high level of difficulty of the exercises practiced predispose as athletes to a greater risk of pain and suffering. The method used for the biographical narrative that allowed to apprehend through the medium of the memories of this group of athletes in the understanding of the meaning of pain without sport and in the specific modality, pointing out that these meanings are transmitted through sales and relate to group conventions and traditions. The athletes create meanings for these lives through the socially constructed discourse in the modality; the experiences as accumulated within the group they take as participants an expectation of suffering; the established bonds generate the capacity to symbolize pain; support more than the legal limit for the body is part of the sport culture. The senses that constitute the meaning of permible pain, namely the essence of the contents of what is like a painful experience of a sporting modality when practiced in high yield.

Key Words: Suffering. Culture of Pain. Olympic. Sports psychology. Cultural studies

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atletas Olímpicas Brasileiras da GR	27
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABRAPESP** Associação Brasileira de Psicologia do Esporte
- CBCA** Confederação Brasileira de Canoagem
- CEPSIC** Centro de Estudos de Psicologia da Saúde
- FIG** Federação Internacional de Ginástica
- GEO** Grupo de Estudos Olímpicos
- GR** Ginástica Rítmica
- GRD** Ginástica Rítmica Desportiva
- HCFMUSP** Instituto de Neurologia do Hospital das Clinicas de São Paulo
- IASP** Associação Internacional para o Estudo da Dor
- InCor** Instituto do Coração de São Paulo
- SISNEP** Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
- SNC** Sistema Nervoso Central
- SNP** Sistema Nervoso Periférico
- TCLE** Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	11
2 METODOLOGIA -----	17
2.1 Objetivo -----	17
2.2 Justificativa -----	17
2.3 História Oral, História de Vida e Narrativas Biográficas -----	19
2.4 Procedimentos para a escuta das narrativas -----	24
2.5 Participantes da pesquisa e procedimento de análise -----	26
2.5.1 Atletas olímpicas Brasileiras da Ginástica Rítmica -----	26
2.5.2 Procedimentos de análise-----	27
3 AS DIFERENTES FORMAS DE SIGNIFICAR A DOR -----	31
3.1 O significado da dor no decorrer da história -----	33
3.2 Pensando a dor como uma resposta fisiológica -----	39
3.3 A dor construída socialmente -----	41
4 ESPORTE E DOR - -----	51
5 A MODALIDADE OLÍMPICA GINÁSTICA RÍTMICA - -----	60
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS -----	69
6.1 Apresentação das atletas -----	69
6.2 Análise das narrativas -----	74
6.2.1 A cultura da GR e a dor -----	75
6.2.1.1 A dor e o belo -----	80
6.2.2 A linguagem da dor na GR -----	84
6.2.3 O contexto e a dor -----	87
6.2.4 O controle pessoal -----	89
6.2.5 Gestão social da dor -----	97
6.2.6 O sacrifício além do corpo -----	103

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS -	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXO	118

1 INTRODUÇÃO

*“O pensamento é o ensaio da ação”
Sigmund Freud.*

Início esse trabalho acessando as minhas memórias. Como elas são inúmeras e desordenadas (o que é bem normal), irei me ater à minhas memórias profissionais e acadêmicas, que de alguma maneira têm um significado para mim e para este estudo.

Desde a minha especialização em psicologia do esporte, busco compreender as contradições que pairam na relação psicologia e esporte, isso por que quando me propus a ser psicóloga pensei em uma profissão que aproxima as pessoas do sofrimento psíquico para compreendê-lo e alterar a forma como ele funciona e transformá-lo buscando seu bem-estar e satisfação mínima que faça da sua uma vivência com sentido. Sempre me encaminhei para a prática clínica da psicologia, que busca a escuta de um indivíduo dentro de todas as suas situações e contradições de vida consigo e com o meio em que vive. Neste momento comecei a ter contato com as histórias de vida das pessoas que, às vezes, sem perceber buscavam ser ouvidas a partir dos seus pontos de vista.

Até então nunca pensei em atuar com alto rendimento, pois acreditava ser um ambiente repressor, intenso, fugaz, ansioso, sofrido e dolorido. Mas então compreendi que, por mais dolorido que fosse, aquela era uma escolha de uma pessoa que queria estar ali, transformando aquele mundo em seu e na sua identidade. Aquilo dava sentido à ela.

O início da minha vida profissional aconteceu em Salvador, Bahia, cidade onde nasci e vivi até o ano de 2008. Concluí o curso de psicologia no ano de 2006, na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Por escolhas e circunstâncias, entrei na faculdade um pouco mais tarde do que o habitual, o que vejo como adequado para a profissão que escolhi. Enquanto isso, aprendi a viver e sobreviver em outra cultura, em outro idioma e a lidar com outras formas de viver no mundo.

Antes de pensar em ser psicóloga, prestei vestibular para Medicina, pensando ser neurocientista. Além disso, o outro curso proposto era Biologia, com ênfase em genética. As conexões que criamos entre o corpo e a mente sempre me intrigaram. Estes eram pensamentos frequentes e ainda o são.

Durante a faculdade, realizei os estágios na grade curricular e, também, no Hospital Português da Bahia por dois anos. Esse estágio me possibilitou finalizar o curso de Psicologia e ter um trabalho, pois, fui contratada como psicóloga de Recursos Humanos no próprio

hospital (2006-08). Ao mesmo tempo estive em formação em Psicanálise pela Letras Freudiana.

Quando decidi estudar psicologia do esporte e do exercício, meu objetivo era atuar como profissional da área, visando à saúde, ou seja, trabalhar o exercício como fonte terapêutica, como meio de reabilitação. As áreas eram inúmeras: reabilitação cardiovascular ou ortopédica, transtornos alimentares ou, até, o esporte como lazer com as famosas corridas de rua. Eu sempre pensei a psicologia do esporte e do exercício como uma maneira de aumentar o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Assim cheguei a São Paulo para fazer uma Especialização em Psicologia do Esporte no Instituto Sedes Sapientiae (Jan 2008-Dez 2009).

Decidida a ficar em São Paulo, comecei a trabalhar. Estive na Clínica Equilibrium (2008-11), como psicóloga clínica e na Bayer Corporation (2010-11) atuando na área de qualidade de vida no trabalho. Durante esse tempo, não estive ligada à área acadêmica ou diretamente à psicologia do esporte, mas foi um período de grande aprendizado, principalmente, para o desenvolvimento da escuta clínica. No mesmo intervalo, participei de um grupo de estudos de psicanálise intitulado Freud: início, meio e fim com a professora Cecília Orsini.

Finalmente decidi encarar a psicologia do esporte de frente e então, no final de 2011, fui ao congresso da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte), no I Encontro para treinadores e comissão técnica e reencontrei a Professora Katia Rubio, velha conhecida, e que havia sido minha professora na pós-graduação. Assim, eu voltei para a área e para o universo acadêmico.

Quando cheguei ao GEO (Grupo de Estudos Olímpicos), do Centro Sociocultural dos Estudos Olímpicos, da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFEUSP), a professora Katia estava com duas linhas de pesquisa: Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros e Dor no Esporte. A primeira contava com muitos estudantes de pós-graduação e estava em franca produção. A segunda sobre dor estava caminhando, porém devagar, e foi a oportunidade que tive para me aprofundar no tema.

A proposta da pesquisa era uma avaliação de dor em atletas de alto rendimento usando testes psicológicos. Para isso, tínhamos que conseguir o maior número de atletas possíveis para chegar a dados quantitativos relacionados com as avaliações de dor. Aplicar e corrigir testes só poderiam ser trabalho de psicólogo. O antigo contato com recursos humanos e qualidade de vida do trabalhador permitiram o manejo com avaliação psicológica, o que foi um facilitador, além de agilizar o meu contato com a pesquisa. Entrar no GEO e na pesquisa

de dor significou entrar para o mundo acadêmico e fui contemplada com uma bolsa de pesquisa para capacitação técnica da FAPESP. Trabalhei avaliando a dor em muitos atletas profissionais, o que me fez publicar dois artigos e o capítulo de um livro.

Os dois anos seguintes (2011 e 2012) foram de muita produção profissional. Realizei consultoria para a Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, junto com uma equipe multiprofissional, e cuja proposta o atendimento era a preparação psicológica para os atletas da seleção brasileira de tênis de mesa, que foram aos Jogos Olímpicos de Londres. Atuei em conjunto com a Dr. Luciana Angelo, no Instituto Vita, que era associado a inúmeras confederações esportivas para atendimento de clínica do esporte. No final de 2011, fui selecionada para Unidade de Reabilitação Cardiovascular Fisiologia do Exercício do Instituto do Coração de São Paulo (InCor) como Psicóloga do esporte e do exercício. Lá trabalhei durante quase quatro anos com pacientes (alunos) da reabilitação cardiovascular e, também, com atletas de alto rendimento.

Apesar do excesso de trabalho, continuei participando ativamente das duas linhas de pesquisa da professora Katia. Com o passar dos anos, percebi que o esporte profissional é o campo de trabalho prático e de pesquisa de maior interesse na área da psicologia do esporte. A participação na pesquisa “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros” facilitou o entendimento da trajetória dos atletas e os significados de suas vidas, em função das entrevistas realizadas para coletar a narrativa dos atletas, conforme o método daquela investigação.

Como eu já havia tido um primeiro contato com a pesquisa sobre dor, o tema voltou a despertar meu interesse e coincidiu com o início do meu projeto de mestrado. Fiquei, então, mais atenta para a questão de como o atleta se relacionava com a dor. No decorrer dos encontros com os atletas olímpicos, era mencionada esta relação e as respostas apontavam a frequência e a forma como o tema era vivenciado. Comecei a me questionar se a dor seria, ou não, inerente ao esporte e, quais seriam os motivos para os atletas insistissem em suas carreias, mesmo vivendo a dor com intensidade.

Para colaborar indagações, em 2013, fui contratada pela Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA) a convite do Centro de Treinamento de Paracanoagem, para realizar um trabalho de apoio e preparação psicológica aos atletas do paradesporto. Talvez esse tenha sido o trabalho em que realmente compreendi o mundo do atleta profissional e a sua identidade, uma vez que a vi em formação (ou transformação).

Atuei como diretora da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) na gestão que teve Luciana Ferreira Angelo como presidente. Além de grande amiga e

professora, por quatro anos (2012-2015), militamos juntas em prol do desenvolvimento da área.

Iniciei o curso de especialização em neuropsicologia no Centro de Estudos de Psicologia da Saúde (CEPSIC), do Instituto de Neurologia do Hospital das Clínicas de São Paulo (HCFMUSP), no ano de 2014 e com duração de dois anos. O cérebro humano sempre me encantou e os caminhos que cada indivíduo cria para viver a sua vida é algo que me deixa curiosa. Costumo me questionar por que as pessoas são diferentes e, ao mesmo tempo, vivem situações parecidas, ou como a cultura e a história de vida moldam e modificam a maneira de uma pessoa estar no mundo, criando diferentes personalidades e diferentes maneiras de sentir e perceber o mundo. Esses estudos continuaram por mais dois anos e me permitiram uma visão mais ampla da neurociência e como ela se relaciona com as culturas. Os estudos em neuropsicologia permitiram também a aproximação com o tema da dor. Finalmente, em 2015, iniciei o mestrado.

Os anos em que estive no GEO, acabaram me levando ao tema *O significado da dor em atletas da ginástica rítmica*. Refletindo sobre, construí a possibilidade de relacionar esporte, psicologia, neurociência e cultura.

Trabalhar com os paraolímpicos trouxe novas perspectivas para pensar a dor, pois dependendo da lesão do atleta (lesão medular, por exemplo) a percepção da dor é inexistente, mas há um sofrimento físico e psíquico em decorrência da reação fisiológica. A pessoa enfrenta a dor mesmo sem senti-la no corpo, ou seja, há uma totalidade no indivíduo, existem vias (biológicas, sociais, culturais e afetivas) que afetam umas às outras e não há como isolá-las, se o objetivo é compreender aquele sujeito.

Por estudar os atletas olímpicos com a professora Katia por um longo tempo segui por este caminho e a GR foi escolhida por ser uma modalidade que as atletas sofrem muito, mas isso não é capaz de paralisá-las. É ela que acaba ditando o desempenho: dor e sofrimento são companheiros inseparáveis dessas atletas. Além disso, era possível estudar um grupo completo de atletas. Na GR, o Brasil teve dezoito mulheres brasileiras que participaram dos Jogos Olímpicos até a edição de Londres. Através das suas narrativas, encontramos uma importante fonte de informação sobre iniciação esportiva, estrutura de treinamentos e competições e a cultura de dor e sofrimento na modalidade, como também, na cultura esportiva, onde a dor é claramente consentida, apresentando diferentes significados.

Quando comecei as aulas de pós descobri que o projeto era só a ponta do *iceberg*. No primeiro ano, cursei uma disciplina na Escola de Medicina intitulada “Aspectos Biopsicossociais da Dor”, o que me proporcionou um ganho significativo de conhecimento

sobre o tema, além de bibliografia atualizada. No decorrer dos encontros, ficou claro que a neurociência investiga profundamente o tema, mas quando tratamos dos aspectos psicológicos e sociais da dor as ciências neurológicas não conseguiam oferecer respostas do mesmo calibre. A bibliografia não nega que são fatores influentes ou, em muitas situações, determinantes, mas, não há muitos estudos que relacionem e determinem as relações complexas aí existentes. Eu tive a oportunidade de assistir às aulas ministradas por pesquisadores como o professor Manuel Jacobson Teixeira, uma das maiores referências sobre o assunto no país, e ter contato com esse universo, me causou uma grande satisfação, mas também, frustração, uma vez que não era o que eu buscava naquele momento.

Ainda sem saber o caminho, iniciei a escrita do texto para a qualificação muito mais próximo da área médica do que efetivamente da área psi. Verticalizei discussões no tocante à biologia e à fisiologia da dor que depois se transformaram no capítulo *Pensando a dor como uma resposta fisiológica*. Ao mesmo tempo, descobri que a dor tem uma história e suas percepções e significados mudam de acordo com o momento do mundo, com o grupo social, com a religião, com a raça, com o gênero, com a história individual, enfim, com a cultura que envolve determinado grupo. Autores como Rey, Merskey, Bogduk, Teixeira, Okada e Kobayashi foram essenciais por, de alguma forma, serem os contadores da história da dor. Deste aprofundamento, escrevi *O significado da dor no decorrer da história* e foi a semente para os capítulos seguintes.

Conhecer Zborowski foi necessário para compreender como a dor passou a ser estudada pelo viés cultural. As suas experiências mostram a influência da cultura na resposta da dor de determinados grupos sociais. Junto com ele, Le Breton me mostrou a dor no contemporâneo e trouxe os estudos sobre as relações das culturas, do corpo e da dor. Através deles, eu conto *A dor construída socialmente*.

Ao mesmo tempo, entrei em contato com as bases teóricas do esporte olímpico e, para isso, usei a bibliografia sobre o tema, escrita pela minha orientadora Katia Rubio. Sempre voltada para a cultura, meu objetivo era compreender o esporte, mas também a contemporaneidade do mesmo, pois a GR é uma modalidade que surge e se consolida no século XX. Neste momento, eu já havia lido as maiores referências sobre a GR, todas extremamente técnicas e era esta a forma que eu encontrava a literatura sobre o assunto. A pedagogia da GR é ampla e contempla a complexidade técnica que a modalidade requer. E, mais uma vez, iniciando pelo biológico e fisiológico, cheguei aos autores Boaventura, Cavalcanti e Porpino que escrevem sobre a modalidade com um olhar sobre a atleta. No breve

percurso de um ano, foram essas as principais referências para escrever os capítulos seguintes: *Esporte e dor e A modalidade olímpica ginástica rítmica*.

As Narrativas Biográficas, metodologia utilizada na pesquisa, já era conhecida, pois com ela passei os últimos anos trabalhando no GEO.

Para Estudo Culturais, autores como Hall, Da Silva e Woodward me trouxeram a possibilidade de pensar o esporte, a modalidade e a dor neste contexto, através da narrativa do grupo das atletas olímpicas da GR. Cada história contempla elementos relacionados à vivência e sofrimento na modalidade, colaborando com o significado coletivo da dor.

Foi tecendo as relações temáticas entre a prática corporal e as teorias selecionadas para este estudo, que as análises das dezoito histórias de vida no esporte de alto rendimento puderam elucidar sentidos e significados de um contexto complexo e curioso aos olhos dos leitores, sejam eles leigos ou especialistas. Convido a todos para uma leitura por que pretende revelar a particularidade da experiência esportiva que necessita de empenho, vigor e resiliência.

2 METODOLOGIA

2.1 Objetivo

Este estudo tem como objetivo analisar, por meio das narrativas das 18 atletas olímpicas da Ginástica Rítmica brasileira, participantes dos Jogos Olímpicos de Verão até a edição de Londres (2012), como é experienciada a dor e seus significados.

2.2 Justificativa

A dor é uma característica existencial. Desde a mais tenra infância, a experiência dolorosa é observada como um elemento protetor da integridade física, orientador e limitador de nossas ações e costumava ser entendida como uma fatalidade, que exigia do sujeito equilíbrio de sua própria força por um determinado período ou até a morte.

A reprodução cultural, ou seja, o significado e os hábitos comuns em uma cultura, é uma condição antropológica, e ao se reproduzirem na cultura se torna possível a preservação do sentimento de identidade e o controle das situações; o significado atribuído à dor, em uma determinada cultura, faz parte dessa condição. Ela sempre foi vista como íntima do sujeito, impregnada pelo social, pelo cultural, pelas relações que cada um estabelece com o seu corpo e com o mundo à sua volta: é fruto da educação, da moral e dos vínculos. Antes, a dor era integrada à economia da vida e, por isso, suportada como inerente à condição humana, uma condição social. Com o avanço das ciências, principalmente no final do século XVIII, foram elaboradas substâncias com efeitos anestésicos, alterando significativamente o conceito da mesma. Com isso, a dor deixa de ser entendida como algo inevitável e o sofrimento é cada vez menos aceitável pela capacidade antálgica da Medicina. Atualmente, na maioria dos grupos sociais, a dor já não é mais tolerável, perdeu o seu valor; a Medicina se opõe às virtudes da dor, que estão relacionadas à sobrevivência e à condição do ser humano. Ao negar esse significado o homem é privado de seus próprios recursos de conservação e se torne incapaz de responder ao sofrimento (LE BRETON, 2013; TEIXEIRA; OKADA 2009).

Durante o século XX, o esporte sofreu profundas alterações, influenciado pelas transformações culturais e pelas demandas comerciais que aconteceram na sociedade. Essas mudanças foram fundamentais para a representação sobre o atleta contemporâneo, que se transformou do ideal de humano com o contato com o divino na Grécia Antiga, para uma figura explorada pela sociedade industrial (RUBIO, 2001).

O atleta está sempre em busca da superação dos próprios limites. No entanto, atualmente, a utilização do seu corpo está relacionada com batalhas tecnológicas contra o limite e os recordes (RUBIO, 2001; 2004; 2006a). Ser atleta se transformou na espetacularização do desempenho, na superação a qualquer custo, dando ênfase às exigências da glória e marginalizando a derrota (RUBIO, 2006a). Essa relação que o atleta estabelece marca o seu corpo e a sua relação com ele; como também, a sua memória.

O esporte de alto rendimento requer a aptidão particular para resistir ao esforço e ao cansaço. No sujeito atleta, corpo e mente travam uma luta íntima com a dor e o sofrimento que envolve uma negociação pessoal com o limiar de dor suportável. O melhor desempenho é a referência para esta capacidade de superação dos limites. Ao contrário da dor da doença, que foge ao controle do atleta, levando à sua desestruturação, a dor para melhorar o desempenho permanece sob o controle do praticante que faz dela a matéria prima da construção da sua identidade atlética: “a dor é o sacrifício que o atleta consente numa troca simbólica que visa fazê-lo conquistar uma boa classificação na prova ou estabelecimento de recorde” (LE BRETON, 2013, p. 207).

Na cultura ocidental, a dor é considerada cruel, moralmente ruim e comparada à tortura. Se uma pessoa não aceita os meios científicos de cura, ele será culpado e sofrerá, pois apenas a ciência e seus conhecimentos podem curá-la. No ambiente esportivo, encontramos outra relação com a dor: ela é considerada como parte integrante de um mundo específico e o sacrifício que o atleta faz e as dores que ele sente são consentidas, ou seja, aceita socialmente. Nesse contexto, o corpo está sujeito a uma violência simbólica e que confessa através do desempenho e da ruptura de seus limites. O corpo é uma máquina e seus recursos devem ser gerenciados para terem as suas disfunções suprimidas, a dor não deve ser sentida (LE BRETON, 2013).

A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade feminina e de caráter artístico, que busca o belo, tendo como princípio a naturalidade para a perfeição dos movimentos corporais. Para tanto é preciso rigidez e disciplina; para as atletas alcançarem esse lugar, a vida se restringe aos treinos e competições, exigindo o limite do corpo e da alma. Dessa maneira, a dor e o sofrimento passam a fazer parte da vida íntima das atletas, como uma condição para serem o que são.

2.3 História Oral, História de Vida e Narrativas Biográficas

O presente estudo foi elaborado a partir da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, realizada nos últimos dezessete anos sob a coordenação da Profa. Dra. Katia Rubio, cujo objetivo é, a partir das narrativas biográficas dos atletas olímpicos brasileiros, compreender a constituição da memória social dos atletas que participaram dos Jogos Olímpicos de Verão (RUBIO, 2014). A trajetória teórica metodológica da pesquisa teve início com a história oral e história de vida, chegando às narrativas biográficas, “entendidas como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da sua existência” (RUBIO, 2014, p.112).

Trabalhar com as narrativas biográficas é uma maneira de captar os relatos orais, largamente utilizados hoje como alternativa metodológica em estudos qualitativos, que partem da experiência de vida dos indivíduos para desvelar as relações sociais e culturais. É um método que surge a partir da história oral e da história de vida, métodos qualitativos usados para conhecimento de processos históricos e psicossociais ao longo do século XX (QUEIROZ, 1988). Recentemente, esse método é também utilizado em estudos sociais do contexto esportivo (RUBIO, 2001; 2006; 2014).

A ciência moderna, por longo período descartou a subjetividade por considerá-la uma produção individual ou impossível de ser traduzida e multiplicada, uma vez que não podia ser comprovada experimentalmente. Assim, os dados não objetivos, não eram adaptáveis aos modelos de investigação existentes, baseados na tradição cartesiana e equivalentes ao esquema hipótese-verificação. No século XIX, uma nova concepção de ciências sociais passou a ser considerada e os estudos sobre a subjetividade ganharam relevância por apresentar outras vias de acesso aos grupos sociais. Dentre os estudos desenvolvidos nessa perspectiva, estão as identidades, não como condições inatas, nem permanentes, mas incompletas e em permanente processo de elaboração durante toda a vida, carregando consigo, além dos traços pessoais, os traços das nossas culturas e tradições (ALVES; CALSA; MORELI, 2015).

História oral, história de vida e narrativa biográfica estão inseridas nos métodos qualitativos em pesquisa e surgem pela necessidade de compreensão da relação entre o sujeito e os conceitos construídos e relatados por ele. A maneira como as pessoas sentem o mundo depende de como cada um vivencia suas experiências, que por sua vez, são percebidas através das relações estabelecidas entre os sujeitos e o coletivo. Elas permitem o acesso à construção

subjetiva de conceitos que traduzem os sentidos dados pelo sujeito ao fato vivido (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008).

A história oral é o estudo de memória, construção de identidade e formulação de consciência coletiva. É um termo amplo que envolve grande quantidade de informações sobre fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se queira complementar (QUEIROZ, 1998). É largamente utilizada para preencher vazios de documentos convencionais e como possibilidade de análise das narrativas para verificar aspectos subjetivos. As experiências individuais se repetem em um grupo, o que se caracteriza como memória coletiva. A subjetividade que permeia a narrativa de uma pessoa ou grupo, à qual, depende da memória, que por sua vez depende dos rituais e vida material de grupos (MEIHY; HOLANDA, 2010).

De acordo com Lira e Mendoza (2000), há duas características essenciais da história oral no que diz respeito à subjetividade do sujeito, são elas: o acesso à experiência subjetiva das pessoas e o reconhecimento de que a própria relação entre pesquisador e entrevistado constrói a narração. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p.30).

A metodologia de história de vida busca a apreensão de narrativas através de instrumentos eletrônicos de registro, com intenção de promover o entendimento de processos sociais. A história é registrada por meio de entrevista para poder coletar as experiências e tradições de um grupo ou de um indivíduo (MEIHY; HOLANDA, 2010). Com a entrevista, é possível resgatar experiências, fatos e processos de construção de identidade cultural através da história do sujeito que, inserida em um dado momento histórico, torna-se parte integrante do próprio processo de construção histórica e de uma identidade coletiva, podendo, assim revelar detalhes que nos aproximam do entendimento desses processos (BOSI, 1994; POLLAK, 1989).

A história de vida relaciona os elementos individuais ou coletivos registrados na memória ao ato de narrar essas memórias, agregando o processo de interpretação das experiências do sujeito aos fenômenos sociais, ou seja, a história de vida busca a fidelidade das experiências e interpretações do ator social sobre seu mundo (RUBIO, 2001). A memória individual, segundo Halbwachs (2006), depende do seu relacionamento com grupos distintos e, portanto, depende dos quadros sociais e instituições as quais pertence, como seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a

profissão. Toda memória pessoal é também social, familiar e grupal e, por isso, ao recuperá-la, é possível captar os modos de ser do indivíduo e da sua cultura (BOSI, 1994).

A história de vida é vista como uma forma particular de história oral e o instrumento para captar e organizar a memória, apreender valores individuais e coletivos, a partir da perspectiva de um sujeito inserido em grupos sociais. Para Rubio (2004), a atitude reflexiva do narrador, ao desenrolar os fatos, pode permitir uma nova vivência em que episódios marcantes são resignificados desenhando a memória individual e parte da memória coletiva do fenômeno estudado.

Segundo Rubio (2014), a busca pelas histórias de vida dos atletas teve o intuito de permitir que os componentes objetivos, como datas, trajetórias e memórias das situações vividas pudessem ser associados aos de ordem subjetiva, pessoal, afetiva e emocional de cada atleta. A associação entre os dois traria pistas sobre o entendimento do sujeito complexo.

Durante a construção da pesquisa houve a aproximação com a *história da mentalidade* de Le Goff (2003) para a compreensão da natureza deste trabalho. O objetivo foi trabalhar com a imprecisão e a busca de uma aproximação com outras ciências humanas para poder compreender os vários aspectos que compõem o sujeito, sejam eles individuais ou coletivos. No processo de organização da narrativa, o atleta traz na sua trajetória aquilo que ele viveu, influenciado pelo contexto das situações para promover o entendimento da sua própria vida: “O convite à reflexão de sua história leva a pessoa a uma atitude de recolhimento introspectivo que favorece a criação de imagens e lembranças, permitindo a reconstrução da memória” (RUBIO, 2014, p. 111).

Assim, o início do percurso metodológico se deu pela história de vida, entendida como uma forma de história oral e uma maneira para captar e organizar a memória do sujeito e do grupo social. Porém, o quadro ganha complexidade quando questões relacionadas à formação de identidade passaram a compor as narrativas coletadas (RUBIO, 2014). Situações como discriminação de gênero, racismo, abusos e dor passaram a exigir outros referenciais de análise para compreender o cenário.

A partir de então, é adotada a postura de Hall (1997; 2000; 2001), na qual o pesquisador está implicado no processo de pesquisa e altera seu campo de observação na medida em que interage com ele. Através dos relatos das histórias individuais, da trajetória histórica e cultural de um determinado grupo, ou ainda, das forças que constituem um campo social, o protagonista reconstrói a sua história e sua identidade.

Dessa maneira, escolher narrativa biográfica como método é uma forma de captar a história, a memória e os valores de cada pessoa e a sua relação com a história do grupo de que

faz parte e representa. Na sua sequência os eventos são escolhidos, organizados, conectados e avaliados como significativos para um determinado público. As histórias em si são fundamentais aos seres humanos e o ato de contá-las constrói a sociedade, uma vez que vivemos nossas vidas e compreendemos a nós mesmo e o nosso mundo através de histórias (RIESSMAN; SPEEDY, 2007). Narrar o que vivemos, ouvimos, lemos ou inventamos é parte essencial de quem somos; as pessoas se identificam através do que é narrado pelo outro e, para ser humano e ser social, requer a competência de contar e compreender histórias. Ao contar as histórias, elas respiram e nos fazem respirar, dando um sopro de vida, não apenas aos indivíduos, como também aos grupos que se reúnem em torno de certas histórias (GONÇALVES; AMATO, 2016).

Para Rubio (2014; 2016), as narrativas biográficas têm papel fundamental na constituição da memória social do esporte brasileiro e do imaginário esportivo¹. As atletas narram suas memórias individuais mediante um convite: Conte-me a sua história de vida (RUBIO, 2001; 2004; 2006a; 2014). Os conteúdos vividos apontam para a subjetividade que envolve a construção e elaboração da memória, que no presente estudo está relacionada com os significados da dor. As formas de expressão e organização destes elementos significativos dentro de um fluxo temporal afetivo estão, principalmente, na linguagem. Portanto, ela é o elemento privilegiado na construção e circulação do significado individual e coletivo. Os significados das coisas não são naturais ou intrínsecos às mesmas, mas fruto de como são socialmente elaborados por meio da linguagem (HALL, 1997; RUBIO, 2014).

No processo de reconstrução de memórias do atleta, o entrevistador e entrevistado formam um grupo, no qual seus integrantes estão inter-relacionados e a conduta de ambos é interdependente. Isso ocorre pelo processo da comunicação, ou seja, a conduta de um, seja ela consciente ou não, atua de forma intencional (ou não) como estímulo para a conduta do outro, que, por sua vez, atua novamente, agora como estímulo para as manifestações do primeiro (BLEGER, 2003).

Além dessa comunicação, a linguagem é composta por outros traços que não podem ser contidos dentro de segmento único, mas que também se relacionam com o significado, como a tonalidade da voz, timbre, ritmo, etc. Essa comunicação não verbal possui

¹ O imaginário esportivo pode ser descrito como os vários elementos que existem no universo do esporte, responsáveis por caracterizar tanto o fenômeno como o protagonista do espetáculo. Os grupos têm determinados padrões de comportamento que influenciam e, muitas vezes, determinam a conduta do sujeito atleta, como daqueles que participam direta ou indiretamente do esporte. São interpretações que o sujeito atribui à realidade e, que estão relacionadas com o plano das ideias, signos e símbolos sobre uma realidade percebida. O imaginário esportivo fornece um fator unificante a este universo, no qual significados e estruturas simbólicas se entrelaçam (RUBIO, 2011).

significados implícitos e conotações sociais e, segundo Lira e Mendoza (2000), tais feições são o lugar das funções narrativas essenciais, pois “revelam as emoções dos narradores, sua participação na história e a maneira como a história os afetou” (p.86).

Durante a pesquisa, foi observado que o momento da entrevista é, muitas vezes, um espaço para lembrar de pessoas e fatos que fizeram parte da história do atleta e são acompanhadas por emoções. E, em outros momentos, a entrevista se tornava um breve relato de fatos e conquistas sem um aprofundamento. Situações como essa acontecem quando o sujeito tem rigidamente organizada sua história e seu esquema de vida presente, como meio de defesa contra a memória de fatos e áreas de conflito de sua situação real e de sua personalidade (GONÇALVES; AMATO, 2016).

Analisar as narrativas de um grupo de atletas é uma das maneiras de coletar sua história e acessar a subjetividade. Por esse método, podemos encontrar, nas memórias dos narradores, a compreensão do grupo social no qual está inserido, ao trazer à tona o que está além do indivíduo, a possibilidade de compreender as identidades culturais, através da captação de valores por meio da memória individual e coletiva. Narrando a memória pessoal, o sujeito percebe o mundo à sua volta e atribui significados às suas experiências, às quais se encontram dentro de um contexto social. Esse tipo de narrativa promove uma proximidade das situações vivenciadas pelo narrador, tanto no que se refere à intensidade como à veracidade dos fatos (RUBIO, 2014).

A análise se constitui numa situação várias atividades comunicativas: o pesquisado deve contar sua história, descrever situações vividas, argumentar sobre problemas significativos e recorrentes, e como ele/ela se relaciona com isso. O pesquisador, ao trabalhar meticulosamente sobre esse material comunicativo, também se torna, ele mesmo, mais um interlocutor, integrando o circuito dialógico da produção do conhecimento. Ao narrar sobre si mesmo, localiza-se quanto a outras narrativas, e participando de um consenso mais amplo (CARVALHO, 2003).

Na pesquisa, coletar e analisar essas histórias serve para investigar e compreender como essas pessoas se tornaram atletas, como construíram sua trajetória dentro do esporte e como se tornaram sujeitos que interpretam os significados atribuídos ao esporte e à dor neste contexto. A narrativa do atleta é constituída de elementos que se encontram em sua trajetória pelo tempo e na vivência esportiva, possibilitando ressignificações da memória individual e parte da memória coletiva do fenômeno estudado. Essa memória aponta para situações da vida dos atletas e como experienciam e significam a dor no esporte.

2.4 Procedimentos para a escuta das narrativas

Esta pesquisa utilizou os registros de narrativas coletadas por meio eletrônico audiovisual. O primeiro contato com a atleta/pós-atleta foi realizado por telefone, e-mail ou redes sociais dando início ao vínculo entre pesquisador e pesquisado, situação necessária para a continuidade do processo. O local do encontro foi previamente combinado e escolhido por cada uma das atletas, a fim de garantir a sua integridade e a qualidade da pesquisa.

Permitir a possibilidade de escolha de dia, hora e local auxiliou no processo de vinculação, imprescindível para a adesão e confiança do sujeito que narra a sua história de vida. O vínculo é a capacidade que temos de estabelecer laços com o outro, processo necessário para a constituição de uma pessoa. No caso de uma entrevista, a necessidade do vínculo passa primeiro pelo tempo do estabelecimento da confiança, para que, então, o sujeito possa narrar a sua história (GONÇALVES; AMATO, 2016).

O objetivo do estudo foi explicado de forma detalhada para uma boa adesão e para que a narrativa transcorresse fiel aos seus objetivos, com o sujeito à vontade para contar sua história. Os encontros narrativos foram feitos com cuidado e afeto, o vínculo foi facilmente estabelecido. O cuidado incluía o respeito ao tempo de cada atleta, ou seja, o tempo próprio que elas necessitavam para se sentir à vontade para compartilhar sua história. Segundo Corrêa (2005), afeto pode ter vários significados como, adesão por outrem; estado moral (bom ou mau); disposição de alma; agrado e desagrado; emoção (amizade, amor, ira, paixão). Filosoficamente, ele traz a ideia do afeto como emoções positivas que se referem às pessoas ou modificações produzidas no ser humano pela afeição (como ação externa).

No encontro com as participantes e, antes de darmos início à narrativa das atletas, elas foram lembradas sobre o objetivo da pesquisa; foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ressaltar, principalmente, as questões éticas da pesquisa, e a autorização para gravação da entrevista em vídeo, os quais, em qualquer momento da pesquisa, poderão ser requeridos pelo sujeito. A duração da entrevista variou de acordo com o tempo do sujeito, uma vez que o tempo da memória não é o mesmo que o tempo cronológico e, por isso, variava de acordo com o narrador. A duração da entrevista foi determinada pela disposição das participantes (RUBIO, 2014).

De acordo com a determinação do Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP), o projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (SIGLA CEP – EEF/USP).

Para que as atletas narrassem suas histórias, foi realizado um convite: *Conte-me a sua história de vida, por favor*. Este tipo de proposta metodológica, na qual, o sujeito narrador é, para nós, a figura central a coloca no direcionamento da sua própria narrativa e, ouvir a sua história sendo traduzida sonoramente significa olhar com atenção a narrativa que nos traz. Dessa forma, o narrador pode escolher livremente como acessar suas memórias e o desenvolvimento da narrativa.

O pesquisador interage o necessário para que o sujeito continue a narrativa e aprofunde temas como questões demográficas, história no esporte, significado da dor e consequências da mesma para sua carreira esportiva. Durante a narrativa, foram solicitados, especificamente, aspectos relacionados à percepção e significado da dor. A forma de incentivo ao tema foi: *Como você lidava com a dor?*

Ao narrar sobre a dor, a atleta traz à tona a sua memória sobre o tema, significados atribuídos, experiências e percepções vividas individualmente e no contexto (grupo/momento) em que ela sentia a dor.

Durante o encontro, a relação entre pesquisador e atleta delimita e determina o campo da narrativa e tudo o que nela acontece. O entrevistador deve permitir que o campo da relação interpessoal seja predominantemente estabelecido e configurado pelo narrador ele quem conta a história. A personalidade ou o conjunto ou repertório de possibilidades, devem atuar ou se exteriorizar durante a narrativa. Assim, pois, o encontro narrativo funciona como uma situação em que se observa parte da vida do sujeito, que se desenvolve em relação a nós e diante de nós. O encontro também é dinâmico, o que significa que ele está sujeito a uma permanente mudança e que a observação se deve estender do campo específico existente em cada momento à continuidade e sentido dessas mudanças. Aquilo que não nos pode dar como conhecimento explícito, nos é oferecido ou emerge através do seu comportamento não verbal; e este último pode informar sobre sua história ou seu presente em graus muito variáveis de coincidência ou contradição com o que expressa de modo verbal e consciente (GONÇALVES; AMATO, 2016).

Após o processo de coleta das narrativas, foram transcritas em forma de texto, respeitando todos os detalhes e idiossincrasias contidas na fala. Com o intuito de tornar o registro da narrativa um documento analítico para pesquisa, foi realizada a transcrição do relato para o texto para além da transcrição literal da entrevista. Nesse procedimento, é realizada uma interpretação do relato do entrevistado, uma espécie de recriação do relato em que a linguagem não verbal também é admitida no texto, exigindo um esforço transformador do pesquisador. Neste momento se faz necessário escutar o que foi dito, prestando atenção na

repetição, nos gestos, nas ênfases e aspectos mais relevantes para o narrador (MEIHY; HOLANDA, 2010).

O exercício de narrativa envolve o exercício da memória, a capacidade de recordar, a captura do tempo e a transposição para uma forma de linguagem (RUBIO, 2014). A narrativa deve ser tomada como linguagem, numa posição privilegiada na construção e circulação do significado:

E assim, o discurso não é entendido no seu aspecto linguístico ou como um conjunto de palavras, mas como um conjunto de práticas que produzem efeitos no sujeito. Nessa perspectiva, tudo o que se pensa ou se diz da realidade é um reflexo e uma projeção da experiência vivida como real, independente da afirmação dessa realidade exterior ao sujeito e dos sentidos que são dados a ela. Isso representa a existência de uma materialidade conectada com o que se pensa e se diz, ligada ao discurso (RUBIO, 2014, p.114).

Transcrever as narrativas transformando-as em linguagem escrita traz a possibilidade e a capacidade de multiplicar interpretações sobre o texto. As representações verbais da memória permitem a recriação da história do sujeito, favorecendo a elaboração de construções identitárias; amplia os conteúdos para o entendimento de uma esfera maior como o do grupo social pertencente, a modalidade, o significado da dor, etc. Nesse sentido, essas narrativas biográficas são também narrativas identitárias e favorecem diferentes perspectivas de análise (RUBIO, 2014).

2.5 Participantes da pesquisa e procedimento de análise

2.5.1 Atletas Olímpicas Brasileiras da Ginástica Rítmica (GR)

As histórias apresentadas nesta pesquisa foram cedidas pelas 18 atletas da GR que foram a, pelo menos, uma edição dos Jogos Olímpicos até a edição de Londres em 2012. No decorrer da história da GR no Brasil, houve participação de uma atleta em 1984 (Los Angeles, EUA), uma em 1992 (Barcelona, ESP); nos anos de 2000 (Sydney), 2004 (Atenas) e 2008 (Pequim) o Brasil contou com a participação total de dezesseis atletas olímpicas (seis em 2000, seis em 2004 e seis em 2008). Apenas duas atletas estiveram em duas edições olímpicas (2000/2004 e 2004/2008). Nos Jogos de Londres, 2102, o Brasil não teve representante na modalidade.

A seguir, tabela que resume as principais informações das dezoito atletas:

Tabela 1: Atletas Olímpicas Brasileiras da GR

Edição Olímpica	Atleta	Cidade de nascimento	Ano de nascimento	Início na GR	Seleção Brasileira Adulta	Fim de carreira
1984 Los Angeles	Rosana Favila	Rio de Janeiro	1965	6 anos	17 anos	1989 / 24 anos
1992 Barcelona	Marta Cristina (Kitty)	Passo Fundo	1974	7 anos	9 anos	1992 / 18 anos
2000 Sidney	Alessandra Ferezin	Londrina	1976	8 anos	13 anos	2000 / 24 anos
	Camila Ferezin	Londrina	1977	7 anos	12 anos	2000 / 23 anos
	Dayane Camillo	Londrina	1977	6 anos	13 anos	2003 / 26 anos
	Flavia Cristiane Faria	Brasília	1982	10 anos	14 anos	2002 / 20 anos
	Natalia Shcherer	Santa Cruz do Sul	1985	5 anos	12 anos	2004 / 19 anos
	Thalita Santos	Londrina	1985	7 anos	14 anos	2003 / 18 anos
2004 Atenas	Ana Maria Teixeira Maciel	Londrina	1987	7 anos	7 anos	2004 / 17 anos
	Fernanda Cavalieri	São Paulo	1985	7 anos	14 anos	2004 / 19 anos
	Jennifer de Oliveira	Londrina	1989	6 anos	8 anos	2004 / 15 anos
	Larissa Barata	Salvador	1987	8 anos	16 anos	
2008 Pequim	Daniela Aleixo	Belo Horizonte	1988	8 anos	16 anos	2008 / 20 anos
	Luana Faro	Belém	1990	6 anos	14 anos	2008 / 18 anos
	Luisa Harumi Matsuo	Florianópolis	1988	8 anos	16 anos	2012 / 24 anos
	Marcela Oliveira Menezes	Salvador	1986	10 anos	17 anos	2008 / 22 anos
	Nicole Romme Muller	Toledo	1989	10 anos	14 anos	2010 / 21 anos
	Tayanne Coelho	São Paulo	1987	6 anos	10 anos	2008 / 21 anos

2.5.2 Procedimentos de análise

O atleta é uma figura particular com subjetividade própria e singularidades culturais. A sua identidade se desenvolve na relação com o grupo da modalidade, a qual surge e se fortalece a partir de uma dinâmica particular denominada cultura da modalidade (RUBIO, 2011). Os hábitos, a linguagem, obrigações, rotinas, etc., influenciam no sujeito e podem ser determinantes para a qualidade da prática e a longevidade do projeto de vida de ser atleta. A

GR possui características particulares da modalidade, como a especialização precoce, alta exigência técnica, relacionada com a perfeição dos movimentos, excesso de treinamento, isolamento social, perfeição da imagem, alimentação controlada e retardo do crescimento físico e emocional, etc. Assim, forma, cultura e sujeito se entrelaçam para trazer à tona a oque cada uma dessas atletas pensa sobre os direitos e deveres por estar na modalidade, bem como quais os significados atribuídos à dor por cada atleta, sendo eles individuais e coletivos ao mesmo tempo.

A partir do século XX, a subjetividade passa a ser olhada como algo construído socialmente. A sociedade moderna encontrou o sujeito dentro do grupo social e das normas coletivas e a formação da identidade a partir daí se localiza na relação do sujeito com as suas relações sociais mais amplas. O ser humano é social, histórica e discursivamente construído. Há uma internalização do exterior do sujeito e a externalização do interior através da ação do mundo (HALL, 2001, p.31).

Nessa perspectiva, é através da linguagem, dos sistemas ou códigos de significado que cada pessoa dá sentido às suas ações, pois permitem interpretar aquilo que constitui a cultura. Os significados são subjetivamente válidos, mas para isso devem estar presentes na sociedade. A linguagem e os significados têm tido o efeito de tornar indistinta, senão de dissolver, a fronteira entre as duas esferas, do social e do psíquico (HALL, 1997; 2000; 2001).

Sob a ótica dos Estudos Culturais (HALL, 1997; 2000; 2001; DA SILVA, 2000; WOODWARD, 2000), inspiração teórica para pensar as práticas sociais cotidianas e suas produções culturais, localizei o sujeito atleta dentro do seu grupo pertencente, GR. A partir disso, trabalhei com narrativas biográficas como método que auxilia no entendimento de fenômenos sociais, pois fornecem para o pesquisador um insumo de análise mais amplo e aproximado das realidades ao contar com a percepção e sentimentos informados pelos indivíduos sobre a dor. Isso, porque, uma vez que o sujeito faz parte de uma cultura, para que sua identidade individual faça sentido e sua comunicação seja coerente, é preciso que o pertencimento ocorra.

A complexidade do tema me levou a experimentar um diálogo para chegar à interpretação da dor na GR recorrendo aos estudiosos da cultura e da dor como Geertz (1989), Helman (1994), Pimenta e Portonoi (1999), e Le Breton (2013; 2016). O primeiro colabora com a perspectiva da antropologia simbólica que enfatiza a dependência do ser humano com os símbolos; defini cultura como um texto no qual o ser humano está imerso, levando ao entendimento de que para compreender o indivíduo é preciso entender onde ele está inserido. Helman desvenda o corpo a partir de uma realidade social, além de física. Isto é, a forma, o

tamanho e os adornos do corpo são um modo de comunicar informações sobre a posição de seu dono na sociedade. A partir desse olhar, a dor, seja qual for a sua forma, é parte inseparável da vida cotidiana e sofre influência do contexto social e cultural sobre as maneiras de pensar e de agir das populações frente ao corpo. Pimenta; Portnoi (1999); Portnoi; Nogueira; Maeda (2009), pesquisadores da psicologia da dor, agrega a este trabalho os conhecimentos da psicologia e as dimensões psíquicas e afetivas sobre o tema.

O sociólogo e antropólogo Le Breton (2013; 2016) se destina a compreender o corpo humano e sua relação com a sociedade. O corpo é percebido como uma matéria-prima que se molda, promovendo nosso enraizamento no mundo. Viver é sempre jogar o corpo no mundo ao ver, escutar e experimentar através dos gestos, mímicas, maneiras de se falar, de se emocionar e se comunicar. Nessa perspectiva, a dor está inscrita em um emaranhado de fios antropológicos, e não apenas como algo sensorial, fisiológico e isenta da dimensão afetiva. Não há dor sem sofrimento, sendo ela sentida e percebida por aquele que a sofre.

A dor é amplamente estudada nas ciências Médicas e teóricos como Melzack e Wall (1991), Merskey e Bogduk (1994), Kobayashi (2003), Loeser (2008; 2009), Lumley et al., (2011) e Teixeira (2009a; 2009b) colaboram com a visão da neurociência sobre o assunto na tentativa de explicar os aspectos biofisiológicos e a sua visão biopsicossocial. Não há como negar a fisiologia da dor, mas a maneira como se percebe e se suporta varia de acordo com a percepção construída em cada sociedade.

Para pensar a dor no esporte e na GR foi preciso realizar todo este percurso sobre os estudos da dor: fisiologia/ biologia e cultura e relacionar com o contexto esportivo e a GR.

Rubio (2001; 2004; 2006a; 2006b; 2007; 2010; 2013; 2014) colabora com uma visão psicossocial sobre o esporte, e, mais precisamente, sobre os atletas e as questões específicas como a dor nos atletas de alto rendimento; Soares (2001; 2002) amplia a discussão para a construção da imagem e o percurso da educação física nos corpos.

A concepção técnica da GR engloba vários autores, dentre eles, Lanaro Filho e Bohme (2001); Vieira et al., (2009); Silva et al., (2008), Rego, Reis e Oliveira (2007). Porém, para pensar a modalidade e seu aspecto cultural foi preciso dialogar com autores que pensam a GR e o contexto na qual a modalidade nasceu e se desenvolveu como Toledo (2010) e Cavalcanti e Porpino (2015).

Diante do enredado fio da cultura e da dor, os Estudos Culturais proporcionaram pensar nas narrativas das dezoito atletas, os sentidos e significados que elas atribuem à dor ao pertencerem a um grupo e cultura específicos. As categorias para análise dos dados coletados foram formuladas a partir dos estudos sobre dor e a maneira que cada sujeito encontra para

significar a dor nas estruturas do contexto esportivo. As perguntas chaves para formulação das categorias foram: quais são os elementos que dão sentido à cultura esportiva de GR e a partir de qual perspectiva as atletas significam a dor.

3 AS DIFERENTES FORMAS DE SIGNIFICAR A DOR

A experiência atual da dor, juntamente com a morte, é considerada a experiência humana melhor repartida, uma vez que todos sentem, mesmo que de maneiras diferentes. Na vida, o corpo se faz invisível e flexível, ele é apagado pelas vivências sociais; porém, a dor é capaz de quebrar essa unidade vivida que, enquanto apresenta integridade física e saúde, esquece-se das suas fraquezas. Quando a dor impõe sua presença, é possível perceber o limite de si, e reconhecer de forma consciente a sua finitude.

Durante a sua vida, o sujeito vive inúmeros momentos de dualidade, no que diz respeito à sua própria existência. Algumas situações impõem ao indivíduo o sentimento de sua indignidade física em relação aos outros. Assim, o cansaço, o esforço, um ferimento, a disparidade entre a vontade de ação e a impossibilidade de realizá-la, como fracassar ao saltar uma barreira, ao nadar ou mergulhar, estar sem folego, etc., são fatos que causam o sofrimento amargo de estar preso a um corpo diferente de si e rebelde em suas realizações, uma vez que o sujeito deseja, mas não consegue realizar pelo seu limite físico (LE BRETON, 2013; 2016).

O sujeito só é realmente abalado quando esse sentimento ou desprazer se instala de forma a confirmar a impressão de que seu corpo não é ele; a dor é uma ameaça ao sentimento de identidade, pois faz com que o sujeito renuncie a si e às relações sociais; qualquer dor causa uma metamorfose de identidade que modifica a relação com o mundo e com as pessoas. O controle social através do qual se organiza as relações do indivíduo diminui e em seu lugar aparece a dor através da queixa, das reclamações, etc. Assim, o sujeito se fecha em si para enfrentar a sua dor e não enfraquecer perante o outro (LE BRETON, 2013).

A Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) define a dor como "experiência sensitiva e emocional desagradável, associada a dano real ou potencial dos tecidos, ou descrita em termos de tal dano... a dor é sempre subjetiva. Cada indivíduo aprende a utilizar esse termo por meio de suas experiências prévias" (MERSKEY; BOGDUK, 1994). Essa definição reconhece as limitações impostas pela percepção individual e integra a dimensão subjetiva da experiência dolorosa. A incorporação da perspectiva subjetiva da dor representou um avanço nas pesquisas, na medida em que admite a possibilidade e existência da dor sem uma relação direta com uma lesão tissular. Isso porque, até um passado recente, as queixas que não pudessem ser comprovadas com a existência de alguma lesão ou afecção

eram desconsideradas ou julgadas como criação do sujeito em busca de algum ganho secundário (KOBAYASHY, 2003).

Cada indivíduo aprende a utilizar o termo “dor” através das suas experiências anteriores. Ela representa uma categoria de fenômenos que compreende uma série de experiências diferentes e únicas, tendo causas diversas e caracterizadas por qualidades distintas, que variam de acordo com critérios somatosensoriais, viscerais, afetivos, culturais e cognitivos, etc. Assim, a dor é parcialmente uma experiência emocional, e a correspondência entre dor e danos corporais é variável (LUMLEY et al., 2011).

Embora isso já seja sabido na literatura, ainda é muito comum aos profissionais que trabalham com dor tentar encontrar um correspondente físico ou puramente sensorial para justificar a dor de uma pessoa. Em consequência, continuamos com grandes lacunas no que diz respeito às dores que não têm uma “causa” física (HELMAN, 1994; HANSEN; STRELTZER, 2005; LUMLEY et al., 2011; BORSOOK, 2012; LE BRETON 2013).

Nesse e Ellsworth (2009) apontam que, na cultura ocidental, a emoção ou estados emocionais são vistos como inferiores à razão e as emoções negativas advindas da dor, por exemplo, são patologias e devem ter controle racional. Mais recentemente, mudanças apontam para novos modelos como o funcional ou evolutivo, que veem a emoção como tendo o potencial de facilitar o conhecimento e orientar e motivar o comportamento adaptativo.

A expressão da dor varia, não somente de um indivíduo para outro, mas também de acordo com as diferentes culturas e, para ser compreendida, se faz necessário verificar os vários aspectos da vida das pessoas, incluindo suas crenças, comportamentos, percepções, emoções, religião, estrutura familiar, linguagem, alimentação, vestuário, imagem corporal e efeito no nível de tolerância à dor. Isso explica situações nas quais estímulos, que produzem dor insuportável em uma pessoa, podem ser perfeitamente toleráveis por outra (GEERTZ, 1989). Cada cultura ou grupo social tem uma linguagem de sofrimento única e própria, que é um conjunto complexo de termos próprios por meio do qual os indivíduos comunicam a dor. Estas formas estão relacionadas a padrões culturais de valorização ou desvalorização e da exteriorização da resposta à dor e ao sofrimento. A tolerância à dor varia de um grupo para outro e está relacionada a fatores sensoriais (extensão e localização da lesão tecidual), a fatores genéticos, emocionais (medo, ansiedade, raiva), culturais (aprendizagem, experiências anteriores, significado simbólico da dor) e sociais (BUDO et al., 2007).

No esporte de alto rendimento, encontram-se sistemas de relações nos quais a dor é elemento fundamental do conjunto que organiza a sociabilidade. Na sua lógica, o atleta convive com a dor cotidianamente. O limite de tolerância vai além da fisiologia, pois se insere

em um sistema de valores e normas culturais relacionados à cultura do esporte e da modalidade. No ambiente competitivo, a dor estabelece o limite imposto pelo corpo e que, no caso da ginástica rítmica, pode ser ignorado. Enquanto a dor e o sofrimento provocados pela doença representam a experiência que desintegra a unidade da pessoa, também podem servir como matriz para a construção da identidade social dos sujeitos; os rituais e grupos constituem o palco real onde os sujeitos criam e atualizam esta identidade (BITTENCOURT, 2010; LE BRETON, 2013).

3.1 O significado da dor no decorrer da história

Compreender a dor é uma preocupação constante na história da humanidade. Desde épocas mais remotas da civilização os seres humanos desejam entender as suas razões e desenvolver procedimentos para seu controle.

Os povos primitivos usavam como fundamentos os modelos baseados na imaginação para justificar os mecanismos e os tratamentos da dor: identificavam o homem e o seu ambiente, não diferenciavam o meio interior do exterior e classificavam os fatos de acordo com as ideias funcionais. Dor e inimigos eram colocados no mesmo nível e possuíam significados parecidos. O homem pré-histórico não compreendia o que era a dor e a associava ao traumatismo, como lutas entre seres humanos ou entre eles e animais. Era sempre vista de fora para dentro do corpo. Relacionada com algo mágico, o tratamento agregava uso de acessórios e tatuagens, por exemplo. Além disso, o exorcismo da dor pelo xamã ou sacerdotisa do grupo era usado como formas e tentativas de supressão (TEIXEIRA; OKADA, 2009).

Estudos indicam que, provavelmente, a primeira civilização tenha surgido na Mesopotâmia, onde, em 3500 a.C., os sumérios desenvolveram os modelos das civilizações subsequentes e a escrita cuneiforme passou a ser utilizada. Nas civilizações da Antiguidade, doenças e dores eram diagnosticadas por intermédio da adivinhação e os tratamentos estavam ligados ao exorcismo, localizando a dor sempre como algo que advém de outro plano, como o místico ou por punição. Nesta época também há registro de uso de plantas como paliativos para o sofrimento causado pela dor. As pessoas seriam mais sensíveis à dor do que os demais seres, devido à sensibilidade e maior vulnerabilidade emocional, uma vez que dor e o sofrimento eram considerados uma condição do ser humano (REY, 2003).

Na civilização grega, mais especificamente na tragédia grega do século V a.C., a dor estava vinculada ao sofrimento. Ela aparecia constantemente nos trabalhos de Hércules e na

Íliada e Odisseia, e era considerada um antagonismo entre o físico e o moral de acordo com os eixos percepção e intensidade. A dor, além de ser inacessível e intratável, estava ligada ao sofrimento do corpo e da alma (TEIXEIRA; OKADA, 2009).

Platão (427-347a.C) acreditava que dor e prazer faziam parte da condição humana e eram opostos, por isso o prazer resultaria no alívio da dor. Para explicar, ele criou uma correlação anatômica para tudo que acontecia ao corpo, incluindo a dor. Neste esquema, o coração era o centro das sensações, o cérebro era o centro das lembranças e do raciocínio, e as sensações resultariam do movimento de átomos pelo corpo até o coração. Posteriormente, incluiu na sua teoria a experiência sensorial, originada no espírito, local onde também residia o coração, que, por sua vez, era o centro da dor. Hipócrates, apesar da influência da espiritualidade na medicina, descobriu e tratou as enfermidades de forma mais racional, utilizando plantas, temperatura e cauterização. Sócrates limitou-se a dizer que os estados de dor e prazer eram inseparáveis. Aristóteles (384-322 a.C.) distinguiu cinco sensações: visão, audição, gustação, olfato e tato; a dor seria a paixão da alma. Acreditava que a dor era sentida no coração, afirmando ser uma qualidade ou paixão do espírito, estado de sentimento oposto ao prazer. Sua teoria acreditava que a quantidade da sensação de prazer se dava por um equilíbrio ou quantidade apropriada de sensibilidade e quando estava em excesso resultaria na dor (TEIXEIRA; OKADA, 2009).

Por aproximadamente quatro séculos, o trabalho dos egípcios e dos gregos foi esquecido na civilização romana, até que foi recuperado por Galeno (131-201 d.C.), nascido em Pérgamo, na Grécia, e considerado o pai da medicina moderna. Ele fez uma compilação de toda a teoria que vinha sendo construída nos últimos séculos e trabalhou a partir de bases anatômicas e experimentais. Seu trabalho teve grande repercussão na teoria sobre fisiologia da sensibilidade, restabeleceu a importância do sistema nervoso central, anatomia dos nervos cranianos e espinhais e, conseqüentemente, os caminhos de sensibilidade e percepção da dor, a qual servia como uma alerta e proteção do corpo. Entre os séculos III e V d.C., foram preservados os pensamentos dos filósofos gregos, acrescentado maiores conhecimentos sobre o centro da percepção sensitiva, conceito reconhecido por muitos autores da Idade Média e que gerou avanço nos estudos da dor. A partir do século VI, o mundo ocidental viveu sob o poder da Igreja Católica e o conceito de dor passou a se relacionar com os seus dogmas. O Cristianismo acreditava que a dor é expressão de punição pelos pecados e transgressão das leis divinas. Os cristãos viam a dor como modo de retribuição divina ou como o sinal de alerta sobre a escolha de um indivíduo. A relação estabelecida entre religião e dor gerou atitudes de indiferença à mesma, práticas monásticas de mortificar a carne e encorajamento para a

redenção especialmente com flagelos. Na medicina, toda cura era dada pela fé e quase nunca por medicamentos (TEIXEIRA; OKADA, 2009a).

Ainda na Idade Média começaram a surgir as primeiras Universidades na Europa. Apesar dos horrores, das pragas, da fome, das guerras e da instabilidade social que ocorriam no período, houve também um grande entusiasmo, otimismo e unidade cultural, formando o renascimento do estudo da anatomia, da fisiologia e da medicina na Europa Ocidental em torno do ano 1000 d.C.. Os médicos passaram a receber os treinamentos em centros de ensino. Com o renascimento intelectual e a redução de guerras, houve uma mudança na atitude dos estudiosos e os escritores clássicos foram reconsiderados, bem como as contribuições do mundo árabe (REY, 1993; TEIXEIRA; OKADA, 2009).

Enquanto isso, no Oriente, provavelmente na metade do século VI, durante o período do imperador Kimmei (509 a 571 d.C.) teve origem o budismo. Porém, apenas no século XII é que o povo japonês despertou para a religião, concebendo seu próprio espiritualismo. O zen é a representação típica da espiritualidade japonesa. O budismo foi assimilado pelas classes superiores, enquanto o zen foi mantido nas raízes das classes médias. A espiritualidade zen fundamenta-se no controle da mente, usada para aliviar o desconforto e a dor (TEIXEIRA; OKADA, 2009).

No período do Renascimento, quando conhecimentos gregos e romanos voltam a ser considerados, ocorreram grandes avanços nas áreas da química, da física, da fisiologia e da anatomia, incluindo o sistema nervoso. O pensamento racional ganhou força e os significados relacionados à fé e a igreja diminuíram. Leonardo da Vinci e seus contemporâneos acreditaram que o cérebro era o órgão responsável pela dor e desenvolveram a teoria da coluna espinhal como transmissor das sensações do corpo para o cérebro. A partir do XVII, ou a “Idade da Revolução Científica”, a cultura europeia abandonou os conceitos doutrinários clássicos dos gregos e romanos, iniciaram o entendimento dos seres humanos a partir da racionalidade, gerando um novo movimento científico e filosófico encabeçado por Jerônimo Cardano, Francis Bacon (1561-1626), Immanuel Kant (1724-1804) e René Descartes (1596-1650). A partir do século XVIII, com o Iluminismo, novas mudanças aparecem, iniciando um período de racionalização do pensamento, como consequência da teoria mecanicista. Houve a descristianização da sociedade, o corpo é comparado a uma máquina e deve entregar o controle das ações para alma, pois essa interferia no mesmo. Dor corporal significava alma em sofrimento, que passa a ser vista, não só como sinal de alarme, mas também como um auxiliar na localização de uma doença (TEIXEIRA; OKADA, 2009; DA SILVA et al., 2010).

Nas referências dos estudos de dor ainda é usado o dualismo mente-corpo, visão relacionada com o mundo dicotômico referenciado em Descartes (1596-1650). Na visão cartesiana, dor está relacionada a fatores biológicos ou fatores psicológicos, nunca como um conjunto dos dois. Isso ocorre pela crença de funcionarmos por dois processos distintos. O pensamento dualista ainda permanece comum entre as pessoas que buscam a validação orgânica da dor, mas, perde força no contemporâneo, principalmente nos grupos que estudam especificamente dor e que reconhecem os fatores psicossociais e processos biológicos integrados (TEIXEIRA; OKADA, 2009; DA SILVA et al., 2010; LE BRETON, 2013).

Durante vinte e três séculos, a concepção da dor tinha como referência principal o corpo e recebe nova perspectiva quando o cérebro passou a ser o centro das sensações. No campo das ciências Médicas, os estudos chegam à anatomia, seguidos de grande avanço nos séculos subsequentes, contrapondo-se às teorias humorais. A filosofia mecanicista, através da qual se criou uma analogia entre máquina e ser humano, passou a ser utilizada para explicar doenças. A dor passa, então, a ser relacionada com fatores internos, externos e processos anti-inflamatórios. Os fatores psíquicos da dor começam a ser pensados quando dor e prazer são vistos como essência da sensibilidade humana. O intelecto e a atividade mental implicavam nas dores, principalmente naquelas que não eram passíveis de uma explicação puramente fisiológica. A dor se torna uma forma para estudar a relação entre a mente e o corpo:

A observação de que a dor poderia originar-se de muitas fontes internas, externas ou mentais e de que não apresentava estrutura específica para seu processamento foram razões da preservação do conceito clássico de que ela seria diferente dos cinco sentidos tradicionais (TEIXEIRA; OKADA, 2009, p.45).

Nos séculos XIX e XX, a indústria farmacêutica teve grande responsabilidade nos avanços de estudos para a dor e sua supressão com os fármacos analgésicos. Mesmo com o rápido avanço na Medicina, as pesquisas sobre o tema só começaram a ter importância a partir de 1960 e estavam restritas a temas da fisiopatologia da dor. No final dos anos 1990, a compreensão da dor entra em outro patamar com os estudos neurológicos e passou a ser considerada como o quinto sinal vital, junto à temperatura, pulsação, pressão arterial e respiração. Ela funciona como um alarme frente a alguma alteração, possui função adaptativa, educativa e protetora, pois protege o indivíduo de situações de risco à existência. É por meio dessa percepção que se aprende a evitar e reconhecer situações e objetos que provocam o surgimento e agravamento de lesões, as doenças e a morte (DA SILVA et al., 2010).

Neste período, os avanços nas teorias psicológicas fazem da hipnose um meio de supressão da dor, principalmente nas cirurgias. Sendo essa uma técnica psíquica que diminui e supre a dor, fez surgir dúvidas no que diz respeito à atuação do psiquismo na mesma. Teóricos dos estudos da psicologia, como Pavlov, foram responsáveis por verificar alterações orgânicas quando uma pessoa se encontrava com dor, raiva e demais emoções. Na mesma época, outras pesquisas relacionaram emoções com expressões físicas e tornou emergente a compreensão da complexidade dos fatores sensitivos, emocionais e psíquicos envolvidos na sensação dolorosa. Essas ideias continuam a influenciar atitudes e crenças sobre as causas de dor e o que pode ser feito para aliviar seus efeitos. Ao mesmo tempo, a ciência tornou-se uma força cultural que trouxe novos valores, novos credos e novos modos de estudar o fenômeno doloroso (PEREIRA; ZAGO, 1998; LUMLEY et al., 2011).

No fim do século XIX, existiam três conceitos conflitantes e definidos por fisiologistas ou por psicólogos a respeito da dor: a teoria da especificidade, a teoria da intensidade e a teoria do afeto. As duas primeiras relacionavam a dor às sensações físicas, e a afetiva às reações psíquicas e os desprazeres, este último seria o resultado da sensação da dor (DA SILVA et al., 2010; TEIXEIRA; OKADA, 2009).

Atualmente, o conceito mais aceito na neurologia compreende três componentes: o sensitivo-discriminativo (sensação física), que corresponde à identificação, à localização e às características físicas (por exemplo: mecânica, química, calor); a dimensão afetiva-motivacional que é a ligação com a emoção; e a dimensão cognitiva-avaliativa, que se relaciona com a atribuição de significados à dor. As recentes pesquisas e experiência clínica resultaram em mudanças no tratamento da dor que passa a ser analisada sob o conceito multidisciplinar, adotando a compreensão biopsicossocial. A partir de então, sob sua égide, foram estabelecidas a taxonomia, a neuroanatomia, a neurofisiologia, os aspectos psicológicos e as terapêuticas para a dor. Os mecanismos modulatórios, a interpretação clínica da sintomatologia dolorosa e o comportamento doloroso, mais que da nocicepção propriamente dita, passaram a ser relevados (PIMENTA; PORTNOI, 1999; LUMLEY et al., 2011).

Mesmo fazendo parte da história da humanidade, apesar dos avanços científicos e tecnológicos das ciências da saúde e da grande quantidade de pesquisas que buscam um maior controle sobre o fenômeno da dor, a experiência de dor na atualidade ainda não é compreendida. A complexidade do fenômeno exigiu a criação de um comitê da IASP (MERSKEY; BOGDUK, 1994), que, após discussões ocorridas de 1976 a 1978, definiu a dor como uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a um dano tissular real ou potencial ou descrita em termos de tal dano. Posteriormente, foi adicionada à definição, a

observação de que cada indivíduo aprende a utilizar esse termo através das suas próprias experiências, sendo uma experiência subjetiva (IASP, 1994).

Sendo a dor uma experiência pessoal e subjetiva, ela pode apenas ser sentida intrinsecamente pelo indivíduo, ser descrita como íntima e não compartilhada e que é modificada quantitativamente e qualitativamente em função de uma série de fatores internos e externos à pessoa. Nesse sentido, não só os componentes físicos e químicos devem ser considerados, mas, também, aspectos subjetivos, sociais e psicológicos. Para uma atuação apropriada ao fenômeno doloroso há que se entendê-lo como uma interação dinâmica e recíproca entre variáveis biológicas, psicológicas e socioculturais que modelam a resposta da pessoa a ela (ALMEIDA et al., 2010, LE BRETON, 2013).

Para Loeser (2008; 2009), uma concepção multidimensional da dor pode refletir-se na utilização léxica do vocábulo e no modelo de interpretação resultante do fenômeno doloroso, ou seja, é preciso ter clareza linguística para que a pessoa que sente consiga transmitir o que sente e a pessoa que recebe a informação consiga compreender, usando os mesmos termos. De acordo com esta proposta, delimitam-se quatro componentes formadores e necessários à descrição da experiência dolorosa: nocicepção, dor, sofrimento e comportamento doloroso. Essa proposta leva em conta que todos os componentes, à exceção do comportamento doloroso, constituem eventos pessoais, privados e internos.

A nocicepção é a detecção de lesão tissular por transdutores especializados ligados às fibras. A resposta à ela é, na verdade, o que se denomina dor. O sofrimento é uma resposta afetiva negativa gerada pela dor, medo, ansiedade, estresse, perdas e por outros estados psicológicos. O sofrimento, geralmente, leva a comportamentos dolorosos: caretas, gemer, mancar, ficar deitado, buscar auxílio médico, sentir-se incapaz, etc. (LOESER, 2008).

A maneira como uma pessoa experimenta, percebe e age diante da dor é resultado do aprendizado efetuado na cultura:

Os comportamentos são sempre influenciados por antecedentes e consequências ambientais, sejam reais ou previstos. Os comportamentos dolorosos crônicos e expressos ao longo do tempo revelam com especial clareza a influência do ambiente: o comportamento, neste sentido, resulta do aprendizado (LOESER, 2008, p. 3).

De acordo com Zborowski (1978) e Le Breton (2013), a cultura de um indivíduo torna-se uma influência condicionadora na formação dos padrões de reação à dor e o conhecimento das atitudes de um determinado grupo para a dor é importante para a

compreensão da reação do indivíduo. Nunca é puramente fisiológica, mas encontra-se na esfera do simbólico.

3.2 Pensando a dor como uma resposta fisiológica

A dor é uma manifestação ambígua de defesa do organismo, pois, se fisiologicamente, somos privados de sentir, a existência humana passa a estar perigosamente vulnerável. Ela protege das ameaças que pesam sobre sua condição: retração imediata e marca deixada na memória que facilita seu reconhecimento. Experiência vivenciada por quase todos os seres humanos, constitui um instrumento de proteção que possibilita a detecção de estímulos físicos e químicos nocivos, estabelece situações com limiares específicos e organizados, além de sensibilizar sistemas que protegem o indivíduo contra futuras lesões, de acordo com vários mecanismos. A maneira como cada um a percebe e suporta varia de acordo com a cultura, mas não há como negar a fisiologia ou os caminhos físicos e químicos da dor.

O fenômeno sensitivo doloroso acontece com a transformação dos estímulos ambientais, físicos ou químicos em potenciais de ação transferidos para o sistema nervoso periférico (SNP) e sistema nervoso central (SNC), que filtra, avalia e modula a informação (TEIXEIRA, 2009a). Estas transformações acontecem pela estimulação dos receptores sensoriais, chamados nociceptores, localizados na pele e órgãos internos. O sinal é, então, transmitido para medula espinhal e centros cerebrais, ligando a dor às suas diversas dimensões (DA SILVA et al., 2010).

O cérebro é responsável pela modulação da sensação dolorosa ao longo das vias neurológicas. A nocicepção é o sinal fisiológico que alerta o sistema nervoso da presença de um estímulo nociceptivo, estímulo capaz de lesionar. (TEIXEIRA 2009b; DA SILVA et al., 2010). O processamento das informações dolorosas envolve a interação funcional das unidades neuronais relacionadas à dimensão sensitivo-discriminativa da sensibilidade, que possibilita identificá-las no tempo e espaço; com a dimensão afetivo-motivacional, que lhe agrega conotação aversiva desagradável e com a dimensão cognitivo-avaliativa, que possibilita quantificá-las e atribuir-lhes significado simbólico individual (TEIXEIRA, 2009b).

O sistema nervoso tem como função filtrar, avaliar e modular as informações sensoriais, que, geralmente, estão abaixo do limiar sensorial. A dor acontece quando os sinais excedem esse limiar, são recebidos pelo cérebro e conscientemente notados. Essa ideia deu origem a Teoria da Comporta (*Gate-Control Theory*), criada por Melzack e Wall em 1962, teoria da fisiologia da dor aceita até os dias atuais (DA SILVA et al., 2010). Ela implica o

cérebro na nocicepção por ser responsável por modular os padrões de informações que produzem a resposta e percepção da dor. Esta teoria admite que exista um mecanismo neural que age como um portão/ comporta, podendo aumentar ou diminuir o fluxo dos impulsos transmitidos desde as fibras periféricas ao sistema nervoso central. O influxo somático submete-se, pois, à influência reguladora do portão, mesmo antes de criar uma percepção à dor e conseqüente reação.

A lesão produz sinais, porém, em algumas situações há problemas para identificar a fonte da dor, pois a modulação do cérebro da nocicepção não se opõe precisamente à estimulação. Assim, dor não é uma percepção comum. Ela não mostra uma relação um- a- um com o estímulo nociceptivo, uma vez que as modificações físicas nem sempre são acompanhadas por modificações da percepção. A experiência dolorosa é variável e fatores neurofisiológicos, hormonais, culturais, situacionais e psicológicos influenciam e interagem afetando a magnitude da sensação e do desprazer associado a ela (DA SILVA et al., 2010).

Tradicionalmente a dor é dicotomizada entre dor aguda e dor crônica, que diz respeito à duração da dor. A dor aguda é um indicador de dano do tecido potencial e vista como um alarme adaptativo para proteger o corpo e por isso é considerada com importante valor biológico (TEIXEIRA, 2009a; LUMLEY et al., 2011). A dor aguda é transitória e marca a vida cotidiana: “a ansiedade desempenha um papel negligenciável na percepção da maioria dessas dores imediatamente associadas a uma causa contingente e que se traduzem apenas num mau momento a enfrentar” (LE BRETON, 2013, p.29).

A dor persistente por mais de três meses é conhecida como dor crônica. Nesta, a situação é agravada, em particular, pela aprendizagem neurobiológica, psíquica e as mudanças sociais que podem auxiliar na manutenção da dor, ou seja, o alarme da dor aguda perde sentido, pois na dor persistente ocorrem mudanças comportamentais e neuronais para tentar reduzir a dor e que podem ser mal adaptativas. Ela induz a reações musculoesqueléticas, psicológicas e comportamentais que induzem à incapacidade e conseqüências biopsicossociais desfavoráveis (TEIXEIRA, 2009a; LUMLEY et al., 2011).

Dor é a percepção sensorial do estímulo nociceptivo e depende da natureza, da localização e da magnitude dos estímulos; é influenciada pelo estado funcional das estruturas nervosas, pela ocorrência de anormalidades orgânicas ou funcionais, pelas experiências de vida pregressas e presentes, pela atenção e pelos contextos constitucionais, culturais e emocionais do indivíduo e dos ambientes onde ela se apresenta (TEIXEIRA, 2009b; DA SILVA et al., 2010;).

[...] o homem não é uma máquina, nem a dor um mecanismo: entre a última, como instrumento virtual de proteção, e o primeiro, há a ambivalência e a complexidade da relação que une o homem ao mundo.

Dado que, justamente, ela não é uma sensação, mas uma percepção individual, isto é, significado, uma interpretação finalista da dor como “sentido defensivo” é ingênua e insuficiente (LE BRETON, 2013, p.18).

A fisiologia da dor aponta para várias tentativas de explicação do fenômeno doloroso, mas em todas elas há uma parte não revelada e de difícil acesso, uma vez que sua condição varia de lugar, momentos, pessoas, etc.. A maneira encontrada para ampliar essa compreensão é escutando as histórias que cada sujeito narra sobre o assunto, pois elas nos confidenciam os significados que determinada cultura revela sobre si. As pessoas são seres de relação e a sua sobrevivência está ligada ao grupo, uma vez que este desempenha um papel significativo na estrutura da identidade de um sujeito. Desta forma, embora exista uma variedade de estudos relacionando dor à biologia, fisiologia ou neurologia, pensar nas questões culturais amplia o campo para a compreensão das manifestações dolorosas, pois é através delas que uma pessoa atribui significados à dor.

3.3 A dor construída socialmente

A dor perdeu sua exclusividade biológica há algum tempo e compreendê-la tornou-se ainda mais complexo. Caracterizada como um fenômeno biopsicossocial envolve aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Processos biológicos ligados à sobrevivência sempre adquirem algum significado social ou cultural e com a dor não é diferente. É a sociedade e a cultura em que o indivíduo vive que define o tipo de significado dado a determinado processo ou acontecimento (LUMLEY et al., 2011; LE BRETON, 2013).

A dor que alguém sente é influenciada pelas experiências anteriores, as recordações que delas temos e a capacidade de compreender suas causas e consequências. Exemplo disso é a influência que os pais e família respondem à dor, o quanto de atenção se dá, a ansiedade, as observações em relação ao outro, etc. A história de cada indivíduo influencia a maneira como ele percebe o mundo e, por isso, “a dor não é um fato fisiológico, mas um fato de existência. Não é o corpo que sofre e, sim, o indivíduo em sua totalidade” (LE BRETON, 2013, p. 47).

A realidade do corpo remete a significados dos inconscientes social, cultural e individual e a dor e seus vários caminhos demonstram isso. O corpo não é apenas o organismo, mas como o sujeito o investe e o percebe. Assim, causalidade fisiológica não explica a complexidade da relação do homem com a dor, uma vez que esta responde a muitas

situações como a relação do sujeito com as suas percepções e vivências, com os modelos culturais e dos usos sociais em vigor. A dimensão ambígua e simbólica da dor cria sintomas ou queixas que não indicam nenhum dano físico. Dor e sofrimento podem existir sem que haja alguma lesão orgânica e permite o reconhecimento da necessidade de conforto e atenção de uma determinada pessoa. Ela também pode mostrar como a relação do sujeito com o mundo pode se dar de forma destrutiva e traduzir medo, culpa, dúvida ou um refúgio que afasta o temor de uma mudança percebida. Em casos assim, a dor desempenha o papel de garantia da autenticidade, pois legitima o sentimento da pessoa e pode se tornar uma defesa. O homem tem a capacidade de forjar seus sintomas, de alimentar sua dor que serve como placebo e eficácia simbólica; transforma a dor moral em dor física (LE BRETON, 2013).

As representações de determinada cultura expressam histórias sobre os sujeitos que participam de um grupo ou comunidade cultural e como elas vivem, seus padrões e referências para interpretar significativamente a experiência, modulando a consciência e a ação. A percepção e o significado da dor, enquanto experiência universal do ser humano, também é modulada pela cultura. Se a percepção da dor é uma experiência pessoal, que depende da aprendizagem cultural, da situação e de outros fatores únicos ao indivíduo, o significado que uma pessoa atribui à dor, o modo como ela define a sua situação e o impacto das experiências pessoais anteriores, determinarão a experiência de dor. Membros de culturas distintas assumem diferentes atitudes aos mesmos estímulos físicos de dor, o que diferencia é o significado atribuído a essa sensação, que depende das normas socialmente construídas como a idade, o sexo, a religião e a posição social do indivíduo (PEREIRA e ZAGO, 1998; GUERCI; CONSIGLIERE, 1999; LE BRETON, 2013).

A dor está sempre presa entre os fios emaranhados de uma história pessoal. Entre sofrimento de viver e sofrimento do corpo, ela oscila, unindo um a outro de maneira sutil e necessária, ou, às vezes, de maneira louca e cruel. Nenhuma lei fisiológica a fundamenta verdadeiramente, ela é múltipla: instância paradoxal de salvaguarda, prova repetida da existência, substituta do amor para atenuar a ausência, meio de pressão sobre o outro, garantia de uma reivindicação, modo de expiação, etc. (LE BRETON, 2013, p.57).

Apesar de ser uma sensação singular para quem sente, como qualquer outra experiência humana, ela é compartilhada através do seu significado, que é uma realidade coletiva (ZBOROWSKI, 1978). A cultura de determinado grupo social pode ou não permitir expressões e comportamentos de dor. Dessa forma, sentir, perceber e expressar a dor se torna diferente para cada grupo. Em uma pesquisa realizada para discutir respostas de dor em grupos sociais, o autor chega à conclusão que uma reação similar de dois grupos, não

necessariamente, reflete atitudes similares frente à dor e que padrões de reação semelhantes em termos de suas manifestações podem ter diferentes funções e servir de diferentes fins em várias culturas. Com algumas exceções, a dor é considerada algo ruim e desnecessário e, portanto, deve ser imediatamente cuidada. Helman (1994) complementa que nas situações em que a dor é esperada e aceita, como nas doenças, tratamento médico ou como resultado de atividade física e desportiva, há menos preocupação com a sensação dolorosa.

Cultura pode ser definida como “um complexo de conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras habilidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”; “são sistemas de ideias compartilhadas, de conceitos, regras e significados que modelam e são expressas nas formas como os humanos vivem” (HELMAN, 1994, p.22). Ela é responsável pelo conjunto de princípios, implícitos e explícitos, que mostram aos indivíduos como vivenciar emocionalmente e comportar-se no mundo. É, também, o que fornece a possibilidade de transmissão desses conhecimentos para a geração seguinte por meio do uso de símbolos, linguagem, ritual e arte. Pode ser vista como uma “lente” herdada, pela qual os indivíduos veem o mundo.

Hall (1997) conceitua cultura como um conjunto de práticas sociais, resultantes dos inúmeros e variados sistemas de significação e comunicação que os homens se valem para atribuir significados às coisas e para codificar, instituir e regular suas relações. A noção de cultura passa a ser pensada por meio de uma compreensão antropológica, pois considera todas as produções culturais válidas.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas culturas. Contribuem para assegurar que toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 1).

São muitas e variadas as definições sobre cultura dadas pela antropologia, o que acontece, provavelmente, pela amplitude do conceito.

Helman (1994) usa os conceitos descritos por Tylor, (1871) e Keesing (1981) para relacionar concepção de saúde com cultura. Para Tylor (1871), cultura é definida como um complexo formado por conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e toda e qualquer

capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Já Keesing (1981) trabalha com o conceito ideativo de cultura: sistemas de ideias compartilhadas; sistemas de conceitos, regras e significados que modela e são expressas nas formas como os humanos vivem.

A cultura é um conjunto de princípios herdado pelos indivíduos enquanto membro de uma sociedade e, os quais mostram a eles a forma de ver o mundo, de vivenciá-lo emocionalmente, e de comportarem-se dentro dele em relação às outras pessoas, religiões, crenças, ideais, etc. Através da cultura, as pessoas percebem e compreendem o mundo que habitam, criando maneiras para transferir um indivíduo de uma categoria para outra, como também de confiná-lo em determinada categoria. A percepção compartilhada do mundo cria a coesão e continuidade dos grupos humanos. Os grupos sociais têm sua linguagem própria, com atributos sociais distintos, como padrões alimentares, roupas, palavras, etc. e, para que haja identificação e comunicação, pequenos grupos se formam e criam seus próprios costumes, como as profissões: médicos, enfermeiros, militares, atletas, dentre outras (HELMAN, 1994).

Para Geertz (1989), o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise. Considera a cultura, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado, na qual uma partícula de comportamento ou um simples gesto é um sinal da sua existência. Estudar as culturas nos faz indagar qual a sua importância, o que está sendo transmitido, como e quando ocorre.

Os elementos da cultura consistem no que quer que seja que alguém sabe ou acredita, a fim de agir de forma que seja aceito pelos seus membros. A cultura é pública porque o significado o é, portanto, não é um poder ou algo possível de ser atribuído casualmente aos acontecimentos sociais, aos comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual pode ser descrito de forma inteligível. Dessa forma, compreender a cultura de determinado grupo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade (GEERTZ, 1989).

Estudar a cultura de determinado grupo é:

[...] descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o "dito" no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. [...] o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo — isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (GEERTZ, 1989, p.10).

As pessoas sofrem influência da cultura em muitos aspectos da vida, incluindo crenças e ritualizações, comportamentos, educação, percepções, emoções, conceitos de espaço e tempo, além das atitudes em relação à doença e às práticas médicas, dor e outras formas de sofrimento. Esses aspectos ainda sofrem influência dos aspectos individuais, como estrutura familiar, alimentação, vestuário, imagem corporal, idade, gênero, personalidade, experiências, educação, religião, etnia e profissão (HELMAN, 1994; LE BRETON, 2013).

Para toda sociedade, o corpo humano vai além do corpo físico; é um conjunto de crenças sobre seu significado social e psicológico, sua estrutura e funcionamento. O significado de imagem do corpo é usado para descrever as formas e conceitos das experiências com o corpo e englobam atitudes coletivas, sentimentos e fantasias sobre o seu corpo, como também a maneira pela qual cada um aprendeu a organizar e integrar suas experiências corporais, ato realizado socialmente. A cultura permite que o sujeito compreenda as mudanças, relações, percepções e interpretações que uma pessoa estabelece com sua imagem e com os corpos das pessoas do grupo ao qual pertence. A imagem corporal vai sendo construída e adquirida aos poucos e de acordo com os grupos sociais em que o indivíduo está inserido e são influenciados pelo histórico social e cultural, produzindo feitos importantes sobre a percepção do indivíduo. Em toda sociedade, o corpo tem uma realidade física e social, assim a forma e tudo que o compõe externamente comunica sobre a posição que se ocupa na sociedade, incluindo gênero, status social, profissão, grupos religiosos, etc. Essas características informam a linguagem corporal, os diferentes tipos de mensagens de cada cultura e de diferentes grupos na mesma cultura. É como se cada pessoa possuísse dois corpos: um corpo individual (físico e psicológico), adquirido no nascimento e um corpo social, necessário para viver em sociedade.

O corpo social é uma parte importante da imagem do corpo, pois fornece a cada pessoa uma base para perceber e interpretar suas próprias experiências físicas e psicológicas. É também através dele que a fisiologia do indivíduo é influenciada e controlada pelos princípios que regem a sociedade em que vive. A grande sociedade maior – ou o “corpo político” – exerce um controle poderoso sobre todos os aspectos do corpo individual: sua forma, tamanho, vestimenta, dieta alimentar e postura; seu comportamento com relação à doença e saúde além de suas atividades reprodutoras, profissionais e de lazer (HELMAN, 1994, p. 33).

Os Estudos Culturais explicam o pertencimento a um grupo pela identidade cultural, uma vez que esta é formada pela inserção do sujeito a uma cultura. A identidade é relacional, ou seja, para ela ser definida como identidade de uma cultura, ela precisa ter outra para se relacionar. Assim, a identidade é marcada pela diferença. Essa afirmação da diferença entre

mim e o outro envolve uma negação de que não existem quaisquer similaridades entre dois grupos. A diferença é sustentada pela exclusão (HALL, 1994, 1997; DA SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

A identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A construção da identidade é simbólica e social e refere-se ao meio pelo qual damos sentido a práticas e relações sociais. Através da diferenciação social as classificações passam a existir (HALL, 1997; 2000; 2001; DA SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

Pensando dessa maneira, os indivíduos sociais apreenderiam os significados culturais da dor antes mesmo de a vivenciarem, como uma categoria implícita e inconsciente construída socialmente em um tempo e em um espaço específico.

Ao considerar a dor como um fenômeno sociocultural, é preciso colocar o corpo como uma realidade social, ou seja, o social constitui o corpo como realidade, a partir da maneira como ele é visto pelo grupo social. Quando se experimenta qualquer forma e conteúdo doloroso, o sujeito social traz um conceito novo sobre o significado coletivo já expresso, permitindo atualizar sempre o significado contido no conceito inconsciente da dor em geral. A experiência individual se faz necessária para interiorizar os conceitos. O ser social e coletivo se complementariam como impregnados de um olhar social comum e, ao mesmo tempo, como sua renovação e continuidade (KOURY, 1999; SARTI, 2001).

A variação que cada um expressa a sensação dolorosa se deve, entre os vários fatores, a diferença no limiar de dor de cada sujeito. O limiar de tolerância à dor é a percepção da menor intensidade em que o estímulo passa a ser percebido como doloroso; é a menor intensidade que uma pessoa começa a perceber a dor como algo desconfortável. Diferente do limiar de percepção, que é parecido para quase todas as pessoas, o nível de tolerância varia muito e depende de fatores sensoriais, como extensão e local da lesão, fatores genéticos (relativo ao sistema nociceptivo e de modulação da dor), fatores emocionais, culturais e sociais (PIMENTA; PORTNOI, 1999).

Aspectos culturais e individual são determinantes para o limiar e nível de tolerância da dor. Isso fica evidente ao constatar que as reações fisiológicas têm íntima relação com o processo de aculturação. Diferentes grupos étnicos se assemelham em como expressam a dor. Entretanto, os fatores que influenciam a expressão individual podem ser bastante distintos e os mesmos estímulos produzem respostas dolorosas totalmente diferentes, indo do insuportável ao perfeitamente tolerável. As pessoas tendem a mudar seus padrões de

comportamento em relação à dor, dependendo do grupo no qual se encontram (PIMENTA; PORTNOI, 1999).

O controle pessoal talvez seja um dos fatores que mais explique a capacidade de tolerância. Por não ser um fato biológico bruto, a dor está sempre impregnada do significado que o homem lhe atribui e nunca está fora do seu alcance. O julgamento que uma pessoa faz da dor é capaz de anular ou ampliar seus efeitos, ela só é considerada assim quando acompanhada de um julgamento negativo a seu respeito. A pessoa que se recusa a abandonar seus recursos e luta contra seus males possui meios próprios de conter ou diminuir a dor (LE BRETON, 2013).

Para superar a dor, alguns recursos possíveis são os pessoais, os afetivos, os cognitivos, as crenças, o suporte familiar e os valores. A importância dos mesmos é estreitamente relacionada ao seu papel na adaptação ou no ajustamento à condição da dor. A partir desses recursos, indivíduos criam e executam estratégias para lidar com o desconforto da sensação e para preservar o equilíbrio emocional: pensar e fazer coisas diferentes para distrair a atenção da situação; imaginar que a dor está fora do corpo com uma reinterpretação de dor; autoafirmação, ao repetir para si que pode controlar; ignorar as sensações dolorosas; rezar e esperar passar mantendo a esperança (PIMENTA; PORTNOI, 1999; PORTNOI; NOGUEIRA; MAEDA, 2009; LE BRETON, 2013).

O esforço de integração e de dominação da dor, a vontade de inseri-la numa coerência e num significado demonstra a busca das saídas para superação da dor. Exemplo disso é a religião: conjunto organizado de crenças e práticas que se propõe a responder pela orientação ética, fisiológica e ideológica. Ela influencia a maneira como o sujeito vê a realidade e, conseqüentemente, sua resposta à dor, considerada uma fonte de fortalecimento e tolerância à mesma (PORTNOI; NOGUEIRA; MAEDA, 2009). A dor levanta o significado do mal. Os sistemas religiosos buscam integrar o sofrimento humano à sua concepção de universo e indicam a forma como os homens devem combater. Na tradição bíblica, a dor aparece na quebra da unidade entre o homem e o mundo, é uma consequência da consciência. Ao se afastar de Deus, ele se torna responsável pelo seu destino e chega à dimensão simbólica que seria o significado ou valor, a separação e ambivalência. A dor e o mal são um infortúnio e efeito da ruptura entre o homem e o divino. O infortúnio, a dor e o sofrimento punem toda infração da lei. A dor é o sinal da falta. Dor e doença são as versões somáticas do pecado (LE BRETON, 2013).

A fé religiosa pode auxiliar na tolerância à dor quando ela tem um conteúdo sagrado. A cultura religiosa imprime difusamente a sua marca nos comportamentos e nos valores,

como um inconsciente cultural. A tradição cristã, por exemplo, assimila a dor ao pecado original e faz dela um dado inevitável da condição humana. Ela privilegia o acesso a Deus, é purificação, é redenção possível e identificação com a dor de Cristo. O islã apresenta outra concepção de dor: eles não se rebelam diante das adversidades ou dos sofrimentos que o atingem, o sujeito luta sem reclamar. Nas tradições da espiritualidade oriental a dor é merecida; o princípio da existência precede a forma humana atual; ela não é essencial, é uma etapa de transmigração. Para eles, o mundo com este corpo é uma passagem, um simulacro da realidade. O budismo, por exemplo, associa inteiramente a existência ao sofrimento. A vida é considerada um tormento, uma disseminação da dor que leva a uma purificação gradual. A dor é culpa de si, ela retribui as faltas cometidas na existência anterior. O sofrimento e a dor é justiça transcendente (HELMAN, 1994; PIMENTA; PORTNOI, 1999; LE BRETON, 2013).

Outra maneira de explicar o limiar de tolerância é a moral, que parece ser fundamental para tal. Ainda hoje, apesar de toda cultura farmacêutica e medicamentosa, a dor ainda pode ser vista como punição ou castigo. Ela é estabelecida por uma falta, é uma figura do mal e lembra a constante fragilidade moral do homem. Apesar dos significados religiosos e morais estarem sendo modificados e a dor ser vivida como uma perturbação que merece alívio imediato e impõe que é evitável, ainda temos a ideia da doença, dor ou morte merecida, como se isso fosse um castigo por uma falta cometida. Ela pesa independente da religião (LE BRETON, 2013).

Encontramos exemplo na Índia que escolhe uma pessoa como representante do poder dos deuses e é pendurado e balançado por cordas e ganchos sob a pele e músculos das costas. Nesse caso, a dor é um estado de exaltação e, no final, a pessoa é tratada com as cinzas dos altares das aldeias por onde passou. Se ela for vista como punição divina, a pessoa experiencia essa situação sem queixas. Se for interpretada como causa de uma transgressão moral, tentará a supressão por rituais como jejuns e penitências como em alguns lugares da África, onde são encontradas tribos que não manifestam comportamentos sobre dor e não falam sobre ela. A base da identidade reside na adequação à resposta de dor. Outras tribos realizam cirurgias sem nenhum tipo de anestesia ou droga (MELZACK; WALL, 1991; HELMAN, 1994; PIMENTA; PORTNOI, 1999; LE BRETON, 2013).

As atitudes são maneiras que as pessoas encontram para responder a determinadas situações às quais elas são apresentadas. São elas, por exemplo, que fazem com que a interpretação da dor seja “normal” ou “anormal”, ou aceitável e não aceitável. Essa interpretação depende da imagem corporal, crenças, fantasias, estrutura de corpo e as possibilidades do seu funcionamento (HELMAN, 1994).

A reação de uma pessoa frente à dor está relacionada ao tipo de atenção dada a isso. Os primeiros anos de vida e a família é quem proporciona as condições de enfrentamento, oferecendo o ambiente no qual formam as modalidades corporais da criança e a sua relação com a dor. É o campo que proporciona o aprendizado da percepção e emoção, educam e ritualizam suas expressões para si e para os outros; é quem insere a criança na rede simbólica. A influência que a família exerce na expressão dolorosa e no modo como os seus membros enfrentam a dor acontece pelo processo de socialização e experiências individuais observadas e aprendidas neste contexto. É ela quem ensina ao indivíduo evitar situações de desconforto, como também como enfrentá-las. A família faz parte do núcleo do grupo social deste indivíduo e é por onde os valores e atitudes socialmente estabelecidas de repostas à dor se conectam (HELMAN, 1994; LE BRETON, 2013).

A internalização dos elementos culturais inicia-se na primeira infância e é denominado de socialização primária. Os aspectos vividos na infância são os mais arraigados. A socialização secundária seria a internalização das diversas subculturas que constituem este sujeito, as realidades parciais que ele vive durante sua vida, como escola, profissão, trabalhos, etc. Essas subculturas vão entrando em processo de sobreposição, sempre com os valores familiares como primordiais, pois são os mediadora entre as demandas individuais e sociais (PIMENTA; PORTNOI, 1999).

As palavras de dor são as primeiras que entram no vocabulário da criança e cada grupo social confere um sentido à dor, mas, além disso, há uma variação de acordo com as singularidade e trajetórias individuais. As vias de aprendizagem dependem das relações sociais e afetivas tecidas em torno de cada criança e dos valores que se impõem a ela. Ninguém dá a um membro da sua sociedade maneiras de como identificar o limiar dolorífico e qual atitude adequada, porém, a decifração de uma sensação penosa em decorrência da dor é um dado que se aprende. Esse aprendizado decorre da aquisição de categorias implícitas, sugeridas, que orientam a percepção e indicam uma maneira comum de senti-la e manifestá-la (LE BRETON, 2013). Assim, o homem, visto como viril e corajoso não deve sentir dor. Nos atletas, as faces contraídas pelo esforço revelam que sem dor não é possível ser campeão- *no pain, no gain* (HELMAN, 1994).

No esporte de alto rendimento, a classificação de dor crônica talvez seja a mais parecida com a maneira como o sujeito vive a experiência de dor no esporte e relaciona-se com a capacidade de adaptação individual e social do sujeito a esse grupo. Os eventos dolorosos são, de modo geral, classificados como malignos e estressores, e envolvem considerações sobre o potencial de ameaça, prejuízo, perda ou desafio. Avaliar o quanto de

dor é possível tolerar é um desafio e depende de quando ela se torna um teste de força, de resistência ou de capacidade individual que envolve possibilidades de crescimento, controle ou ganhos. Por exemplo, a dor de lesões esportivas, envolve perspectivas positivas de eficácia de treinamento e pode ser avaliada tanto como ameaça quanto como desafio (PIMENTA; PORTNOI, 1999; PORTNOI; NOGUEIRA; MAEDA, 2009).

4 ESPORTE E DOR

Os Jogos Olímpicos contemporâneos têm sua inspiração nos Jogos Olímpicos da Antiguidade e são a principal competição do alto rendimento do planeta. Criado por Pierre de Freddy, conhecido como Barão Pierre de Coubertin, educador, pensador e historiador, foi o responsável por fazer uma reinterpretação dos Jogos da Grécia Antiga. Do esporte olímpico grego, herdou-se a Educação Física como caminho para Educação (*paidéia*) e o ideal de beleza (*kalokagatia*), ambos inexistentes sem o esporte (RUBIO, 2001).

O fenômeno esportivo sempre apresentou grande abrangência social, independente do período histórico. Na Antiguidade, o atleta competia e a vitória era fundamentada na superação dos próprios limites, alcançando seu máximo na competição em busca de desenvolvimento físico e moral. A vitória sobre o adversário era uma decorrência desse processo. Atualmente, o esporte tem como objetivo atingir os melhores resultados e a competição firma-se como um espaço de realização e de confirmação de competências pessoais e sociais (RUBIO, 2006b).

O lema do ideal olímpico: *Citius, Altius, Fortius* significa, em latim, “o mais rápido, o mais alto, o mais forte” e resume a postura que um atleta precisa ter para alcançar seus objetivos, a superação em busca da medalha olímpica. Sua essência está na superação dos limites (VIANA, MEZZARROBA, 2003).

O conceito de *agonística*², fundamental na formação da cultura Ocidental, também influencia as práticas do esporte olímpico e preconiza a constante superação das forças vitais por meio da interação competitiva entre os seres humanos, tendo como meta a exaltação da excelência humana como a superação de sentimento pessimista e enfraquecido, a favor da afirmação da beleza e da superação dos limites pessoais. Na rivalidade competitiva, o atleta tem como objetivo superar suas limitações individuais para que possa vencer seu oponente e, nesse processo, ele amplifica a sua capacidade física e se torna mais resistente e capaz de superar os obstáculos. Transfigurar a dor, o sofrimento e as contradições deste processo é necessário para a vitória (BITTENCOURT, 2010).

Associada à *agonística*, a dor no esporte representa a busca e superação de limites, assim como a perseverança observada na construção e busca da melhor forma atlética. O melhor desempenho está associado à conquista da primeira colocação ou ao recorde e, para ter o melhor resultado, é preciso superar, constantemente, os adversários e a si. Uma das grandes

² Agonística, em grego *agonistiké*, significa luta, disputa atlética. Esta luta é conferida aos heróis com o sentido de valorização do guerreiro e do combate intrépido. Espírito da competitividade grega (RUBIO, 2001).

motivações de qualquer atleta que participa hoje de importantes competições nacionais ou internacionais não está somente na vitória, mas na superação de si para conquistas de recorde e todos os ganhos que o acompanham (SILVA; RUBIO, 2003).

As práticas esportivas primavam pela ética e pela estética³, a ginástica grega buscava objetivos físicos, espirituais e morais. A perfeição e excelência só eram conseguidas com a beleza do corpo, que apenas se desenvolveria com as práticas da educação física. A competição era considerada um princípio vital para alcançar os objetivos de excelência física. A rivalidade era parte da essência da vida e o valor de uma competição um sentimento inerente ao ser humano. Excelência é uma das características definidora de um atleta olímpico, pois é o que se caracteriza pela busca da melhoria e superação dos obstáculos e decepções. Buscar a excelência é essencial para melhoria de condições do atleta e vista como característica inerente do esporte, que se materializa na forma de recordes (RUBIO, 2001; BITTENCOURT, 2010).

Segundo Rubio (2001; 2004; 2006a; 2014), a sociedade transformou o esporte na espetacularização e a competição é uma metáfora de batalhas, sendo seus adversários o alvo de superação. A construção da identidade esportiva foi desenvolvida no seu próprio ambiente e com seus participantes. O desempenho máximo é associado ao espetáculo de *performances* brilhantes e todos os limites são ultrapassados na busca dessa excelência. Na era da qualidade total e na busca pela perfeição, o discurso do esporte de alto rendimento serve como um reflexo social. As restrições, a dor e o sofrimento são degraus necessários de ultrapassar e naturalizados no discurso reproduzido com orgulho, além de ratificados com gratificações, como a situação financeira, o reconhecimento social e na realização da beleza do próprio corpo.

O esporte de alto rendimento é um dos maiores fenômenos sociais e atinge todos os segmentos: econômico, educacional, científico, etc., seja de forma direta ou indireta. Esse modelo, que há muitos anos virou sinônimo de saúde, oculta uma realidade contraditória. O senso comum, auxiliado pelo discurso midiático acredita que a prática e o treinamento no esporte deve levar o atleta ao máximo dos seus limites físico e psíquico. A concepção de saúde vinculada ao esporte reproduz a ideia de que “esporte faz bem à saúde”, portanto, quanto mais se pratica esporte, mais saúde (física/corporal) se alcança e que é através da

³ Estética se origina do termo grego *aisthetiké*, “aquele que nota, que percebe”. Os estudos da estética são conhecidos como a filosofia da arte, ou estudo do que é belo nas manifestações artísticas e naturais. A estética é uma ciência que remete para a beleza e também aborda o sentimento que alguma coisa bela desperta dentro de cada indivíduo.

representação corporal de uma “boa estética” – por isso a representação de um corpo atlético – que se obtém um corpo saudável (VIANA; MEZZARROBA, 2003).

O esporte de alto rendimento procura construir uma imagem que pretende criar uma ilusão de que as práticas esportivas nada têm a ver com as drogas, ao passo que a convivência com elas – legais ou não – parece ser uma necessidade no alto rendimento dadas às enormes exigências competitivas e o extremo sacrifício somático e psicológico ao qual o indivíduo é submetido (VAZ, 2005, p.28)

O fato de o atleta ter o corpo como ferramenta de trabalho, quando impossibilitado por dores ou lesões, torna evidente as suas limitações e a sua identidade como atleta é questionada. Evitando este tipo de situação, eles costumam seguir até o limite quando então percebem algum sinal de alerta e se submetem a situações de risco. O lema do esporte atual é justamente vencer e superar-se constantemente e, qualquer evento que mostre o oposto pode ser sentido como uma derrota. Esse discurso é reproduzido com devoção e o desejo de vencer e competir a qualquer custo impera, mesmo que a despeito da saúde. Situações como essas são comuns e reforçam o caráter heróico do atleta, que resiste a tudo, até mesmo à dor (DO VALLE; GUARESCHI, 2003; SILVA; RUBIO, 2003; RUBIO; GODOY MOREIRA, 2007).

Le Breton (2013) relaciona o contexto à percepção e significado atribuído à dor, por uma pessoa que sofre à provação suportada, sendo um critério determinante de sua relação com a dor. Além disso, dependendo dos interlocutores e circunstâncias que rodeiam este sujeito, ele vive uma modulação da sua dor, administrando sua identidade sem perder seu prestígio, mesmo em agonia pela dor. Uma pessoa estimulada a ir além do seu limiar de tolerância concorda em receber descargas mais fortes. O limiar de tolerância pode ser sugestionável, incluído quando se estabelece uma competição. A imaginação ativa é uma maneira de agir sobre a dor, desviando a atenção. Isso demonstra o grau de controle do homem através da eficácia simbólica.

Na concepção da cultura esportiva, o discurso social diz que para ser atleta é preciso adquirir a capacidade de superar o seu limite corporal, o que inclui as suas dores, sendo, por tal ato, glorificado e enaltecido. A exigência nos treinamentos são como obstáculos a serem ultrapassados para que suas conquistas sejam exaltadas por mais uma esta etapa atingida. Como o contexto permite, os participantes tendem a normalizar doenças e lesões. O efeito disso é que os atletas costumam praticar a atividade lesionados, priorizando a participação esportiva acima do bem-estar. Nessa cultura, o corpo passa a ser visto como meio para obter o maior rendimento e, guiados pelos avanços da tecnologia e da ciência, submetem o corpo a um controle de qualidade que acaba por transformar a própria experiência concreta do corpo.

O sujeito passa a buscar o controle sobre si mesmo e é no corpo que esse processo tem maior visibilidade (DO VALLE; GUARESCHI, 2003; SILVA; RUBIO, 2003; RUBIO; GODOY MOREIRA, 2007).

Através dessa representação do atleta como alguém capaz de suportar as adversidades e superar todos os obstáculos, um dos efeitos que o discurso da cultura esportiva provoca é a naturalização da dor para essas pessoas, pois ao estar inserido no contexto, o atleta interioriza e se expressa a partir dele; as ideias passam a significar verdades subjetivas e ele não é capaz de distinguir o que é seu e o que é social (DO VALLE; GUARESCHI, 2003; SILVA; RUBIO, 2003; RUBIO; GODOY MOREIRA, 2007).

A teoria antropológica da dor de Le Breton permite explicar a naturalização da dor pela construção simbólica: tudo é resultado de uma construção social e cultural. Não existe uma natureza do corpo, ou natureza do mundo ou natureza do homem, mas um homem com um corpo implicando várias condições ao seu próprio corpo. As sociedades constroem sentidos que significam a aliança para uma determinada sociedade ou grupo. Assim, a natureza é sempre transformada em dado cultural. A imagem, o sistema de conhecimento que busca compreender os ritos, as performances que o corpo realiza são variadas e contraditórias. Ele não é uma coleção de órgãos e funções anatômicas e fisiológicas, mas é uma estrutura simbólica (LE BRETON, 2013).

Há inúmeras realidades e formas de ver o corpo e isso depende dos conhecimentos das suas várias representações e como ele se compõe. As imagens integram o sujeito ao interior de uma visão de mundo coletivamente admitida. O sujeito sempre retorna para as representações que conectam os acontecimentos culturais ao seu grupo ou cultura a qual pertence. Como são representações percebidas de modo comum ou familiar, elas permitem uma adaptação do sujeito ao seu meio ou cultura. A imagem do seu corpo é entendida pelas representações que o sujeito faz de seu corpo em determinado contexto social e cultural e pela sua história de vida (LE BRETON, 2013).

A narrativa oferece ao sujeito um sistema de sentido pelo qual a sua dor e suas angústias podem ser ordenadas. Esse sistema de sentidos é organizado pela implantação individual da estrutura antropológica que permite uma pessoa habitar em seu próprio corpo com segurança e eficácia para sua existência. Esse sistema dá sentido coerente à dor e faz com que a pessoa a aceite, atuando através do consenso do grupo ao qual se pertence, gerando a sensação de pertencimento (LE BRETON, 2013).

Contrariando a modernidade, que busca distância da dor, sofrimento ou morte a qualquer custo, o esporte exige a dor, a sua presença e o constante objetivo de superá-la. A

dor acaba como uma justificativa da ideologia de heroísmo que está imbuído no atleta. Está implícito no esporte que é necessário sobrepujá-la se deseja melhores desempenhos. Sobre isso Le Breton (2013) explica:

A atividade esportiva não exige apenas uma tecnicidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoronamento. Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, o ator aceita a sua dor. Além de suas qualidades atléticas particulares, ele aumenta seu rendimento avançando pouco a pouco no insuportável. O adversário a ser ultrapassado ou o recorde a ser batido nomeia o sofrimento a ser atingido e a ser superado no mesmo movimento (LE BRETON, 2013 p. 207).

Os grupos sociais dão sentido à dor em sua visão de mundo, conferindo-lhe um sentido, um valor, visando explicar a origem e, sobretudo, atribuindo meios simbólicos e práticos para combatê-la com as medicinas particulares que cada uma elabora. Atribuir um sentido à dor permite manter o equilíbrio das coisas, afastar o pânico ou a surpresa ao se deparar com alguma adversidade inédita. Os sentidos ou significados são a matéria prima da cultura e funciona como um escudo que protege contra as mazelas do mundo. Ela insere o homem em um universo coerente, previsível e nada heróico. Integrar a dor à cultura lhe traz sentido e atenua sua aspereza, pois só assim ela é considerada um fato possível de ser suportado e que é preciso conviver segundo as formas comuns do vínculo social. “[...] O homem encontra a capacidade pessoal de resistência primeiramente no que sabe sobre a dor dos outros: ela está à altura de seu grupo social de pertencimento” (LE BRETON, 2013, p. 110).

Ao refletir sobre o conceito de dor, a tendência é associá-la a um fenômeno neurofisiológico. Porém, todo fenômeno neurológico sofre influências psíquicas e sociais, uma vez que o sujeito não é um ser isolado e tudo à sua volta influencia na sua percepção: em como sente e vivencia. A dor é um fenômeno complexo, considerada uma experiência corporal imbuída de significados, na qual o corpo é pensado como uma realidade que não existe fora do social. O social constitui o corpo como realidade, a partir do significado que a ele é atribuído pela coletividade. Ele é construído e produzido em cultura e em sociedade (KOURY, 1999; SARTI, 2001).

A força do esporte no mundo contemporâneo é explícita e alcança um lugar de grande destaque social com extremos dos princípios de rendimento. Ele representa a ideia de progresso, superação e igualdade de chances do liberalismo. É, também, um espaço de afirmação política, seja esta pensada nos termos das identidades - de gênero, étnicas, entre

outras - ou nos dos conflitos nacionais. Se a Medicina promove a tentativa de completo domínio sobre o corpo, o esporte o realiza ao potencializá-lo (GONÇALVES et al., 2012).

A dor é apontada como uma das queixas mais comuns em Medicina Esportiva, podendo resultar de trauma agudo, irritação crônica ou como consequência de uma doença. Compreender que a dor é um sintoma que geralmente impede o atleta de seguir com suas atividades normais, uma vez que a rotina de treinos e competições de atletas de nível olímpico leva-os a experimentar situações extremas, poucas vezes quantificadas. Diante das obrigações determinadas por contratos com grandes empresas, a necessidade do repouso e do distanciamento das atividades tem sido desprezada ou negligenciada (HILLMAN, 2002). A exigência colabora para a dificuldade de discriminar o limite de suas habilidades e as diferentes formas de dor. O atleta corre sérios riscos de superar os limiares aceitáveis de suas capacidades, deparando-se então com lesões. Ao ser atleta, essas pessoas devem ser capazes de suportar alguma classe de dor. Como a dor é constante e aceita no contexto, os atletas têm dificuldade para saber qual tipo de dor ignorar e qual atender e responder, assim como, também, não sabem perceber a quantidade de dor que são capazes de tolerar (ROTELLA; HEYMAN, 1991).

A experiência da dor para um atleta de alto rendimento não pode ser definida apenas relacionando-a com estímulos sensoriais, porque é uma experiência pessoal que depende da aprendizagem e relações estabelecidas com a mesma. Para que o atleta atinja bons níveis de rendimento, é preciso que ele esteja no melhor de suas condições física e psicológica. A superexposição de uma condição de perfeição e os altos níveis de exigência dessa atividade podem levar o protagonista do espetáculo esportivo a atitudes extremas (BAUM, 2005; GLICK; HORSFALL, 2005).

Segundo LE BRETON (2013), o atleta tem a dor como uma troca simbólica que ele faz para conquistar o lugar pretendido. O sujeito cria uma competição fantasma, junto à competição real, realizada contra o limiar de tolerância sua e dos outros. A sensibilidade para um tipo de lesão é próxima para um grupo social, o limiar de dor que cada um reage e a atitude que ele adota a partir disso está ligada ao tecido cultural social. Diante da dor, o sujeito é solicitado em sua visão do mundo, em seus valores religiosos ou laicos e em sua trajetória pessoal. A fisiologia nunca é pura e trabalha em conjunto com história pessoal, social e cultural; a dor é atravessada por simbolismos sociais e culturais. Ela tem um enraizamento biológico, mas a maneira como sentimos varia de acordo com o sujeito e onde ele está inserido. O sujeito atribui à sua dor um sentido e um valor diferente, conforme as orientações coletivas próprias do meio em que vive.

Considerando a quantidade e qualidade do esforço físico realizado por atletas, é possível afirmar que essa população tende a ter tolerância e limiar à dor mais alto que a população não atleta. Alguns estudos apontam como os atletas aprendem a lidar com as consequências das lesões consideradas com alto poder algico em função da sua recorrência e tem natureza psicológica e/ou cultural (JAREMKO; SILBERT; MANN, 1981; ROTELLA; HEYMAN, 1991; WILLIAMS; ROEPKE, 1993).

A variação que cada um expressa à sensação e/ou experiência dolorosa se deve, entre os vários fatores, a diferença no limiar de dor individual. Essa seria a percepção da menor intensidade em que o estímulo passa a ser percebido como doloroso. A tolerância seria a menor intensidade que uma pessoa começa a perceber a dor como algo desconfortável. Diferente do limiar de percepção, que é parecido para quase todas as pessoas, o nível de tolerância varia muito e depende de fatores sensoriais, como extensão e local da lesão, fatores genéticos (relativo ao sistema nociceptivo e de modulação da dor, fatores emocionais, culturais e sociais (DA SILVA; RIBEIRO-FILHO; MATSUSHIMA, 2010).

A prática esportiva requer um esforço e uma negociação pessoal com a tolerância à dor. Para o atleta, há sempre uma margem ou uma possibilidade a ser conquistada graças à determinação, a métodos de treinamento e a estratégias psicológicas. O desempenho confronta com uma experiência do limite (LE BRETON, 2013).

Para Rubio e Godoy Moreira (2007), é possível distinguir duas dores relacionadas à prática esportiva: a dor do treinamento e da lesão. A dor do treinamento pode ser vista como a dor crônica por ser constante, duradora e tolerável. O período de treinamento demanda constante esforço físico e exigência máxima para alcançar a excelência. A dor gerada nesse momento aparece através do desconforto vivido. Ela é mais facilmente identificada e conhecida desde o princípio da carreira esportiva e, embora desconfortável, é passível de convivência.

Para o atleta, o treinamento vai além de aprimorar as competências técnicas ou a aprendizagem das sensações, pois é através deste que ele apreende a dor em pequenas quantidades, a fim de retardar sua manifestação e de se acostumar a sentir a sua ameaça, ganhando margem sobre ela. Aprender a lidar com as sensações durante o treinamento é uma condição necessária para que ele ature o sofrimento da prova, o qual é imprevisível (LE BRETON, 2013).

A dor na lesão tem as características da dor aguda e é insuportável por ser, muitas vezes, incapacitante. Isso porque a lesão obriga o atleta a alterar radicalmente sua rotina de trabalho, visto que, ao invés de se dedicar às atividades de treinamento e competições, ele

agora é obrigado a viver uma rotina de reabilitação. Esse tipo de dor traz agregados inúmeros fatores de ordem extrínseca, como o afastamento da atividade competitiva e da mídia, por vezes a perda de importantes contratos e o risco de uma aposentadoria precoce e indesejada. Isso leva os atletas a adotarem diferentes modos de enfrentamento para essa situação, como a negação, a raiva, a negociação, a depressão ou a aceitação e reorganização de suas vidas e pode significar o fim da carreira e dos sonhos/ objetivos que o atleta tem no esporte (HARDY; CRACE, 1988; WILLIAMS; ROEPKE, 1993).

Ao se admitir o componente subjetivo da dor (MELZACK; WALL, 1991; KOBAYASHI, 2003; YENG et al., 2005), bem como as implicações culturais e de história de vida individual sobre sua representação, é possível afirmar que o significado atribuído à percepção que o atleta tem da dor do treinamento é único e também pode ser alterado ao longo de sua história. Isso porque o limiar atribuído em uma circunstância pode ser alterado em função de novas experiências vividas pelo atleta. A intensidade e duração da dor do treinamento no início da carreira ganham proporções extremas. O acúmulo de vivências proporciona maior domínio e controle da sensação dolorosa. Esse desenvolvimento, no entanto, não implica em percepção de limite, ou seja, a consciência do extremo da própria resistência, o que impediria a situação da lesão.

Fatores de personalidade estão relacionados com a capacidade de discriminação, por isso níveis de estresse e algumas atitudes estão associados a lesões esportivas. Personalidade é um conjunto de traços que envolvem autoconceito, introversão-extroversão e inflexibilidade, características diretamente relacionadas com a ocorrência de lesões, por interferir na avaliação que o atleta faz da situação vivida e no consequente processo de enfrentamento adotado para lidar com ela (*coping*). Os níveis de estresse são também apontados como antecedentes importantes da lesão esportiva, embora estejam relacionadas de maneira complexa. Isso porque não são apenas os agentes estressores do próprio meio esportivo que atuam sobre a vida do atleta, mas há também aqueles relacionados com a vida cotidiana (HARDY; CRACE, 1988).

Viver com dor exige esforço constante de adaptação e obriga o sujeito a produzir e experimentar uma série de estratégias para o gerenciamento da sensação. Essas estratégias estão relacionadas com as emoções mesmo sem modificar a situação. Quando elas produzem resultados adaptativos bem-sucedidos, pode-se dizer que a situação está sob controle. Para os atletas, a exigência dessa regulação emocional é constante e exige consciência uma vez que é comum ter dor na rotina de treinos não gerando impedimento para a execução dos treinamentos e criando a capacidade de tolerar e adaptar-se às cargas propostas; quando a dor

é um impedimento para continuar a prática esportiva, geralmente é avaliada como ameaça e como incapacidade de adaptação que podem produzir situações disfuncionais para os atletas.

5 A MODALIDADE OLÍMPICA GINÁSTICA RÍTMICA (GR)

A GR é uma modalidade olímpica realizada somente por atletas do sexo feminino e ingressou no programa olímpico como modalidade de exibição nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, tornando-se uma modalidade competitiva a partir de Los Angeles em 1984. As coreografias realizadas pelas ginastas combinam movimentos corporais aos elementos de balé e dança teatral e, para tanto, utilizam aparelhos próprios da modalidade como a corda, o arco, a bola, as maçãs e a fita.

Suas raízes estão na Ginástica Moderna, que surge no início do século XX, na Europa Central, como uma nova concepção de Ginástica para a mulher. A modalidade originou-se da eclosão de ideias do movimento artístico do século XIX, por meio do resultado de observações científicas, do ensino do movimento, da terapia respiratória e do relaxamento, da educação musical e da dança, da psicologia, da pedagogia, da sociologia, da biologia e anatomia. O objetivo era criar a GR como uma nova arte de expressão que exaltasse a feminilidade, diferenciando-se dos movimentos masculinos nos quais havia o predomínio da força (GAIO; BATISTA, 2006; BOAVENTURA, 2011).

A ginástica é uma das primeiras práticas corporais sistematizadas, marcada pelo Movimento Ginástico Europeu do século XIX e criada para enaltecer os valores do belo, feminino e natural⁴ do movimento. A cultura do culto ao corpo, tão importantes na Grécia antiga, desapareceu com a conquista do Império Romano sobre a Grécia e, desde então, até surgir o humanismo renascentista (séculos XIV e XVI), esse tipo de relação com o corpo era considerado um valor pagão, relacionado ao rebaixamento da moral e ruína do sujeito (PELEGRINI; MARTINELLI, 2007). Etimologicamente a palavra ginástica origina-se do termo *gymnós*, que, na Grécia Antiga, significava levemente trajado ou totalmente nu. A *gymnasia* grega requeria habilidades como corridas de velocidade e resistência, salto em distância, lançamento de disco e dardo, luta corporal, pugilato, dança, equitação, jogos com bola, remo e acrobática. Ou seja, o objetivo era o movimento (SOARES, 2002).

Quando a ginástica ressurgiu traz com ela uma visão pedagógica, a qual abrangia os cuidados higiênicos, educação militar, educação moral e educação intelectual, mas, ainda assim, “definida a partir de parâmetros formulados pela cultura grega, que a compreendia

⁴ Os movimentos naturais desconSIDERAM os aspectos históricos-culturais inerentes ao se movimentar. A concepção positivista da ciência do século XVII ao XIX tinha o homem como ser biológico, produtivo para as forças de trabalho. Concepção que ainda hoje influencia a educação física e são alvo de críticas de diversas abordagens históricas (SOARES, 2001).

ligada à ideia de saúde, beleza e força” (SOARES, 2002, p.21). Era considerada como uma ferramenta a ser desenvolvida para fins ideológicos políticos e parte significativa dos códigos de civilidade. O corpo era milimetricamente elaborado, mostrando uma simetria e perfeição nunca vista, pois o objetivo era exhibir o corpo perfeito, saudável e dominado, banindo qualquer vestígio de fraqueza ou perda. A ginástica, como os demais tipos de exercício físico, tinha a capacidade de moldar e adestrar o corpo, com princípios de ordem e disciplina coletiva a serem potencializados (SOARES, 2002):

Abarcando uma enorme gama de práticas corporais, o termo ginástica, pertence ao gênero feminino, de designação feminina e que historicamente se constrói a partir de atributos culturalmente definidos como masculina – força, agilidade, virilidade, energia/ têmpera de caráter, entre outros - passa a compreender diferentes práticas corporais. São exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, dança e canto (p.20).

A ginástica francesa, sistematizada por *Demeny* é datada do final do século XIX e início do XX. Se ateve à fisiologia do movimento e, conseqüentemente, à precisão e habilidade dos mesmos. O objetivo era ampliar, significativamente, as qualidades físicas para uma vida plena, saudável e produtiva. Um exercício bem feito deveria ter efeito higiênico, estético e moral. A concepção de beleza na ginástica aparece como sendo atributo humano e conseguida pelo aperfeiçoamento físico e adaptação ao meio. A beleza significaria a harmonia e perfeição dos gestos e movimentos junto a um corpo forte, saudável, simétrico e higiênico (SOARES, 2002).

Na Alemanha, em torno de 1820, surge o Movimento Alemão de Ginástica, idealizado por Friedrich Jahn e denominado *Turnen*. Assim como a ginástica francesa, esse movimento tinha um caráter militarista e patriótico. O objetivo era criar indivíduos disciplinados para si, para a comunidade e para o estado (PELEGRINI; MARTINELLI, 2007).

No mesmo período surge a Ginástica Sueca, criada por *Per Henrik Ling*, na qual deriva a atual GR e que tinha o aspecto estético como meta primordial. Nesse modelo havia quatro classificações no que se refere aos tipos de ginásticas: a pedagógica higiênica, militar, médica e estética. As quatro modalidades tinham como objetivo final a questão pedagógica que se refere ao movimento do homem mecanicista do século XIX. Ao mesmo tempo, ia além e contava com a subjetividade do desejo e a vontade, qualidades que seu criador acreditava estar implícitas ao movimento humano e que o tornava intencional (PELEGRINI; MARTINELLI, 2007).

A ginástica, classificada como estética, priorizava a tentativa de minimizar a dicotomia mente e corpo e a eficácia do gesto e a disciplina do corpo. Além disso, a arte e a música passam a fazer parte do conjunto (TOLEDO, 2010). Baseava-se no movimento original e natural do ser humano e tinha como objetivo o equilíbrio total entre psicológico/emoções e físico. O corpo deveria ser dominado, porém despertado pela natureza e educação da forma do movimento.

Desse movimento são concebidas três linhas de ginástica no conceito de ritmo: a ginástica artística, a ginástica expressiva e a ginástica rítmica. Sobre isso, autores afirmam:

A ginástica rítmica se origina de concepções filosóficas que salientam o sentido do ritmo para o desenvolvimento articulado de todos os processos vitais. Desta forma, o princípio rítmico atribui uma nova significação ao movimento corporal ginástico (PELEGRINI; MARTINELLI, 2007, p.130).

Desde sua origem, a GR se vincula à perspectiva da expressividade, movimentos intencionais e sentimento; apenas as pessoas sensíveis a si e ao mundo, com capacidade de entrega plena à vivência corporal poderiam realmente compreender e praticá-la. A sua essência se vincula à ginástica Grega, desenvolvida com base na beleza e na estética. Além disso, competição nunca foi seu objetivo (TOLEDO, 2010).

A ginástica como modalidade esportiva e competitiva feminina surgiu em 1948, na antiga União Soviética, quando é realizada a primeira competição da modalidade. Este novo esporte, o qual desenvolve a beleza e a feminilidade naquela que o desempenha, adquire grande notoriedade no Leste Europeu (LANGLADE; LANGLADE, 1970). Somente em 1962, ela é reconhecida como uma modalidade esportiva independente, quando aconteceu o 41º Congresso da Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Em 1962, a FIG constitui oficialmente outra modalidade exclusiva feminina denominada Ginástica Moderna, que recebe regulamentação específica em âmbito mundial. Em 1972, a FIG a denomina como Ginástica Rítmica Moderna para, em seguida, em 1975, chamá-la Ginástica Rítmica Desportiva (GRD). Em 2000, após 25 anos, passa a ser finalmente a modalidade GR, uma vez que já não havia mais necessidade de distinguir a GR como esporte competitivo e a GR das academias de ginástica (ALONSO, 2011; TOLEDO, 2010):

Essa linha rítmica procura a diferenciação do movimento corporal ginástico, em contraponto com o esportivo. Enquanto que nessa concepção de ginástica do esporte o corpo aparece como instrumento a ser dominado, também se tenta despertar pela natureza e educação da forma do movimento (PELEGRINI; MARTINELLI, 2007, p.130).

O nome “artístico” foi abandonado pela FIG e, apesar das diversas mudanças de nomenclatura, a beleza e estética sempre foram fundamentais e, ainda hoje, são critérios de procedimento de análise de árbitro na prática competitiva. O ideal de beleza, exigido na modalidade, está relacionado ao espetáculo a ser apresentado, sendo este fruto de muito trabalho e dedicação. A beleza carrega o valor da conquista, da realização e do diferencial pela obra criada. É este caráter impressionante que faz com que a GR emocione e crie um espetáculo a cada apresentação.

É uma modalidade que prima pelas características artísticas e o objetivo está pautado na busca do belo e da perfeição do movimento. Na sua formatação atual, pode-se considerar que ela teve sua subjetividade artística sobrepujada pela racionalidade esportiva, pois seus objetivos de reforçar os estereótipos femininos da origem do século XX foram transfigurados pelas exigências competitivas.

A preocupação inicial que visava a formação educativa de mulheres delicadas e procriadoras, consideradas naturalmente belas, transformou-se durante o século XX numa busca incansável pela perfeição técnica. A cultura da exuberância e encanto dos corpos e movimentos foi sendo modificada com a esportivização e agregou à GR específicos padrões corporais e de movimentos pautados pelas performances do corpo. Assim, a beleza, característica subjetiva da GR passa a ser quantificada e torna-se critério de julgamento (LAFFRANCHI, 2001).

O valor artístico, seja ele o belo ou estético, é considerado o mais difícil de arbitrar, pela dificuldade em valorizar aquilo que está no campo sensível e da arte. No código de pontuação da modalidade, o valor artístico é referido à maestria (domínio dos elementos corporais e de manejo de aparelho) e é dada essa pontuação à ginasta que mostra total habilidade com o que está realizando. As árbitras sabem os códigos, os pontos que deverão ser reconhecidos e as regras que devem ser seguidas, mas são sensíveis, possuem culturas diferentes, formas de ver e perceber o mundo diferente, o que dificilmente as deixarão isentas para uma avaliação (TOLEDO, 2010).

Segundo Velardi (1988), a GR possui três dimensões: a motriz, a perceptiva e a simbólica. As duas primeiras relacionam-se a atributos técnicos, enquanto a dimensão simbólica seria a possibilidade de expressão inerente a todo movimento corporal, considerado único a cada execução. A coreografia é considerada a obra de arte e resultado de um processo criativo que foi elaborado pela ginasta e pela técnica (TOLEDO, 2010).

GR é composta por duas categorias: a competição individual e a competição de grupo. Na competição individual, a atleta apresenta quatro exercícios, que correspondem aos quatro

aparelhos autorizados. No grupo, as ginastas devem apresentar dois exercícios: o primeiro com cinco aparelhos idênticos e o segundo com dois aparelhos diferentes - três ginastas, com um aparelho e duas ginastas com outro aparelho (TOLEDO, 2010).

Cada grupo é composto por cinco ginastas. Os eventos são realizados sempre sobre um tablado, chamado carpete, e seu tempo de realização varia entre setenta e cinco segundos, para as provas individuais, e cento e cinquenta para as provas coletivas. Inclui cinco aparelhos: corda, arco, bola, maçãs e fita. No entanto, apenas quatro deles são utilizados num ciclo de competição de dois anos (TOLEDO, 2010).

A competição individual tem como objetivo a qualidade da ginasta que é analisada através do seu desempenho em conjunto com a música. Nas séries em conjunto, além dessas características, é preciso demonstrar o princípio de cooperação: interação entre as atletas e entre elas e os aparelhos para que o conjunto seja de qualidade (FIG, 2016).

Na GR é estabelecida uma relação de unicidade entre corpo, movimento, música e coreografia. Os aparelhos passam a ser apenas extensão do corpo das atletas. A expressão delas é de leveza, agilidade, força, segurança. É preciso unir tudo isso para os gestos modelados. A relação necessária deve expressar total integridade, ou seja, corpo e objeto são complementares e devem demonstrar unicidade. Na coreografia, há íntima junção entre música, aparelho e ginasta, para que o espectador, seja ele avaliador ou não, enxergue uma coisa só (FIG, 2016). A roupa utilizada também deve estar relacionada com os demais elementos e movimento, denunciando a espetacularização dos exercícios, que cada vez mais solicitam a atenção do público (TOLEDO, 2010).

É uma modalidade de caráter artístico e a beleza requerida se constitui pela perfeição dos movimentos corporais, consequência de muita disciplina. Para que a ginasta alcance o patamar exigido é preciso o aprimoramento técnico dos gestos. Dessa forma, para a construção da beleza, a dor e o sofrimento se entrelaçam e são sentidos no corpo e na alma (CAVALCANTI; PORPINO, 2015). A GR é uma das modalidades olímpicas na qual o risco de lesão e a dor se apresentam de forma constante.

A modalidade preza pela perfeição técnica dos movimentos com a música e os aparelhos e a profissionalização e o alto nível de desempenho são alcançados ainda na adolescência. Para tanto, é necessário que os treinamentos se iniciem precocemente⁵ e o uso

⁵ O treinamento precoce especializado no esporte acontece quando as crianças iniciam em um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo, antes da puberdade. O treinamento acontece sistematicamente, mínimo de três sessões semanais, com o objetivo gradual do aumento no rendimento, além de participação periódica em competições esportivas (KUNZ, 1994). As crianças estão se tornando especializadas em um determinado esporte mais cedo do que a idade apropriada para tal, ou seja, prematuramente, o que

precoce e excessivo do corpo traz como consequência a vivência precoce das lesões. O envolvimento com as rotinas e o alto nível de dificuldade dos exercícios praticados predis põem as atletas a um alto risco de dor e lesões (LANARO FILHO; BOHME, 2001; VIEIRA et al., 2009; SILVA et al., 2008; REGO; REIS; OLIVEIRA, 2007).

O treinamento esportivo impõe uma rotina exaustiva para as atletas da GR com rígidos períodos, ciclos, horários, quantidade, intensidade, testes e intervalos que são registrados e avaliados a todo tempo; elas são monitoradas. A atleta tem todos os seus movimentos mapeados, desde o treinamento até a competição, sendo avaliada a todo instante; não há espaço para o erro e, para alcançar a perfeição, é necessária a exaustão (LAFFRANCHI, 2001).

O corpo é regulado pelo Código⁶ e disciplinado pelo treinamento, pois todos os movimentos devem ser pensados, intencionais e interdependentes, mostrando naturalidade. O código de regras e pontuação serve como um guia a ser seguido e os exercícios, além de se encaixarem em moldes, precisam ser executados sem falhas. Ao mesmo tempo, as apresentações devem conter variações criativas, pois a beleza deve estar presente em todo o processo, desde a maneira como se utilizam os corpos, a coreografia, as preparações, a música e a roupa. A atleta deve estar muito bem preparada e seus movimentos devem ser certos, tudo trabalhado de forma milimetricamente previstos (LAFFRANCHI, 2001).

Atualmente, é um esporte que se aproxima do circo ao buscar o espetáculo, a extrapolação dos limites do corpo e a perfeição dos gestos. Na preparação técnica de uma ginasta “além da obtenção da maior eficiência do movimento ginástico com o mínimo de esforço, objetiva-se, também, o virtuosismo dos movimentos realizados” (PORPINO, 2004, p. 127). A perfeição dos movimentos dos corpos é perseguida por uma ginasta, dos treinamentos à competição e feito de minúcias trabalhadas rigorosamente em nome da beleza prevista e

acarreta problemas de ordem física, como desgaste de articulações; os de ordem psíquica podem afetar o sujeito a longo prazo. As crianças ainda não têm uma personalidade formada para situações de grande desilusão, fracasso ou, até mesmo, falta de talento para o esporte. Problemas relacionados com o treinamento precoce: má formação escolar, a unilateralização do desenvolvimento, reduzida participação em atividades lúdicas que incentivam o desenvolvimento da personalidade do sujeito, estresse de competição, que gera insegurança, medo e ameaça à autoestima; saturação esportiva, que se manifesta através do desinteresse em continuar a prática e as lesões (KUNZ, 1994; RAMOS e NEVES, 2008).

No caso da GR, as crianças não optam livremente por este tipo de treinamento, sistemático e intenso, mas são facilmente influenciadas, dependentes e elásticas para participarem da modalidade. A busca incessante pelo prestígio conduz professores e familiares a exporem as crianças a situações de grande exigência e tensão, de treinamentos intensivos e precoces em busca de altos rendimentos (GABARRA; RUBIO; ANGELO, 2009).

⁶ O Código de pontos que é um conjunto de regras que rege as modalidades da ginástica e abarca a tabela de elementos de cada uma delas. Sua criação, ajustes e atualizações são realizados pela FIG (LAFFRANCHI, 2001)

almejada para que se alcance o primeiro lugar no pódio. Há uma naturalização do movimento do corpo:

Fruto da biologização e naturalização que dirige a construção da nova sociedade, a Educação Física foi utilizada pelos médicos higienistas como instrumento de aprimoramento da saúde física e moral, acoplada aos ideais eugênicos de regeneração e purificação da raça. Ela se fez protagonista de um corpo saudável, robusto, disciplinado e de uma sociedade asséptica, limpa, ordenada e moralizada, enquadrada, enfim, nos padrões higiênicos de conteúdo burguês (SOARES, 2001, p. 136).

A vida das atletas da GR é uma constante rotina moldada por regras e controle. O objetivo é garantir a qualidade da sua profissão, o que inclui treino, alimentação, sono, estudos e tempo livre. Esse último usado para atividades da vida de qualquer jovem: namoros, amizades, passeio, família, etc. Não é permitido se exceder para que o corpo se mantenha produtivo. Assim, o desempenho sobrepuja a vida: há “a negação de outras maneiras de viver o corpo e experiências de vida, presentes, por exemplo, nas ações cotidianas relativas à alimentação, ao convívio familiar, às formas de perceber e aceitar o próprio corpo” (PORPINO, 2004, p.129)

Elas vivem em um constante paradoxo, pois, “ao mesmo tempo em que o sacrifício é justificado pela concretização de uma estética esperada é na negação de uma estética de vida que esse sacrifício é realizado” (PORPINO, 2004, p. 128). A ginasta faz escolhas, às vezes não conscientes, mas que a levam a significar a sua profissão de atleta onde o corpo é de fato utilizado na sua tolerância máxima para desempenhar e conquistar resultados expressivos.

GR é uma modalidade estritamente feminina e tem como características a exigência do baixo peso corporal, da leveza e da feminilidade. Além da magreza ser um ideal da sociedade, nesse esporte de alto rendimento o tema passa a ser condição. As atletas são submetidas a processos de treinamento e competição que geram a necessidade de manipular a alimentação e o peso corporal na tentativa de aperfeiçoar a desempenho (VIEIRA et al., 2009).

Para a atleta de GR, seu corpo e sua alma devem ser instrumentalizados, pois se utiliza da sua própria força para alcançar a melhor performance ou controle de uso de outros instrumentos. Para que a atleta alcance a perfeição do gesto desportivo e o automatismo correto da execução dos movimentos, a ginasta passa por uma rotina extenuante com infindáveis repetições durante sua preparação e exigentes correções detalhadas de cada movimento (LAFFRANCHI, 2001).

Segundo Vigarello (2005), o significado do corpo no esporte de alto rendimento é um objeto em busca de mais e maior produção para obtenção de recordes e, ao ser comparado a máquina, executa movimentos complexos e difíceis. Para que esses movimentos sejam executados com precisão o corpo é disciplinado, garantindo um melhor desempenho do indivíduo. O corpo do esportista é técnico, medido, manipulado, treinado:

O corpo (da atleta de GR) é tomado como objeto manipulável enquanto investido na direção de expressar a capacidade humana de dominar a natureza e de explorá-la, fazendo-a render o máximo possível. Potencializar o corpo só é possível enquanto esse é objetivado, para então fazê-lo suportar a dor e a renúncia do prazer imediato exigido – sentir voluntariamente fome; levar o corpo até a exaustão por meio do exercício físico; comer a partir do cálculo sobre o número de calorias e nutrientes dos alimentos –, em benefício de se construir um corpo atlético e/ou saudável (BOAVENTURA, 2011, p.42).

Para que o corpo seja manipulado é preciso a utilização da técnica, que no caso da GR é difícil de ser executada. Com o passar dos anos, a especialização se aproximou do perfeccionismo ao ponto de tornar quase impossível a realização dos movimentos. Vigarello (2005) trabalha o conceito de *modelagem do próprio corpo* para falar do corpo utilizado na prática esportiva e que na GR se associa ao conceito de beleza, que por sua vez é constituído através da sociedade e cultura em que cada atleta vive. De acordo com a *modelagem*, o corpo da ginasta deve estar apropriado ao uso do maiô; por ser um esporte praticado por mulheres e suas características mitológicas abordarem a beleza feminina, a magreza e a aparência, acaba por se tornar a principal característica de uma ginasta praticante desse esporte, que exige cada vez mais feminilidade, beleza de movimentos e, conseqüentemente, corpos perfeitos para um desempenho exemplar.

Em consequência da rígida rotina, as atletas não conseguem parar de treinar ou dar o descanso necessário e, por isso, acabam mascarando as lesões, não informando à comissão técnica e nem ao departamento da fisioterapia (CAVALCANTI; PORPINO, 2015). Depois de muito tempo desprezando as pequenas dores durante o treinamento, acabam no departamento de reabilitação e, muitas vezes, não respondem a contento ao medicamento e à fisioterapia devido ao curto tempo dedicado à reabilitação, em virtude do excesso de treinamento e da exigência da comissão técnica (OLIVEIRA et al., 2003).

Situações assim são justificadas na modalidade porque os limiares de excitabilidade e os limites de resistência são diferentes em cada cultura esportiva. O esforço insuportável, a dor tolerável e o prazer extremo são menos função de particularidades individuais que de

critérios sancionados pela aprovação ou desaprovação coletiva do que função de particularidades individuais. Cada técnica, cada conduta, tradicionalmente aprendida e transmitida, funda-se em certas sinergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários com todo um contexto sociológico (LÉVI-STRAUSS, 2003).

A imagem mitificada das atletas, ligada ao perfeito, ao belo e ao singelo faz com que dor e sofrimento sejam banalizados às rotinas de treino e transformam-se em fatores determinantes do desempenho, pois não há como não sentir dor com este excesso e intensidade de treino. Há, aqui, o encontro de sua justificação social da modalidade: para chegar ao perfeito, tem que sentir dor e sofrer, mas isso vale no esporte (CAVALCANTI; PORPINO, 2015). Le Breton (2013, p.208), completa: “longe de fugir dela como o homem comum, o esportista pede a dor como uma matéria prima na obra que ele realiza com o seu corpo”.

No caso específico da GR, Cavalcanti e Porpino (2007, p.2) argumentam sobre esse corpo que se apresenta como algo que “é capaz de expressar, transcender, mascarar, simular e maquiar sentidos a todo o momento”, pois, ao mesmo tempo em que traz para a plateia um desempenho impecável e que emocione, a atleta pode estar em grande dor, porém não há percepção por parte dos espectadores devido à beleza do espetáculo em quadra (VIANA; MEZZARROBA, 2003). Para ser ginasta, é preciso abandonar sua vida para garantir sua resignificação por meio da dor, do uso de um corpo constantemente utilitário em prol do sonho de se tornar uma campeã (CAVALCANTI; PORPINO, 2015).

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Apresentação das atletas

Mais do que resumir dados, apresento, de forma reduzida, a história de vida das atletas da ginástica rítmica brasileira. O conteúdo revela as particularidades das atletas e como elas teceram seus enredos para contextualizar as narrativas das suas memórias. Os encontros foram realizados pelos integrantes do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP), em diferentes períodos e de acordo com a disponibilidade de cada uma delas. A análise de como as atletas experienciaram e quais os significados da dor ao longo da sua vida no esporte foi realizada a partir da seleção de trechos das narrativas biográficas e da pergunta estimuladora: *Como você lidava com a dor?*

São elas as protagonistas:

E1 Alessandra Ferezin nasceu em Londrina (PR), em 7 de abril de 1976. Começou a treinar aos 8 anos de idade. Aos 10 anos, foi escolhida pela técnica Bárbara Laffranchi para treinar pela equipe de Londrina. Aos 13 anos, participou de sua primeira competição internacional na categoria adulta. Em 1995, suspendeu as atividades em razão do casamento e duas gestações. Em 1997, voltou a treinar, começou a fazer faculdade de Educação Física e retornou para a Seleção Brasileira. Em 1999, foi campeã dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, posição que, até então, a ginástica rítmica brasileira nunca conquistara, garantindo a vaga inédita por equipe para os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000. Formou-se em Educação Física, fez especialização em ginástica rítmica e mestrado na Unicamp. Foi professora do Colégio Adventista e de faculdades em Londrina. Abandonou a GR e não costuma nem assistir aos campeonatos na televisão.

E2 Ana Maria Teixeira Maciel nasceu em Londrina (PR), em 18 de novembro de 1987. Aos 7 anos, começou na GR e logo foi selecionada para Unopar, que treinava a Seleção Brasileira. Conquistou três medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, no conjunto arco e bola e no conjunto fitas. Foi aos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, lesionada, o que prejudicou seu desempenho. Em seu retorno, foi informada de que a Seleção Brasileira não mais ficaria em Londrina e por isso decidiu encerrar a carreira de atleta. Voltou a estudar e formou-se farmacêutica.

E3 Camila Ferezin nasceu em Londrina (PR), em 18 de abril de 1977. Inicia na modalidade aos 7 anos de idade. Tempos depois, passou a treinar com Elizabeth Laffranchi,

técnica de Londrina. Em 1989, em seu primeiro campeonato, foi campeã brasileira por conjunto. Em 1991, ainda como juvenil, foi chamada para a seleção brasileira adulta que disputou os Jogos Pan-Americanos em Havana. Em 1995, disputou os Jogos Pan-Americanos de Mar Del Plata, conquistando a medalha de bronze no conjunto. Engravidou em 1998 e continuou treinando até o 8º mês de gestação. O filho nasceu em janeiro e, dois meses depois, voltou aos treinos, visando aos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999, quando conquistou ouro no conjunto. Participou dos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000 e, na sequência, encerrou a carreira de atleta. Concluiu a faculdade de Educação Física. Foi aos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, como auxiliar técnica da seleção. Em 2011, tornou-se técnica interina da equipe, que disputou os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara e conquistou a medalha de ouro no conjunto. Treinou a equipe que participou dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

E4 Daniela Aleixo nasceu em Belo Horizonte (MG), em 20 de abril de 1988. Começou a praticar diferentes esportes aos oito anos, após abandonar o balé. Aos 16 anos, pensava em abandonar a GR quando surgiu uma seletiva para a Seleção Brasileira, na qual foi aprovada. No ano de 2005, mudou-se para Vitória (ES), onde se concentrava a Seleção Brasileira. Foi uma das titulares do conjunto que conquistou três medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007. Esteve nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Encerrou a carreira de atleta após os Jogos devido a uma lesão no ombro direito. É formada em Relações Internacionais e trabalha na prefeitura de Belo Horizonte.

E5 Dayane Camillo nasceu em 15 de dezembro de 1977, em Londrina (PR). Começou a praticar GR no colégio, aos seis anos, estimulada pela mãe, que era professora de Educação Física. Disputou o primeiro campeonato mundial aos 13 anos. Participou dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999. Participou dos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, e de Atenas, em 2004. Nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, foi medalhista de ouro na fita. Encerrou a carreira aos 26 anos. Formou-se em Educação Física e especializou-se em ginástica rítmica. Trabalha com técnica de GR.

E6 Fernanda Cavalieri nasceu na cidade de São Paulo, em 28 de agosto de 1985. Começou na GR aos sete anos, no colégio. Treinava no Esperia quando foi medalhista de prata no campeonato brasileiro de 2001. Transferiu-se para Londrina, para treinar com a Seleção Brasileira, que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, no conjunto. Participou dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. No retorno dos Jogos de Atenas, encerrou sua carreira de atleta. Fez faculdade de Administração e Marketing.

E7 Flávia Cristina de Faria nasceu em Brasília, em 29 de janeiro de 1982. Começou na GR aos 10 anos. Aos 15, foi convocada para a Seleção Brasileira e se mudou para Londrina, onde se concentrava a seleção permanente. Participou do conjunto campeão dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999. Foi aos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000 e parou de treinar em 2002. Gradou-se em Educação Física, mas trabalha como administradora.

E8 Jeniffer de Oliveira nasceu em 16 de março de 1989, em Londrina. Começou na GR aos seis anos, em Maringá. Quando tinha oito anos viu um anúncio da seletiva para a modalidade e resolveu se inscrever. Foi selecionada e começou a treinar na Unopar. Participou da equipe que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, no conjunto. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos de Atenas.

E9 Larissa Barata nasceu em Salvador (BA), em 30 de março de 1987. Aos oito anos, mudou-se para Aracaju (SE) e começou a estudar no Colégio Arquidiocesano, onde viu uma apresentação de GR. Tentou começar a treinar, mas foi considerada muito jovem. Ainda assim, soube que haveria um teste para a seleção de novas atletas, participou e foi escolhida pela professora Maria Cristina Vital. Com três meses de treinamento, disputou a primeira etapa do campeonato sergipano e ficou em 6º lugar geral individual. Na segunda etapa, foi campeã aos nove anos. Aos 10, foi vice-campeã brasileira e, no ano seguinte, sagrou-se campeã, posição que se repetiu por seis anos consecutivos. Em 2003, foi aos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. Participou dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, no conjunto que terminou a competição na 8ª colocação. Na volta dos Jogos, decidiu parar de competir pela seleção, que treinava em Londrina, para retornar a Aracaju. Depois de três anos, voltou a treinar e retornou à seleção brasileira, em 2010, quando novamente interrompeu a carreira para dar à luz ao filho Pedro. É formada em Educação Física.

E10 Luana Faro nasceu em Belém (PA), em 24 de março de 1990. Sua mãe era técnica de GR, e Luana começou a praticar a modalidade aos seis anos. Competiu pela primeira vez aos nove anos. Aos 12, conquistou a primeira medalha, em um campeonato nacional. Em 2004, foi pela primeira vez campeã brasileira, nos Jogos da Juventude. Dois anos depois, foi convocada para a Seleção Brasileira individual, em Aracaju. Após seis meses, foi chamada para a seleção de conjunto, em Vitória (ES), que foi aos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Decepcionada com o resultado obtido e com as condições da modalidade resolveu encerrar sua carreira de atleta, depois de retornar dos Jogos Olímpicos. É formada em Direito.

E11 Luísa Matsuo nasceu em Florianópolis (SC), em 8 de agosto de 1988. Aos oito anos, começou a treinar GR no projeto da Universidade do Estado de Santa Catarina. Aos 16, mudou-se para Aracaju para fazer parte da Seleção Brasileira. Em 2007, passou a integrar o conjunto e foi morar no Espírito Santo. Nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro de 2007, conquistou três medalhas de ouro no conjunto geral e duas no conjunto por aparelhos. Foi aos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Em 2011, conquistou três medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara: uma no conjunto geral e duas no conjunto por aparelhos. Como a equipe não conseguiu a vaga para os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, voltou à sua cidade natal, onde se mantém treinando, porém em outro ritmo. Retomou às duas faculdades (Nutrição e Educação Física). Pretende atuar como técnica.

E12 Marcela Oliveira Menezes nasceu em Salvador (BA), em 1986. Uma professora da escola a descobriu nas aulas de Educação Física, em 1996. Treinou GR até ingressar na Seleção Brasileira, em 2003, e mudou-se para Toledo (PR). Em 2004, transferiu-se para o Clube do Exército de Brasília e, no ano seguinte, ingressou na seleção de conjunto e foi morar em Vitória (ES). Participou dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, quando ganhou duas medalhas de ouro, sendo uma no conjunto e outra no conjunto por aparelho – arcos e maçãs. Participou dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Encerrou a carreira devido a uma lesão no ombro. Formou-se em Educação Física.

E13 Marta Cristina Schonhorst conhecida na ginástica como “Kitty”, nasceu em Passo Fundo (RS), em 11 de novembro de 1974. No colégio, em Porto Alegre, praticava voleibol, ginástica e atletismo. Aos sete anos, optou pela GR e passou a treinar na Sogipa. Aos nove, disputou o primeiro campeonato sul-americano. Com a transferência profissional do pai para São Paulo, iniciou seus treinamentos no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Secretaria Municipal de Esportes. Aos 14 anos, uma nova transferência do pai, desta vez para a Alemanha, favoreceu seu treinamento com a seleção do local onde morou. Em 1989, estreou no campeonato mundial e, um ano depois, conquistou a vaga individual para os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. Depois de encerrar a carreira de atleta, cursou Educação Física e se tornou técnica da modalidade.

E14 Natália Scherer Eidt nasceu em Santa Cruz do Sul (RS), em 28 de outubro de 1985, começou a fazer ginástica artística aos cinco anos e, na metade do ano, resolveu mudar para a GR, na escola em que estudava. Aos sete anos, começou a participar de competições. Aos nove anos, foi a seu primeiro campeonato brasileiro, momento em que também sofreu sua primeira lesão grave, que a deixou fora de treinamentos por seis meses. Aos 12 anos, foi convocada para a Seleção Brasileira e participou do campeonato pan-americano de ginástica

artística e rítmica em Houston, quando conquistou o 3º lugar. Em 2000, participou do grupo que, pela primeira vez, foi aos Jogos Olímpicos em Sidney, quando a equipe terminou na 8ª colocação. No retorno dos Jogos, resolveu sair da seleção por se considerar cansada da rotina de treinos e competições. Voltou a treinar e competir, quando sofreu uma fratura por estresse na 5ª vértebra lombar. Ainda assim, foi aos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, conquistando três medalhas de ouro e ajudando a garantir a vaga olímpica. Porém, no processo seletivo para os Jogos Olímpicos de Atenas, foi cortada da seleção e, então, resolveu encerrar sua carreira. Passou a dançar e fez faculdade de Educação Física.

E15 Nicole Romme Muller nasceu em Toledo (PR), em 27 de fevereiro de 1989. Começou a praticar GR aos 10 anos, na cidade natal, após indicação de uma amiga da mãe. Depois de um ano, foi para a equipe AER Sadia, onde a rotina de treinos levou seu pai a sugerir que ela deixasse o esporte. Em 2003, disputou a primeira competição no exterior, mesmo ano em que passou a integrar a Seleção Brasileira. Por isso, mudou-se para Londrina, aos 15 anos e, em 2005, foi para Vitória, no Espírito Santo, onde a Seleção se concentrava. Participou dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, onde conquistou três medalhas de ouro. Foi aos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Após a participação olímpica, deixou a Seleção Brasileira, mas continuou treinando em clubes até 2010. É formada em Ciências Contábeis.

E16 Rosane Favilla nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1965. Aos seis anos, começou a fazer aulas de GR no Tijuca. Em poucos meses foi chamada para participar de seu primeiro Campeonato Carioca e foi campeã. Aos sete anos, foi para a Ginastrada, na Venezuela. Quando cursava Educação Física pela Universidade Gama Filho, começou a competir pela faculdade. No Campeonato Mundial de Estrasburgo, em 1983, conquistou a vaga individual para ir aos Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984, tornando-se a primeira representante sul-americana da GR, em Jogos Olímpicos. Em 1987, conseguiu patrocínio da apresentadora Xuxa para ir ao Campeonato Brasileiro em Manaus, classificatório para os Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, em 1987, quando a GR entrou para o programa da competição. Encerrou a carreira em 1989, competindo pela AABB Rio, e passou a ensinar ginástica rítmica.

E17 Tayanne Mantovaneli nasceu em 14 de fevereiro de 1987, em São Paulo, porque o pai, capixaba, estava a trabalho em terras paulistas, quando do nascimento da filha. Passado um ano e meio, voltaram ao Espírito Santo. Começou a praticar ginástica na escola, aos 6 anos. Em 1994, passou a treinar diariamente. Em 1997, aos 10 anos, foi campeã do campeonato brasileiro pré-infantil. Aos 14 anos, foi submetida a sua primeira cirurgia no

joelho, devido a uma lesão ocorrida durante uma competição. Conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, na categoria individual. Mesmo com a medalha, não conseguiu a classificação individual para Atenas, mas foi convidada a compor a equipe que disputaria o conjunto. Foi aos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e participou da conquista do 8º lugar. Na volta dos Jogos, teve que fazer uma segunda cirurgia no joelho, situação que a deixou fora da Seleção até 2006, quando voltou aos treinamentos e à Seleção titular. Conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007. Participou, ainda, dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Formada em Direito, ingressou na Polícia Federal em 2010 e passou a exercer sua nova profissão em Cuiabá.

E18 Thalita Santos Nakadomari nasceu em Londrina, Paraná, em 11 de maio de 1985. Começou a praticar GR aos 7 anos. Aos 14 anos já fazia treinamento competitivo e foi convocada para a Seleção Brasileira. Participou da equipe brasileira de GR nos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000. Conquistou três medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003: no conjunto, nas cinco fitas e nos três arcos e duas bolas. Embora fosse titular da equipe e tivesse chances de ir aos Jogos Olímpicos de Atenas, optou por encerrar a carreira de atleta em 2003, aos 18 anos, para poder ter uma vida sem as restrições que o esporte lhe impunha. Graduou-se em Educação Física.

6.2 Análise das narrativas

Dedico esta parte da pesquisa para identificar e analisar os significados atribuídos à dor nas narrativas das dezoito atletas olímpicas brasileiras de GR, discutindo as memórias a partir dos conceitos apresentados nos capítulos deste estudo. A análise das entrevistas das atletas da GR compreende as questões relacionadas ao significado atribuído à dor, tendo como referência a cultura do esporte e da modalidade.

A GR tem algumas especificidades, como excesso de treinos, lesões constantes e falta de tempo para reabilitar. Além disso, é possível acessar a dor como forma de sofrimento em decorrência das restrições alimentares, isolamento social, idade precoce, falta de entendimento do contexto e a rigidez do processo de formação da identidade de atleta. Solicitar às atletas que contassem suas histórias de vida e de como lidavam com a dor, permitiu acessar memórias e significados, apresentando características que, se por um lado podem ser vividas por todos os atletas, por outro apresentam vivências específicas da modalidade escolhida.

A atleta E16 não apresentou aspectos dolorosos em relação à prática esportiva. Ela conquistou a vaga individual para ir aos Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984, tornando-se a primeira representante sul-americana da GR, em Jogos Olímpicos. Quando começou, a modalidade ainda não participava dos Jogos, e costumava treinar com sua equipe técnica, formada por técnico, médico, psicólogo, nutricionista e um pianista exclusivo. Nesse período, ainda não havia cultura da modalidade estabelecida; no Brasil, não existia um grupo. Segue trecho em que a atleta narra o seu significado de GR:

É, hoje em dia eu vejo esporte como circo, porque desculpa, não é o esporte que eu pratiquei a minha vida toda. Na minha época não podia roupas com brilhos, a malha tinha que ser simples pra não ofuscar os movimentos da atleta. Hoje em dia é tudo muito brilho, é tudo muita cor. Você tira o foco do objetivo que é movimento e música, que cria a arte. Então, hoje em dia, eu vejo assim, não é ginástica rítmica (E16).

E16 foi precursora na modalidade e a sua narrativa se diferencia das demais representantes da GR nos Jogos Olímpicos.

A análise foi subdividida em temas equivalentes aos conteúdos narrados pelas atletas como forma de organização e didática.

6.2.1 A cultura da GR e a dor

A dor penetra as experiências pessoais repletas de significação, interpretação e explicação, sempre mediadas pela cultura, pelas relações sociais e subjetividade. Para Pereira e Zago (1998) e Le Breton, (2013) a cultura fornece aos grupos sociais as explicações sobre as causas da dor e maneiras combatê-la. Fornece, ainda, as experiências acumuladas e as expectativas sobre o sofrimento habitual a cada tipo de situação. A modalidade GR prover subsídios para justificar a dor dentro de um grupo e sobre isso uma atleta nos conta:

Eu tinha 17 anos, já estava toda destruída, joelho estoporado, cabeça pirando, porque é muito difícil a vida no esporte. [...] Meu joelho de papel foi apodrecendo ao longo do tempo, que depois eu reconstruí cirurgicamente, mas eu nunca tive lesões impeditivas. O limiar de dor fica muito alto. De verdade não me lembro de ter sofrido. Lembro de ter tomado muito remédio, de ter feito muita fisioterapia, mas eu não me lembro de isso ser para mim um limitador de performance e nem um dos motivos de muito cansaço, a dor física, não era assim (E13).

E13 faz parte da primeira geração da GR no Brasil. Começou na modalidade aos seis anos e, aos nove, já estava participando da sua primeira competição internacional. O esporte entrou na sua vida como uma brincadeira e, segundo ela, a sua história de vida se confunde com o caminho percorrido como atleta de alto rendimento, da mesma forma que seus anos como atleta são responsáveis pela pessoa que é hoje. Filha de pai alemão, teve uma educação rígida e regrada, o que acredita ter colaborado com a GR, por este ser um esporte que exige disciplina e rigidez militar (SOARES, 2002; PELEGRINI; MARTINELLI, 2007). Apesar de ter iniciado na modalidade aos seis anos ela, se reconhece como atleta somente a partir dos catorze anos, quando compreendeu que poderia fazer algo diferente indo treinar na Europa. Nesse período, sua família se mudou por conta do trabalho do seu pai. Antes de chegar à idade adulta, já sentia as consequências do excesso de treino, pois seu corpo estava muito machucado e sua alma em grande sofrimento. Aos dezessete anos, ela já não aguentava mais ficar na modalidade, quando foi convocada para os Jogos de 1992, optando pela continuidade.

E13 manifesta sua percepção de corpo ou dos dados cenestésicos⁷ como resultado da assimilação social e cultural e que não é reproduzido em categorias objetivas de modificação sensorial (HELMAN, 1994; HANSEN; STRELTZER, 2005; LUMLEY et al., 2011; BORSOOK, 2012; LE BRETON 2013). Isso pode indicar que o que ela sente ou percebe não equivale à sua situação física, por isso que, apesar de ter passado a vida com lesões no joelho, sendo medicada e vivendo constantemente em fisioterapia não entendia isso como fator impeditivo. O corpo machucado não era considerado um problema para a atleta, mesmo que este lhe causasse muitas dores e sofrimento nos períodos de treinamento.

Durante os anos em que esteve na modalidade, a relação que estabeleceu com seu corpo, sua capacidade de ignorar a dor e aumentar o seu limite de tolerância aconteceu pela capacidade de transformar as sensações experimentadas em categorias próprias, partilhadas através das referências obtidas pela cultura do grupo da modalidade. **E13** desenvolveu um saber sobre a dor e o sofrer sem que precisasse pensar sobre ou se apropriar das situações como dolorosas, ao dar menos importância à sua percepção. Interpretações como essa em que a dor está presente, mas é de certa forma ignorada, ocorrem uma vez que o saber sobre ela é interiorizada pelo sujeito e passa a ser parte integrante, ou seja, a partir do momento em que

⁷ É a consciência (sensopercepção) que temos do próprio corpo, a representação consciente do próprio corpo, de sua posição, de seu movimento, das impressões sensoriais internas do organismo. Em neurologia designa a sensação que o indivíduo tem da situação de sua existência, isto é, a consciência de suas funções orgânicas e de sua corporeidade.

Quando existe uma percepção falsa dos órgãos internos ou do esquema corporal, falamos em Alucinações Cenestésicas. Nestes casos os pacientes sentem como se tivessem seu fígado revirado, esvaziado seu pulmão, seus intestinos arrancados, o cérebro apodrecido, o coração rasgado, e assim por diante (STAROBINSK, 1999).

cultura e sujeito se integram, não é mais possível sentir ou perceber-se diferenciando dela, pois eles passam a interagir. Os aspectos culturais aderem ao indivíduo e formam uma unicidade, auxiliando na orientação das percepções sensoriais, colaborando para que diante da dor houvesse formas de pensamento que provocassem medo ou indiferença sobre este sentimento (LE BRETON, 2013).

E13 tem o corpo como ferramenta de trabalho e dores ou lesões significam impedimentos para treinos ou competições, evidenciando as suas limitações e questionando, assim, a sua identidade como atleta, uma vez que para ser atleta essas são as condições. A fim de evitar esse tipo de situação, ela ignora sua percepção e segue até o máximo do limite quando, então, percebem algum sinal de alerta (DO VALLE; GUARESCHI, 2003; SILVA; RUBIO, 2003; RUBIO; GODOY MOREIRA, 2007). Ignorar a percepção de dor é facilitado pelos saberes do grupo de GR que acredita que a atleta é a única responsável por sentir dor e isso só se torna fator impeditivo se assim ela quiser.

A história de **E13** é de disciplina, flexibilidade, treinos, exigências, vencer e se superar constantemente. Qualquer evento que mostre o contrário pode ser entendido como uma derrota. Esse discurso é reproduzido com devoção, pois há o desejo de vencer e competir a qualquer custo e a despeito da saúde. Os conhecimentos passados pela cultura da modalidade foram incorporados por ela, dando-lhe a capacidade de criar estratégias que lhe permitissem enfrentar o sofrimento:

É engraçado, pra mim, de verdade, não foi muito forte. Claro que teve a questão do joelho, da coluna algumas vezes, porque a gente trabalha com uma flexibilidade absurda, então, a coluna sofre demais. Fiz fisioterapia dez anos, treinei dez anos e fiz fisioterapia todos os dias. Já fazia parte da minha rotina de treino, chegava, ia pra fisio, depois ia treinar, depois passava pela fisio, depois ia pra casa. Tirando meu joelho, que eu tive três luxações completas e uma, inclusive num campeonato, nos jogos sul-americanos, ele saiu do lugar antes da última prova, eu já tinha ganhado os três ouros e faltava a última, era maçã, peguei a maçã e “pum”, dei uma porrada nele, pra ele voltar e competi. Então, eu não me lembro de dor ser um problema (E13).

Esse trecho da narrativa de **E13** conta como foi possível, durante a coreografia de um campeonato, na qual teve seu joelho doente deslocado, lembrar-se de bater a maçã - instrumento utilizado pela ginasta durante a apresentação - no próprio joelho com o objetivo de reposicioná-lo no seu devido lugar. Após finalizar a apresentação, ela conta que foi retirada do ginásio deitada em uma maca. **E13** conseguiu o primeiro lugar nessa competição e lembra, com muito orgulho, o que fez para conseguir essa colocação. A atleta foi ensinada que é

preciso suportar a situação e inibir a manifestação de dor porque a vida é dura. Para ser a melhor e se tornar campeã, sofrimento e capacidade de enfrentamento são inerentes. A cultura da modalidade dita que é preciso demonstrar resistência como forma de elaboração da identidade atlética e como sinal de pertencimento à comunidade de atletas de GR. (HALL, 1994, 1997; DA SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

E13 e as atletas olímpicas de GR utilizam-se dos sistemas de significados do seu grupo para definir as possibilidades de se relacionar com a dor dentro do contexto esportivo, permitidas pela afinidade com as demais. Essa apreensão é o que regula sua conduta e norteia suas ações. **E13** demonstra que a dor não é proporcional a uma lesão, mas uma tradução social e cultural daquilo que é possível sentir, uma vez que, diante da dor, cada um é solicitado em sua visão de mundo, em seus valores e em sua trajetória pessoal (LE BRETON, 2013). A capacidade dela vai além do dor física decorrente de limites do corpo, mas se relaciona com as implicações sociais culturais do contexto e do atleta.

A dor é um componente do esporte de alto rendimento e, ao entrar para o grupo, as atletas se adaptam para criar condições de sobrevivência na modalidade, elas aceitam a cultura. A capacidade que seu corpo tem de se sentir dolorido todo o tempo não é compreensível aos olhos da fisiologia, pois ela não sucumbe à dor, mesmo sendo insuportável (HELMAN, 1994; LE BRETON, 2013). É a cultura da GR que dá a possibilidade de significar a dor e os seus processos de estruturação e organização das relações sociais estabelecidas na modalidade.

Aqui, os relatos de duas atletas (**E4** e **E15**) sobre como era lidar e conviver com a dor, e que demonstram como a cultura autoriza este modo de vida:

Na nossa seleção, não tinha uma que não era muito machucada. Acho que nos esportes em geral todo mundo vive e lida com a dor porque está sempre no limite do corpo. A gente usa a totalidade do corpo, era realmente muito machucada. Eu treinei esses quatro anos na seleção no limite mesmo da dor. É difícil, mas você sabe que não tem jeito. Tinha que competir, então eu engolia e competia (E4).

Às vezes era frustrante, você querendo fazer o negócio e não dava por causa de uma coisa ali que não deixava, mas, ao mesmo tempo, foi mais fácil porque, se fosse na época da seleção, você tem que aguentar aquela dor a todo custo, porque se você não der conta tem outra ali pra entrar no teu lugar. Não parava de treinar, não engessava, era analgésico e gelo, analgésico e gelo (E15).

E4 conta que iniciou cedo na modalidade e, antes de entrar na puberdade, já se encontrava em especialização esportiva. A sua história de vida é marcada pela capacidade de

disciplina e paixão pelo esporte. Para ela, ser atleta de GR é uma tarefa árdua devido à quantidade de horas de treinamento. A maneira que ela encontrou para se diferenciar na GR e internalizar a identidade de atleta da modalidade foi a comparação com sua irmã, que era jogadora de vôlei. Ambas eram integrantes do esporte, porém em contextos distintos e essa diferenciação era percebida através das exigências e rigidez solicitadas na GR. Dessa forma, sua carga de treinamento, dedicação, alimentação e limitações na vida social, se comparada com a da irmã, era muito maior, com uma vida quase que exclusiva para o esporte, e via isso como uma exigência normal por ser atleta de GR. Para ela, viver dessa maneira só era possível por paixão, um amor incondicional que considerava como uma droga, pois, além de treinar ser muito difícil e doloroso, era viciante.

E15 também começou na modalidade ainda criança, aos 10 anos. Desde então, incorporou os hábitos das atletas de GR: escola em um período e treino o resto do tempo. Ela conta que, em muitos momentos, desejou largar o esporte por achar a sua rotina insuportável, porém, se sentia cobrada pela equipe e família, o que fazia com que ela continuasse. Durante os anos na Seleção sofreu duas fraturas por estresse, que foram resolvidos apenas com medicações e fisioterapia, pois a pressão pela perda da vaga valia qualquer dor. A sua aposentadoria aconteceu em 2010, por não aguentar mais a vida restrita e sofrida.

E4 e E15 relembram e relatam a sua vida como atletas de GR, das consequências por estarem no meio e, como a dor neste ambiente pode ter a própria existência como significado. Le Breton (2013, p.47) comenta que “o corpo vivo do homem não se limita aos relevos desenhados por seu organismo; o modo como o homem o investe, o percebe, é mais decisivo” e **E4 e E15** contam que não importava as consequências de ultrapassar os limites do corpo, mas como elas iam fazer para que isso ocorresse.

Ao narrarem o caminho percorrido no esporte, **E4 e E15** descrevem algumas das especificidades da GR, como a prematuridade de especialização e alto nível de exigência nos treinos em decorrência da natureza artística da modalidade, que requer perfeição de movimentos (LAFFRANCHI, 2001; PELEGRINI; MAERINELI, 2007; TOLEDO, 2010; CAVALCANTI; PORPINO, 2015); a especialização precoce exigiu delas o amadurecimento, o que as fizeram viver, perceber e ter obrigações do mundo adulto, como a necessidade de decisão que **E4** precisou tomar aos dez anos de idade, quando foi indagada se queria ou não continuar na GR e acompanhar a Seleção definitivamente. Nas suas memórias, ser atleta era uma grande diversão até este momento de impasse, pois precisou tomar uma decisão que iria definir seus próximos anos de vida, quando ainda era uma criança.

Na sua família, praticar esporte era visto como obrigação e, nessa fase, **E4** teve muitas experiências; mas, aos doze anos, ela escolheu a GR. Esse foi seu primeiro grande obstáculo na vida e na modalidade, pois, ao mesmo tempo em que queria estar nela e era exigida uma definição por parte de comissão técnica e dirigentes, a sua família não permitia a especialização. Depois de insistir e persistir, ela conseguiu permanecer na GR.

A especialização precoce trouxe lesões quando ainda adolescente. **E4** conta que o período em que esteve na Seleção foi de muita dor e corpo debilitado. Sentia dores no ombro, não conseguia levantar a mão, doía para caminhar, quebrou cotovelo, teve inflamação no quadril, problema na coxa, etc. Para ela, o hábito precoce de sentir dor aumentou sua capacidade de resistir e, como consequência, elevou o limiar de tolerância. Segundo ela, além do controle pessoal, algumas das coisas que a fazia suportar era a vontade de competir, a força da equipe e a confiança que a técnica depositava nela e nas outras meninas.

Nas suas histórias, essas atletas falam das exigências e de como estabeleciam sua conexão com seu corpo através do outro: atletas e a técnica. A vinculação e o pertencimento ao grupo geraram a capacidade de simbolizar e, por consequência, amenizar a sua dor e os problemas físicos. Os grupos dão sentido aos significados atribuídos aos sentimentos e percepções. Elas se veem e são vistas como a própria representação do atleta: alguém que é capaz de suportar e superar qualquer dificuldade para chegar ao objetivo. Essa naturalização da dor é construída pela cultura esportiva que a consente, pois, se o corpo é a ferramenta de trabalho vencer e superar-se é necessário para ser campeão. Para **E4** e **E15**, a dor vai além de sinalizar os perigos que ameaçam o corpo, ou a saúde, ela é necessária para que as atletas possam concretizar sua história na GR.

6.2.1.1 A dor e o belo

Uma das características mais marcantes da GR é a relação estabelecida entre beleza e dor. São duas variáveis que parecem existir juntas e, por isso, quanto mais se exige de uma, mais a outra cresce. Aqui, quanto mais dor, mais belo, pois, segundo Cavalcanti e Porpino (2015), “a construção de beleza, sofrimento e dor entremeiam-se numa trama de sentidos: o corpo, fazendo com que ginasta e coreografia se constituam como uma obra de arte”, o que sugere que é preciso ir além do refinamento técnico e busca da perfeição.

O belo é a principal contemplação na ginástica e alcançada através da disciplina coercitiva dos corpos, pela retidão, pela higiene, pela harmonia de formas, pela simetria (LAFFRANCHI, 2001; PORPINO, 2004; PELEGRINI; MARTINELI, 2007; TOLEDO,

2010; CAVALCANTI; PORPINO, 2015). A fim de chegar ao ápice, se faz necessário um conjunto de prescrições rígidas para se extrair um resultado esperado e produzir, através do corpo das atletas, o conhecimento sobre o mesmo a fim de ficar cada vez melhor. A busca é quase divina.

A gente treinava muito porque se a gente ficasse uma semana sem treinar era um desastre quando voltava o treino, porque a gente tinha que treinar pra atingir a perfeição e pra isso era preciso repetir muitas e muitas vezes [...] Não tem o que fazer. Estava bem ruim da lesão, de dor e eu fiquei treinando daquele jeito (E2).

E2 relata dor e sofrimento quando se refere a uma lesão na coluna que quase a deixou paraplégica. Em sua narrativa, conta que, durante a vida de atleta, sofreu por anos, com um sério desvio na coluna, mas que não se permitia diminuir os treinamentos por isso representar *voltar à estaca zero* (sic).

Era ano pré-olímpico e a situação da sua coluna agravou-se pelo excesso de treino. O quadro se complicou ainda mais quando ocorreu um erro de movimento que culminou em uma fratura na tíbia e outra no dedo do pé. Para completar, ela sofreu um grave acidente de carro. Com tudo isso, ela não parou de treinar e sabia que precisava estar no auge do seu desempenho, a fim de ser selecionada e garantir a vaga para a Seleção Brasileira.

E2 conta que iniciou na ginástica olímpica aos cinco anos e, logo depois, migrou para a GR, ou seja, durante mais de dez anos treinou para chegar aos Jogos Olímpicos. Este ano olímpico seria sua única chance, pois seu corpo não aguentaria mais e não suportaria continuar a viver com tanta dor. Apesar de estar proibida de treinar e competir pela equipe médica em função do risco de uma lesão total na coluna, não deu ouvidos e decidiu arriscar. Ela acreditava não ter tempo hábil para se reabilitar e voltar para o seu lugar na equipe a tempo de conseguir competir, além disso, a possibilidade de ser substituída estava fora de cogitação. A GR tinha muita importância na sua vida e ela não se permitia deixar abater. Era preciso estar perfeita e *não havia outra maneira a não ser engolir a dor e continuar treinando* (sic). Acreditava que mesmo suspendendo os treinos por um período curto, como o de uma semana, teria queda de desempenho. Histórias como a dessa atleta demonstram o nível de sacrifício para atingirem a excelência, no qual a estética sublima e aparece a afirmação da identidade atlética através do pertencimento ao grupo. A necessidade de excesso de treino para buscar a perfeição é uma crença da modalidade, por isso não acontece o descanso dos corpos e elas suportam cansaço e lesões.

Essa atleta traz em sua história o significado do corpo como instrumento a ser dominado (PORPINO, 2004; CAVALCANTI; PORPINO, 2015), pois, para alcançar as metas deve existir o total controle sobre si. Para **E2**, seu corpo é o local onde se manifestam valores, atitudes e crenças da modalidade, sendo que a GR só o considera quando belo, disciplinado, forte, inquebrável, imbatível, totalmente dominável e perfeito. O ideal de corpo se alinha ao da beleza e ambos se relacionam com a magnitude do domínio no espetáculo a ser apresentado. Aparecem aqui os valores que dão significado a uma atleta de GR e que auxilia na construção da sua identidade como membro do grupo. A realidade atribuída ao conceito de corpo é de ordem simbólica e o sujeito, dentro do seu mundo, tenta dar sentido a ele, “o imaginário contemporâneo subordina o corpo à vontade, faz do primeiro um objeto privilegiado do âmbito da segunda” (LE BRETON, 2016, p.191). Os esportes de cunho artístico conceituam a beleza atrelada às performances corporais e à integridade do gesto realizado pelo corpo, os quais, para serem realizados é preciso rigidez, disciplina, intenso trabalho e dedicação. A beleza carrega o valor da conquista, da realização e do diferencial pela obra criada; os treinos buscam a perfeição do movimento (CAVALCANTI; PORPINO, 2015). A rigidez pode ser observada também no compromisso de **E2** em ser atleta, preservando a sua identidade que passa pelo processo de construção por mais de 10 anos. O evento olímpico/competitivo legitima essa trajetória. A coluna vertebral era o fio condutor dessa conquista.

Em contrapartida a tanto esforço e dedicação, o belo deve ser uma condição natural dessas atletas, como se elas tivessem nascido com essa capacidade em si, minimizando a dicotomia mente e corpo, a eficácia do gesto e a disciplina em prol de uma perfeição divina, quase inatingível. Na GR para que ocorra a maestria do movimento *é preciso o sacrifício* (sic).

Eu sei que é muito sacrificante, que dói muito. Porque a gente sacrificou a vida toda. [...] a ginástica rítmica é todo um contexto visual. Você tem que estar magra, com um *collant* bonito, estar maquiada, você tem que ser bonita, elegante, acertar a série, tem que ter uma música bonita. A gente mexe com público, ele tem que gostar de tudo que vê (E3).

E3 foi integrante do primeiro conjunto da GR brasileira e líder de equipe. Começou na modalidade aos oito anos e nunca parou. Como atleta foi até o seu limite, alcançado com apenas vinte e três anos, quando decidiu se aposentar por não suportar mais a rotina em que vivia. Neste momento, ela realiza a transição de carreira de atleta para técnica. Nas suas memórias, sejam elas como atleta ou técnica, remete-se à GR como um esporte relacionado ao

sofrimento, pois eram inúmeras as dores sentidas, tanto físicas como emocionais: lesões, contusões, restrições sociais, escassez alimentar, etc. **E3** acredita que a imagem do atleta e os significados na modalidade são valorizados por uma beleza que se sobrepõe ao real, transformando-se em um produto quase inatingível devido à tão perfeição desejada. A relevância da magistralidade dos movimentos implica em um sacrifício que transforma o desempenho em uma mercadoria primordial e, por isso, inalcançável e dolorida.

E3 vive as contradições características da GR, pois, ao mesmo tempo em que acredita que a beleza é o fator mais importante e a única maneira para minimizar a dicotomia mente e corpo, para alcançá-la há um sofrimento sobre humano que, para o sujeito, não há outra maneira de suportar isso a não ser que seu corpo e sua mente sejam separados a fim de não sentir. O ideal de beleza impõe a superação da superação e aumenta a distância entre corpo e alma, a fim de suportar o martírio físico, ou seja, é preciso ignorar o corpo e deixar que a alma esteja no comando para que ela dite o que vai ser sentido ou suportado. Para **E3**, há uma tentativa de integrar e dominar a dor, inserindo-a em uma teia de significados coerentes a fim de dar conta sem sucumbir e tê-la apenas como mais uma integrante do processo. Ela aceita a dor como uma possibilidade para chegar à perfeição, à divindade.

A sua história é marcada por lesões crônicas na panturrilha, mas diz nunca ter sofrido com dores e que a sua grande preocupação, bem como das demais meninas da equipe, era fazer um belo espetáculo. As suas dores eram pouco percebidas, pois criava mecanismos de tolerância que as tornavam irrelevante, apesar de *sacrificante* (sic). Ela conta que o seu maior problema era o sofrimento emocional gerado pela pressão e demais dificuldades para chegar à excelência; isso sim era visto como insuportável. A impossibilidade de aceitar a dor como sofrimento se aproxima da concepção divina de dor, sacrifício e sofrimento, pois há a imposição do perfeito, do divino, do inalcançável sobre o corpo (LE BRETON, 2013). Ela nos revela uma narrativa comum, porém contraditória nas histórias das atletas de GR: a dor é da carne e não do espírito, então é suportável (PEREIRA; ZAGO, 1998; LUMLEY et al., 2011; LE BRETON, 2013). O significado da modalidade se relaciona com perfeição, com a beleza quase inatingível, pois, para ser alcançada é imprescindível suportar a situação vivida de sacrifício.

A história de vida desta atleta é um exemplo de como na GR é preciso afastar o corpo da alma, mesmo que um dependa do outro. O distanciamento tem como objetivo não sentir a dor, como se ela não pertencesse ao sujeito, mas ao divino, o que comanda e possível de

salvar. A dor dela parece ser assimilada pelo pecado original⁸, concepção comum na sociedade ocidental e cristã e que faz da dor algo inevitável da condição humana como parte da aceitação da devoção que aproxima o sujeito de Deus e purifica a alma. Na sua narrativa E3 conta que em busca de amenizar o sentimento ruim e aumentar a força, costumava se juntar com o seu grupo e sua técnica e rezar durante treinos ou situações difíceis e antes de competição. Segundo relato, era unânime a devoção religiosa e a crença de que Deus *falava com elas, olhava por elas, protegia-as e dava-lhes força como graça divina* (sic). A Bíblia era aberta e lida pela técnica, compartilhando o sentimento de que Ele estava falando diretamente para elas naquele momento de tanto sofrimento em prol da mais pura perfeição.

6.2.2 A linguagem da dor na GR

Em meio às relações estabelecidas entre atleta, modalidade e os significados compartilhados, os fatos naturalizados são acontecimentos narrados e só encontram sentido através da linguagem que o grupo compartilha e reconhece. Esse discurso social permite determinada condição e integra o atleta a uma visão de mundo coletivamente admitida e os acontecimentos corporais que os afetam tem aprovação do seu grupo, de forma consentida e adaptada. Nada existe sem os sentidos e significados que são construídos através do pertencimento a um grupo: “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido” (HALL, 1997, p.1). Sobre isso, **E6** nos conta:

Eu rompi o ligamento um mês antes do Pan. Eu já tinha histórico de lesão no pé, cheguei a romper três dedos do meu pé direito, duas vezes do esquerdo. Pensava: vou ter que dar um jeito. No Pan, eu tomei tanto remédio antes que dopei o pé (risos) e competi com botinha para não piorar. Elas (técnicas) precisam ser muito rigorosas, porque, senão, nenhuma atleta vai para frente (E6).

E6 começou na ginástica como se fosse uma brincadeira e, aos sete anos, realizou a primeira seletiva para participar da equipe em Londrina. Ainda criança, costumava dizer que iria aos Jogos Olímpicos, sem nem saber o significado disso. Ela acredita que o ambiente de treinamento e de competição criou esse desejo até sua entrada efetiva na seleção, aos

⁸ O pecado original é a doutrina que explica a origem da imperfeição humana, do sofrimento e da existência do mal através da queda do homem. Na tradição bíblica, a dor e a doença aparecem depois que Adão e Eva cedem à sedução e comem o fruto da árvore do Bem e do Mal. Até então, o mal era desconhecido, não há ruptura entre o homem e o mundo, assim como sofrimento é inexistente ao Éden. Ao sucumbir ao pecado, o homem conhece a fragilidade e a dor é uma consequência do advento da consciência, a versão somática do pecado em decorrência da ruptura entre o homem e o divino (LE BRETON, 2013).

dezenove anos. A naturalidade é desenvolvida pela convivência exclusiva e intensa entre as atletas, que moram, estudam, se alimentam e treinam durante anos, gerando uma relação de interdependência entre elas. Essa intensidade faz com que elas aprendam a se comportar e se comunicar de forma única; e a dor não fica de fora.

E6 vive e relata o que todas as dezoito atletas também trazem em suas memórias: a relação ambígua com o esporte e com a rotina proposta, pois, ao mesmo tempo em que se sente incapaz e fisicamente esgotada é capaz de negociar com seu corpo maneiras para transformar essa incapacidade. A dor transita entre a vontade de treinar e competir e o sentimento de impotência pela falta de resposta física que representa uma sensação amarga de estar presa a um corpo diferente de si ou de seus desejos. As maneiras encontradas para suportar a dor e fazê-la desaparecer eram através da experiência e do convívio, uma vez que, ao superar-se ela tinha a satisfação de estar com o grupo, de ter a técnica confiando, de conseguir realizar um movimento impossível e de participar de uma apresentação. A base da identidade do sujeito e pertencimento ao grupo residem na adequação à resposta de dor (MELZACK; WALL, 1991; HELMAN, 1994; PIMENTA; PORTNOI, 1999; LE BRETON, 2013).

E6 explica que para ser atleta de GR é inevitável elaborar maneiras de burlar o pensamento para distanciar do corpo e ter a certeza de que ela não se reduz a isso. Nessa hora, o efeito da palavra das colegas e, principalmente, da técnica é imprescindível e faz toda a diferença. Então, quando elas se apoiam e dizem: *you supporta* (sic), *you obey your body* (sic), *you are more than your body* (sic) ou *you trust in you* (sic), aumentam a capacidade de resiliência e resposta à dor, com possibilidade para sustentação do sofrimento por mais tempo. Nesse contexto, a moral é capaz de fazer com que **E6** consiga apoio para o desconforto da dor. O afeto aqui significa a adesão ao grupo, o estado moral dessa atleta. Isto porque a dor do esporte é moralmente consentida e usada para diminuir a sua potencia (LE BRETON, 2013). Desta forma, é preciso horas de dedicação e tortura, para que, no final, tenha a compensação e o reconhecimento. É importante demais para abandonar.

A dor sentida por **E6** não encontra palavras para ser expressa e, por isso, é comum encontrar soluções para o sofrimento. Ela conta que a linguagem da dor deve ser contida, pois, para chegar à perfeição, o corpo deve ser dominado e não escutado. Em sua narrativa, o sofrimento pelo excesso de treinos é capaz de fazer chorar, caretas, dizer palavrões, gemer, além de outros gestos, porém, há uma ausência de linguagem em palavras, bem como o consentimento para que essa não seja socialmente compartilhada com os outros. A dor é marcada pelos gestos e, somente se torna autorizada nesse contexto, de treinamento, não

podendo aparecer, jamais, em períodos de competições, pois ao existir a queixa a atleta não compete. Além disso, a GR trabalha com a estética e para criar a beleza prevista é preciso alegria, mesmo que disfarçada. Diante disso, conclui-se que na modalidade a dor não encontra linguagem que demonstre impedimento, o que é corroborado pela teoria da antropologia da dor que diz que ela é um fracasso da linguagem, pois o sentimento de interiorização e impotência é tão assustador que o sujeito se fecha em si e não há palavras para expressar sua sensação (LE BRETON, 2013).

Na história contada por **E6** um dos fatores que auxilia no apaziguamento da dor é o vínculo estabelecido entre ela e sua técnica, que se estrutura e se organiza a partir de uma relação autoritária, pela qual **E6** cria pouco controle sobre as decisões de seu percurso de treinamento e descanso.

A atleta deveria cumprir rigorosamente as decisões da comissão técnica. Sujeitas a tais imposições sobre o corpo e controle sobre suas atividades diárias, **E6** encarrega-se de suas obrigações com o treinamento e com as competições numa estrutura que transcende o próprio treino e alcança sua vida cotidiana em instâncias que chegam à intimidade. Nesse período ela morava e estudava junto com outras colegas de equipe no centro de treinamento da modalidade e todas eram vigiadas, inclusive quando estavam de folga. Além de terem suas vidas policiadas pelas próprias colegas e comissão técnica, eram observadas pelas mais diferentes instâncias sociais que incluem família, torcedores/admiradores, mídia e toda forma de controle sobre cada uma delas. Boaventura (2011) nos diz que potencializar o corpo só é possível enquanto esse é objetivado, para então fazê-lo suportar a dor e a renúncia do prazer imediato exigido. Ou seja, sentir voluntariamente fome, levar o corpo até a exaustão ou comer a partir do cálculo de calorias e nutrientes dos alimentos tem como benefício à construção de um corpo para ser campeão. Se elas não se cuidassem e não fossem cuidadas seriam afastadas da atividade competitiva e da mídia, perderiam contratos e correriam o risco de uma aposentadoria precoce e indesejada.

Situações assim levaram com que essas atletas acreditassem que todo este rigor era em prol de um sonho no esporte. A vigília estava relacionada com o cuidado para que elas fossem sempre capazes de trazer os resultados, alegrias e beleza do esporte. Para **E6**, a vida de um atleta é como um objeto manipulável, pois busca expressar a capacidade humana de dominar a natureza e de explorá-la, fazendo-a render o máximo possível. Assim, ela justifica a vigilância como necessária e acaba sendo incorporada para si.

A rotina, o cansaço, a dedicação exclusiva e a pressão para alcançar o inalcançável culminaram na decisão de aposentadoria de **E6**. O nível de exigência começou a gerar mais

sofrimento do que alegrias e, para piorar, ela não tinha nenhum incentivo financeiro. Seu único incentivo era a paixão e sentiu que precisava seguir em frente sem a GR.

A identidade e a cultura da modalidade são representadas através dos atletas, do grupo e da linguagem no qual ele faz parte, por isso para compreender a dor é impossível se desvincular dessas representações.

6.2.3 O contexto e a dor

Os recursos físicos e morais desenvolvidos no sujeito a partir das crenças do seu grupo sobre os hábitos de dor e sofrimento são responsáveis por torná-lo mais ou menos hábil para suportar o que lhe aflige. A resistência à dor é um critério de auto afirmação fortalecido pelo ambiente vivido. Em uma comunidade, para avaliar a dor como fator que dificulta a vida do sujeito, ou não, é preciso ter como referência as tarefas habituais do cotidiano e sua capacidade para realizá-las sem que a percepção da dor ou sofrimento as impeça. Quanto mais familiar se torna a dor mais fortalecido fica o caráter ou personalidade da pessoa e incita a não se deter demais nela, gerando maior tolerância à percepção (LE BRETON, 2013).

Sentir dor é determinado pelo momento presente, não engloba longo prazo e pode ser ignorada, pois depende das interpretações dos conteúdos corporais - penosos ou agradáveis - que sofrem variações de uma comunidade para outra. Ela é fruto do aprendizado social e confirmado pela relação estabelecida com os seus pares (HELMAN, 1994; LOESER, 2008; 2009; LE BRETON, 2013). Por isso que a relação e capacidade que um atleta tem para suportá-la são construídas através do sentido que esta dor assume dentro de um contexto específico. O ambiente esportivo auxilia o atleta de determinada modalidade a dá o significado permitido à dor e ao sofrimento.

Não tinha opção, não podia sentir dor, porque se sentisse dor, se dissesse que lesionou não ia para as competições. Atleta lesionada não serve pra ser atleta da seleção brasileira. Se parar pra se cuidar, no outro dia, tá fora; então, não existe essa possibilidade de parar de treinar, de pensar em dor. As dores eram suportáveis, até um certo limite então, não tinha esse problema. Tinha que conviver com a dor, ela já era a nossa colega, a nossa irmã. Andava com a gente (E10).

Para **E10**, a GR e a dor começaram juntas quando ela tinha seis anos. O seu início no esporte foi precoce porque sua mãe era técnica e estava bastante envolvida no meio. Aos nove anos, treinava diariamente; porém, considerou que treinos com objetivo de alto rendimento

foram apenas a partir dos doze, quando realmente passou a competir e se considerar atleta. Quando tinha catorze anos, passou a ser a mais nova integrante da seleção adulta de GR.

E10 tem uma história particular na modalidade devido ao seu meio familiar. Essa atleta nasceu inserida neste contexto e, aos seis anos, já praticava. Esse fato ratifica a sua capacidade de ter um limiar de tolerância à dor elevado e de aprender a ter uma resposta a esta adequada ao contexto à sua volta (BUDO et al., 2007; BITTENCOURT, 2010; LE BRETON, 2013). As circunstâncias a estimulavam a ir além do seu limite e, por isso, concordava em receber cargas mais fortes de treinamento e, conseqüentemente de dor. No jogo pessoal criado para atenuar o sofrimento, a dor é vista como uma *irmã* (sic), ou seja, seu significado mantinha relação com o meio familiar e era condicionado por esse amor fraterno e contraditório: brigas e indisposições com a intimidade do companheirismo e da leveza que supera qualquer obstáculo. Essa foi a maneira como ela aprendeu a lidar com a dor diariamente e, ao invés de se opor aos fatos e sentimentos, era capaz de torná-los familiares.

A GR faz parte da sua família desde antes dela nascer e o núcleo familiar é a principal maneira de uma criança iniciar o processo de aprendizagem da percepção e significados de manejo da dor. Segundo Le Breton (2013), as palavras de dor e sofrimentos são as primeiras que entram no vocabulário de uma criança. Ao longo do caminho individual, essas orientações deixam uma margem de variação que se relacionam com a singularidade de cada trajetória. A partir da infância, as vias de aprendizagem estão relacionadas com a alquimia das relações sociais e afetivas que envolvem as crianças e adolescente e isso facilita a inserção e capacidade de se manter em um ambiente tão próximo da dor (HELMAN, 1994; LOESER, 2008; LE BRETON, 2013).

Quando solicitada a falar sobre como lidava com a dor, demonstrou a contradição comumente vista nas atletas de GR e o significado encontrado era consequência dessa relação. Ao mesmo tempo em que apresenta convívio diário com a dor, sendo este, inclusive relatado como um dos motivos para deixar o esporte, **E10** comenta que não sente ou não sofre com a dor, pois sentir é impeditivo para continuar treinando, o que significa estar fora do grupo e da modalidade. A dor e sofrimento gerados pelas constantes lesões e problemas musculares não tinham significado relevante quando comparados às consequências que elas causariam. Desta forma, **E10** construiu a habilidade para não percebê-la ou acreditar que desta situação sairia algo de bom.

Na sua narrativa, ela acredita que para ser atleta de alto rendimento é preciso ser firme diante da dor mais acentuada, baseado em imperativos financeiro, participativo, identitários e, principalmente, pela organização exigente do trabalho diário. Para ser atleta é preciso treino

diário e não há tempo para ficar parada, ou seja, não há complacência em relação à dor ou qualquer tipo de sofrimento. O excesso de cuidado com o seu corpo tem, por objetivo, o melhor desempenho. Ela e as demais atletas nos mostram que, no alto rendimento, o trabalho árduo e diário é o padrão de medida para a sua capacidade de suportar, e isso faz com que elas se preocupem menos e consigam seguir adiante, mesmo com o desconforto envolvido. A valorização da força e da resistência ao sofrimento gerado pela dor no corpo não tolera infrações, mas fortalece a resistência e propicia suportar as duras condições diárias vividas por elas.

As atletas de GR não encontram uma maneira para lutar contra o seu próprio sofrimento, então, é necessário afirmar sua dignidade diante de tantas dificuldades e, para tanto, se junta a ele. A intensidade da dor ou do sofrimento deve ser considerada insuportável ou um impedimento para a sua prática de vida cotidiana para merecer atenção e paralisar a sua rotina (LE BRETON, 2013).

O relato de E6 traz o sentido da existência de um atleta, pois se a vida levada longe de percalços contribui para tornar muito dolorosa qualquer adversidade vivida devido à falta de uma cultura de sofrimento, quanto mais próxima vivemos dela, mais comum se torna e menos atenção é dada a ela. Quando se é atleta, a saúde deve existir para que o sujeito tenha capacidade para fazer o solicitado, então, a alimentação, o modo de vida, o sono, e o bem estar são preocupações presentes para aproximar o sujeito de sua identidade atlética. Com a dor e o sofrimento, a necessidade faz a lei e se impõe como valorização de si e de afirmação de dignidade diante das atribuições. O sentimento de impotência diante dos problemas é substituído pela capacidade de soberania através do próprio corpo. De acordo com Le Breton (2013, p. 133), “quando se é privado de tudo, resta ao menos o próprio corpo para atestar a existência da pessoa aos olhos do outro”.

6.2.4 O controle pessoal

Enquanto na Grécia Antiga, a essência da prática do exercício baseava-se na busca do desenvolvimento do próprio corpo como meio para alcançar atributos morais, físicos e espirituais. No século XX, o ideal do corpo mudou, é produto do capital financeiro, da tecnificação e do saber de pressupostos científicos sobre um corpo desconhecido para o sujeito. O avanço das Ciências Esportivas gerou uma ampliação do desenvolvimento para melhorar as capacidades humanas numa perspectiva de transcendência do próprio corpo (DO VALLE; GUARESCHI, 2003). Como consequência, o esporte passa a exigir do atleta a

aptidão de resistir ao limite e sucumbir ao desmoroamento, pois “quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, o ator aceita sua dor” (LE BRETON, 2013, p.207).

O esporte de alto rendimento é um dos maiores fenômenos sociais e, para ser atleta é preciso ser capaz de superar o limite corporal. A cultura de um indivíduo torna-se uma influência condicionadora na reação pessoal frente à dor e conhecer suas atitudes frente a este fenômeno é importante para compreender as relações estabelecidas naquele grupo social. A dor nunca é totalmente fisiológica, mas encontra-se na esfera do significado subjetivo dado pelo sujeito. Por isso que, para o grupo de atletas olímpicas de GR, a dor é um evento diferente daquela representada na vida cotidiana, e um elemento fundamental do meio, pois o comum é estar com dor. A capacidade pessoal para ignorar, negar, tolerar, ultrapassar, etc., insere-se em um sistema de valores esportivos que traz essas possibilidades imbuídas no processo e, senti-la, é sinal de fraqueza e de impossibilidade para continuar a ser atleta.

Para ilustrar essa negação de si, do próprio corpo e do limite individual, faço recorte da história de vida dessas três atletas:

Eu nunca quis nem gostei de parecer fraca, eu não chorava. Acho que isso me ajudou a lidar bem com a dor, suportar para não desabar. Eu sempre tive essa frieza de conseguir passar por cima das dores (E18).

O atleta é acostumado a lidar com a dor porque só a gente sabe a dor que a gente sente. É a superação dos próprios limites do corpo mesmo (E2).

Todo atleta vive, lida com a dor. Porque está sempre ali, no limite do corpo (E4).

Aprender a lidar com a dor foi necessário para **E2**, **E4** e **E18**, pois, ao ter como desejo ser atleta e constituir essa identidade era preciso alcançar os objetivos que essa escolha impunha que é os melhores resultados. O significado atribuído por elas é de que a dor é, apenas, mais um obstáculo a ser superado o que fica mais fácil através da negação das situações. Assim, ao mesmo tempo em que a dor se apresenta constantemente, não há espaço em suas vidas para percebê-la ou senti-la de forma a atrapalhar sua vida.

Para que essas três atletas tenham sucesso no seu objetivo de anular a dor, suas histórias nos contam como reagem às situações em que a dor se faz presente dentro de um contexto particular, com as suas próprias opiniões e moral sobre esta condição, criando seus caminhos de defesa contra este mal dentro deste ambiente. Elas passam a exercer um controle quase que absoluto pelas situações desagradáveis sentidas pelo corpo. Além do seu próprio controle, há ainda o controle externo, usado como lembrança de que, para alcançar o sonho de

ser atleta da seleção brasileira e buscar a tão sonhada medalha olímpica, superar é a palavra de ordem.

Para **E2** e **E4**, o controle pessoal é narrado de forma natural e visto como a capacidade de evitar a percepção, uma vez que a dor vai persistir. São dores que remetem ao sacrifício feito em nome do rendimento esportivo, o que a legitima (LE BRETON, 2013). Para que se acostumem e aumentem essa capacidade, se faz necessário treinar seis vezes por semana, durante nove horas diárias, a custo da sua própria natureza, reprimindo suas pulsões e desejos em nome da racionalidade, quando ainda são crianças.

Através da vida que escolheram, elas se condicionam à rivalidade e ao sentimento de excelência na relação consigo e com o outro. É travada uma batalha com seus próprios limites e, as adversárias a serem superadas variam entre elas mesmas e delas com o outro. Isso porque, para ser campeã, é preciso quebrar todos os records, o que inclui os individuais. Ultrapassar os limites, sejam eles físicos ou psicológicos, traz identidade a essas meninas atletas, pois consolida suas capacidades super humanas de travar um duelo e conseguir um feito inédito.

O sentimento de excelência é usado como defesa e tido como necessário para seguir o caminho escolhido, como nos conta **E18**. Ela narra que toda atleta é acostumada a pressão e, que tem dificuldade em se sentir fraca ou mostrar a fraqueza. Aqui está imposta a relação do sujeito com a cultura, pois, ao mesmo tempo em que precisa sentir a sua força para não sucumbir, o outro também não pode ver o seu limite ou a sua fraqueza. Há um jogo entre o sujeito e o social no qual à atleta é permitido sentir dor, mas superar é parte da condição. Situações assim estimulam a postura heróica e a capacidade de suportar a rígida rotina na qual a dor se faz presente.

Segundo Silva e Rubio (2003) e Bittencourt (2010), o conceito de agonística presente na cultura esportiva auxilia a associar o sentimento descrito, pois a dor, para **E18**, representa a busca e superação de limites e a perseverança na rivalidade competitiva. O objetivo de superar suas limitações individuais para vencer o seu oponente amplia a sua capacidade física, tornando-a resistente e capaz de superar situações de dor e sofrimento.

A narrativa de **E18** ilustra como dar um significado de sofrimento à dor requer um julgamento perante uma situação e, perder o controle do fato, traz a sensação de perda do controle sobre si. Reconhecer suas incapacidades não significa ser incapaz de ultrapassar os limites e lutar contra isso e contra a sua dor é a condição para ser aquilo que se deseja.

Manter a frieza, superar os limites, aprender a viver no limite ou ter a dor presente são maneiras encontradas para justificar sua capacidade de tolerar a dor por um tempo maior.

Essas atletas tendem a ter tolerância e limiar de dor mais alto do que a população não atleta e, estender esse limite até o máximo da capacidade pessoal é legitimado e cobrado pela sociedade. O controle pessoal recebe um estímulo extra representada pelas crenças sociais sobre a capacidade de superação delas para lidar com a dor. As atletas de GR aumentam o seu potencial de tolerância em decorrência do excesso de lesões com alto poder álgico e tem natureza psicológica e/ou cultural desenvolvendo a capacidade de resignificar a experiência dolorosa, ampliando os limiares (JAREMKO; SILBERT; MANN, 1981; ROTELLA; HEYMAN, 1991; WILLIAMS; ROEPKE, 1993; RUBIO; GODOY MOREIRA, 2007; LE BRETON, 2013).

E18 suporta para não desabar e, assim, o limiar de tolerância é modificado através do esforço e negociação pessoal com o limiar de dor possível de ser aguentado. Para ela, há sempre uma margem ou uma possibilidade a ser conquistada, graças à determinação e métodos de treinamento e estratégias psicológicas. O desempenho confronta com uma experiência do limite (LE BRETON, 2013).

A capacidade de controle demonstra que, em situações de alto rendimento, não há espaço para reabilitar e, parar treinamentos, é tido como pior do que a própria dor. O corpo na GR é, ao mesmo tempo, força física e emocional, precisão e leveza de movimentos, rigidez e fluidez. Para essas atletas olímpicas de GR, é comum a disciplina dos corpos como um objeto que tivessem a capacidade de moldar de acordo com a vontade. Elas criam um exercício de si sobre si, a partir de inúmeras operações no seu corpo, em seus pensamentos, nas condutas, buscando se transformar, atingindo certo modo de ser, como estratégias subjetivas do poder disciplinar transformando o corpo na forma desejada de ser (BOAVENTURA, 2011).

[...] e o médico falou que eu tinha que ficar duas semanas no colete de ferro na cama, sem nem levantar o braço e seis meses parada para regenerar o osso. Eu mostrei os exames pra minha técnica e ela me perguntou: vamos treinar? Eu comprei o colete, tipo um cinturão e fui treinar. O que eu podia fazer? Pensei, ah, treinei a vida inteira pra isso e agora que vem jogos pan-americanos não vou parar. Eu optei por continuar treinando e minha coluna foi pro saco.

Eu tomei muito Dorflex, toda noite eu tomava pra ver se passava a dor, mas era isso, não tinha o que fazer (E14).

Assim como acontece com as demais atletas deste estudo, **E14** sente seu corpo de maneiras contraditórias, pois, ao mesmo tempo em que não o sente, por não ser permitido sentir, cria a sua identidade a partir dele ao interiorizar os valores ginásticos (LE BRETON, 2016). Esse movimento faz com que ela se mantenha na modalidade, pois os sentimentos

contraditórios são concomitantes: a lesão, a dor e o sofrimento estão presentes, mas não são escutados pelos responsáveis e, por isso, não persistem. Ao serem ignorados, **E14** aprende a limitar seus sentimentos criando um poder sobre ele, e ela conta que fazia isso através da rigidez de pensamento para ensinar o corpo e mente a contornar a dor para que deixe de existir. O limiar de tolerância pode ser sugestionável, incluído quando se estabelece uma competição. O contexto e a percepção estão relacionados à significação atribuída à dor. (LE BRETON, 2013)

Isso sugere que o corpo dela é visto como um objeto manipulável e dominável, capaz de render o máximo possível. Para potencializá-lo, é necessário que seja visto como um objeto que suporta a dor e renuncia o prazer imediato (BOAVENTURA, 2011). Para chegar ao belo, sofrimento e dor naturalizam-se na vida dessa atleta que anula seu sofrimento em detrimento da feminilidade e docilidade dos gestos e sorrisos. O controle de qualidade que ela consegue realizar sobre si acaba por transformar a própria experiência concreta do corpo e ela passa a buscar cada vez mais a excelência (DO VALLE; GUARESCHI, 2003; SILVA; RUBIO, 2003; RUBIO; GODOY MOREIRA, 2007). Essa atleta revela a tentativa de domínio da própria frustração para que todo o trabalho decorrente dos anos de dedicação não se esvaia em decorrência da dor.

Quando a atleta admite limiares máximos de dor, ela se aproxima da percepção da dor da lesão, situação indesejada e evitada que, no caso desse esporte, muitas vezes, continua a ser uma dor ignorada, como nos conta estas duas atletas:

Isso é natural meu. Antes de ser atleta, eu já tinha isso em mim, de não gostar de chorar, de não querer ser fraca. Sempre tive essa frieza de conseguir separar as coisas, de conseguir passar por cima das dores (E11).

Eu não tinha muito problemas quanto a isso (dor), porque quando você está no treinamento tem a adrenalina, o sangue esquenta, você não sente. Nunca parei (de treinar). Aliás, eu acho que eu nunca faltei em nenhum treino. Mesmo doente, sentindo não muito bem, estando com dor de lesão corporal - a gente sempre tem uma lesão muscular ou articular - nunca me atrapalhou, não. Eu tentava esquecer, você esquece a dor porque é tanta coisa para você pensar na hora do treino, de acertar aquela dificuldade, tal elemento, que você acaba esquecendo (E12).

Para elas, a dor é esperada e aceita em situações de exigência física extrema. A narrativa de **E11** traz um discurso comum nas falas das atletas de GR, quando conta sobre atitudes de força ou frieza perante a dor ou qualquer outro obstáculo. Segundo ela, neste contexto, é o que se espera delas, seja durante os treinamentos, com suas colegas de conjunto e técnicos ou, durante a competição, contra outras adversárias. Assim, a conduta firme e

honrada de quem não teme a dor, impõe a ela elegância e respeito aos princípios éticos dos códigos implícitos da profissão, mesmo que à revelia da lei e da moral social mais ampla ou do espetáculo. No esporte, a dor pode ser considerada como parte integrante de um sacrifício consentido (LE BRETON, 2013).

Ela fala da sua capacidade de lidar com a dor como algo inerente e natural em sua vida, em sua personalidade e, que contribui para ser uma atleta de alto rendimento. Personalidade é um conjunto de traços que envolvem autoconceito, característica diretamente relacionada com a ocorrência de lesões, por interferir na avaliação que o atleta faz da situação vivida, e no consequente processo de enfrentamento adotado para lidar com a tolerância a dor (HARDY; CRACE, 1988; GONÇALVES; RABELO; RUBIO, 2014).

Os sentimentos, principalmente os que remetam ao julgamento do outro, não são dignos de serem mostrados. Ao invés de sentir dor ou mostrar o que está sentindo ela o transforma em força e obstinação para se superar. A dor física, gerada pelo treinamento e pela experiência sensorial era suportada pela capacidade de ser contornada através da força emocional. São inúmeras e recorrentes as lesões sofridas no decorrer de sua história, porém passíveis de controle devido à capacidade pessoal encontrada para ultrapassá-las em busca de algo maior. A perfeição do gesto era obtida através do limite do corpo e da alma. Porém, enquanto o corpo doía a alma se fortalecia.

E12 também conta a história da dor no esporte como se houvesse uma predisposição da personalidade para lidar e suportar isso. A dor marca sua trajetória de vida, mas não a impossibilita. Para ela, durante o período de treinamento, dor e sofrimento são constantes e difíceis, porém suportáveis para um esporte que demanda constante esforço físico e exigência máxima para alcançar a excelência. Segundo **E12** a dor só se faz ouvida se ela reagisse frente a ela; então, ignorá-la com outros pensamento era uma estratégia utilizada para sua inexistência. Para realizar esse feito, a atleta se concentrava no excesso de informações requeridas para realização das coreografias, pois acreditava que a distância do pensamento tornaria o sofrimento mais leve, ou seja, quanto mais concentração nos treinos e competições, maior a sua capacidade para superar a dor.

A fadiga muscular e lesões leves eram facilmente assimiladas e raramente impediam **E12** de treinar. Segundo ela, o que se espera de uma atleta de GR é resistir e enfrentar este componente intrínseco (dor) de sua formação/profissão e aprender a lidar nas diversas circunstâncias. Por isso, embora desconfortável, é passível de convivência. Na sua história, aprender a coexistir com a dor faz parte do treinamento, pois tê-la sob controle é uma questão moral na sua identidade atlética.

Essas duas atletas GR trazem na sua história a capacidade de modular as próprias situações vividas de dor, uma vez que disso depende a continuidade na profissão e realização de um sonho. Para que a dor fosse sentida, era preciso dar o significado no momento em que elas sentissem, mas ao captá-la as atletas não se encontravam passivas para receber tal informação e apenas aceitá-la como uma resposta fisiológica, pois a percepção dependia da trama afetiva e cultural que a situação carregava. Para superar, elas criavam o sonho de serem campeãs olímpicas e, assim, os objetivos se conectavam com o afeto pela equipe, pela técnica e por um objetivo comum. A dor não encontra um significado mais efetivo do que o sonho. Abandonar os recursos de superação significa fracassar, palavra fora do vocabulário de uma ginasta: “como não é um fato biológico bruto, mas é sempre impregnada do significado que o homem lhe atribui, a dor nunca está inteiramente fora do seu alcance” (LE BRETON, 2013, p.80).

Quando surge uma lesão “a marca orgânica da dor é um aspecto de uma realidade mais inapreensível: não é uma lesão que sofre nem as aferências simpáticas de um órgão mutilado, mas um homem no singular” (LE BRETON, 2013, p. 58). Essa situação coloca as atletas no limite entre o corpo e a alma, não só pela dor, que muitas vezes nem é sentida, mas por estar associada a perdas graves, como afastamento dos treinos e competições.

Sobre isso, essas atletas falam:

Trinquei a tibia e quebrei um dedo do pé, mas demorei pra descobrir. Para recuperação da lesão óssea teria que ficar muito parada. Não, não dava tempo mais (de ficar parada) [...] (E2).

Na hora da competição a gente não lembra nada, nada, nada, nada. Nada mesmo! Impressionante. Eu me machuquei e não lembro. Eu estava tão acostumada a doer que não sei o que aconteceu. Rompi o ligamento e tive lesão na cartilagem, fiz cirurgia e voltei a treinar. Daí surgiu uma chance de eu voltar pra seleção e treinei para voltar. O médico disse que era só pra fazer fortalecimento (E17).

Essas duas atletas foram capazes de transformar a dor da lesão física em um sofrimento alheio ao seu corpo. A pior parte da lesão é sentir e não suportar mais a dor, gerando sofrimento e, como consequência, o afastamento dos treinamentos e das competições. Quanto mais próximo do evento competitivo e mais importante for a disputa, mais dói a dor de quem está afastado, num processo de ampliação da dor resultante do afastamento de seu grupo e das possibilidades de realização profissional ou do sonho de ser campeã. Portanto, é comum o desejo de voltar aos treinos e competições, de modo que as atletas escondem o que sentem para poderem continuar.

E2 e E17 reconhecem que por serem acostumadas a sentir dor, é mais difícil perceber a lesão e diferenciar a dor do cotidiano com a dor de uma lesão ligamentar ou óssea. Elas acreditam que isso acontece devido o acúmulo de vivências que proporciona maior domínio e controle da sensação dolorosa. Esse desenvolvimento, no entanto, não implica em percepção de limite, ou seja, a consciência do extremo da própria resistência para impedir a lesão (MELZACK; WALL, 1991; KOBAYASHI, 2003; YENG et al., 2005).

Essa impossibilidade para reconhecer é, também, narrada como uma incapacidade pessoal em abandonar a equipe devido a uma dor ou lesão. A necessidade pessoal em participar dos eventos junto ao grupo tem um poder transformador da dor e elas passam a ignorar seu corpo por completo para ter o preenchimento dos aspectos emocionais, afetivos ou da alma. *Há um sentimento maior do que a dor, impossível de explicar* (sic), que gera nelas uma barreira junto à condição física, fazendo com que nada as impeça. Aguentar firme mostra para **E2 e E17** a sua força ao invés da sua vulnerabilidade (LE BRETON, 2013). A dor não salva, pois ela não é nem sequer ouvida. O que ela faz é tentar destruir a sua identidade como atleta, como participante de um grupo, como essencial na vida de um conjunto para treinar e competir.

Talvez esteja aqui uma diferença na relação que, um atleta de outra modalidade e uma atleta de GR, estabelece com a dor. As atletas de GR criam a capacidade para se tornarem incapazes de sentir dor quando estão lesionadas, a fim de não abrir mão dos seus lugares. A lesão, simbolicamente, é o que salva o atleta, uma vez que este é o seu ponto máximo, mas na narrativa dessas atletas é o que destrói a sua identidade. Pensando no conceito de eficácia simbólica de Le Breton (2013) criamos um sistema de símbolos para sobreviver, porém neste contexto elas não apresentam condições emocionais de passar pelo corte sem se sentirem abandonadas, o que leva as atletas a adotarem diferentes modos de enfrentamento como a negação, a raiva, a negociação, etc. Ao mesmo tempo, é possível pensar essas situações como uma patologia, pois a dor é a defesa de um organismo e a incapacidade para senti-la faz do sujeito alguém vulnerável à morte. Desta forma, não existe natureza do corpo de um atleta ou, mais especificamente, de uma ginasta, mas, que elas são resultado de uma construção social e cultural. Os grupos sociais constroem o sentido e a forma como o mundo se move.

Para Le Breton (2013) o controle pessoal atribui significados à dor, sendo estes subjetivos e de acordo com a veracidade individual das atletas de GR. A dor sempre está dentro de um emaranhado de fios relacionados à história pessoal e é uma instância paradoxal que oscila entre o sofrimento de viver e o sofrimento do corpo nos comunicando a relação do sujeito consigo e com o seu mundo.

6.2.5 Gestão social da dor

Segundo Le Breton (2013, p.11), “a dor tem ritos que não são transgredidos sem o risco de indispor ou de ofender as pessoas de boa vontade. Mesmo no horror do que está sentindo, o homem sofredor segue o caminho que as tradições lhe traçam”. O julgamento da dor tem como referência os valores culturais em que o sujeito se insere. Seu círculo de amizades, familiares e demais grupos proporcionam um sistema de recursos humanos que avaliam a condição de dor pelo crivo social.

O contexto esportivo da GR tem técnicos, médicos e fisioterapeutas como figuras principais e lidar com a dor, os limites, a capacidade de tolerância, a aceitação, as trocas possíveis, etc., são geridas por este grupo para que as atletas tenham habilidades para se orientarem e perceberem a dor e o sofrimento através do melhor caminho. É essa gestão social que indica a direção do sentir e como deve se manifestar. A cultura orienta e é interiorizada pelas atletas, o que dar, diante da dor, a possibilidade do medo ou da indiferença, como nos conta essa atleta:

Eu não sei se é porque o médico que me acompanhou a vida inteira e, quando quebrei o metacarpo, ele não engessou e falou pra mim: “vai com tudo, depois eu dou um jeito”. Estava doendo, mas eu não tinha medo porque ele passou confiança para mim.

Estava pingando sangue, ela (técnica) olhou, pegou uma toalha, apertou e falou: eu confio em você! Foi o confio, só assim consegui lidar com a dor. Além de ser técnica, ela foi minha mãe, porque a força que ela me passava, a força que ela me dava, o jeito que ela me olhava, o jeito que eu olhava ela [...] (E5).

A história de vida de **E5** é voltada para a GR, pois ainda hoje, se encontra no meio. Ela é filha de uma técnica da modalidade, o que a fez nascer e crescer neste ambiente. Começou a treinar muito cedo, mas nunca com a sua mãe, pois esta acreditava que isso poderia atrapalhar. Em contrapartida, a sua técnica da seleção brasileira apresenta um papel fundamental na sua trajetória, a quem considerava como uma mãe. Esse intenso envolvimento com a GR faz com que as suas memórias de filha, atleta e técnica se misturem. A confiança que **E5** tinha na técnica possibilitou-lhe o enfretamento de situações limites como suportáveis.

Na sua história, a lesão sempre teve um significado de menor importância por conta do sentido dado pelo seu ambiente, que, neste caso, é representado pela técnica, pelo médico e seu papel dentro da equipe. O grupo via **E5** como atleta principal, pois desenvolvia com as

atletas uma relação de confiança, respeito, cuidado e autoritarismo, além de ser líder da equipe. Era a responsável por manter as meninas unidas e dar suporte em situações difíceis. A experiência com a dor e sofrimento vividos por E5 foram sendo compartilhados e passados entre o grupo, e através das gerações. Por ser a atleta mais velha, era considerada a mais forte, o que trazia uma grande responsabilidade de não poder desabar, pois, influenciava as demais atletas ao dar suporte. O esforço de integração e de dominação da dor, a vontade de inseri-la numa coerência e num significado demonstra a busca das saídas para superação da dor, o que é possibilitado pelo conjunto de atletas (PIMENTA; PORTNOI, 1999; PORTNOI; NOGUEIRA; MAEDA, 2009; LE BRETON, 2013),

O significado atribuído à dor dependia da provação suportada. Nas duas ocasiões citadas acima, foi dito o quão importante ela era para aquela competição e a lesão era apenas uma consequência da sua atividade. Não aceitá-la, tiraria o seu sonho e o do seu grupo, essa possibilidade acarretou sua serenidade e confiança para suportar a dor. Nessa hora ela conta que conseguiu mostrar o que havia de melhor em si e se esforçou para manter sua identidade de atleta da seleção brasileira. Como se, neste momento e a partir da dor, ela pudesse fortalecer seu lugar e revelar as suas capacidades. Koury (1999) justifica essa capacidade quando a atleta, ao experimentar qualquer forma e conteúdo doloroso, traz um conceito novo sobre o significado coletivo já expresso, permitindo atualizar sempre o significado contido no conceito inconsciente da dor em geral. A experiência pessoal interioriza os conceitos do grupo. O indivíduo social e coletivo se complementariam como impregnado de um olhar social comum (LE BRETON, 2013).

Para **E5**, a maneira que ela geria a dor, durante momentos de grande sofrimento, se devia ao fato das circunstâncias e interlocutores estarem modulando a sua dor (LE BRETON, 2013). Assim, ao mesmo tempo em que doía, ela era estimulada pela técnica, colegas e profissionais de saúde da equipe a ir além e suportar quando o corpo lhe dizia para parar. A técnica tem um papel fundamental no significado da dor para E5, pois, era ela a quem se recorria na hora da dor e do sofrimento. Cada grupo ou condição social e cultura recorre a um tipo de ajuda nesses momentos e a técnica era ao mesmo tempo a sua base afetiva e autoritária, servindo como referência para amenizar a dor (LE BRETON, 2013). A preocupação consistia em manter uma identidade de atleta estável e coerente, recebendo o amor do outro e buscando preservar a sua imagem perante a técnica e o grupo.

Para ela, a dor demonstrava o paradoxo próprio da dor que seria a lembrança do valor da própria existência e a lembrança da felicidade de dispor de si sem alguma coisa que a torne estranha a si e afaste os outros (LE BRETON, 2013). A possibilidade de continuar sendo

aceita pela técnica e pelo grupo produzia um alívio, mesmo que momentâneo e fazia com que ela se reapropriasse do seu lugar como atleta e do amor da sua técnica, o que esteve prestes a perder em consequência de sucumbir à dor.

O rigor e atenção eram vistos como imprescindíveis para um bom resultado e, para isso, a equipe técnica usava de seu poder de persuasão. A dor infligida também tem esse poder e auxilia a técnica a conseguir bons resultados. Dor para impor uma ordem é intimidante e cria relações de poder de maneira a ter domínio sobre o outro na sua capacidade de se defender (LE BRETON, 2013). Para **E5**, esse tipo de conversa era considerado algo normal, pois achava que tal rigidez era necessária para serem campeãs. Para dominar a situação, seja ela o corpo, o psíquico ou os movimentos precisos, era fundamental refrear o inapreensível e não ser submetida e sucumbir à dor e ao sofrimento. Ao invés disso, se criava a condição de subordinar a si a condição de serem donas de si e dos seus sentimentos.

Além disso, ela conta que todo o seu grupo a tinha como referência principal e a mesma desenvolvia com as atletas uma relação de confiança, respeito, cuidado e autoritarismo além de líder da equipe. Era ela a responsável por manter as meninas unidas e dar suporte em situações difíceis. A experiência com a dor e sofrimento vividos por **E5** vão sendo compartilhados e passados entre o grupo e através das gerações. O contexto sobre o que se refere na sua fala acontece em um momento em que ela é a mais velha do grupo e por isso influenciava as demais atletas. Ela *era a única que não podia desabar* (sic), pois era o suporte da dor e sofrimento das demais atletas. O esforço de integração e de dominação da dor, a vontade de inseri-la numa coerência e num significado demonstra a busca das saídas para superação da dor, o que é possibilitado pelo conjunto de atletas (PIMENTA; PORTNOI, 1999; PORTNOI, NOGUEIRA; MAEDA, 2009; LE BRETON, 2013).

Enquanto para **E5** a dor e o amor viviam juntos e eram compensatórios, outra atleta sofria a dor do treinamento com o acréscimo da dor psicológica.

A dor é um dos motivos por ter parado. Não conseguia me levantar, vivia à base de remédio, de ligação com a minha mãe, à base de médico. Eu sentia saudade, mas o mais difícil pra mim era a dor psicológica do treinamento, e a dor física do treinamento era mais suportável do que a dor de saudade. A gente tinha que engolir a dor porque não ou por que.

Era sempre um terror psicológico. Vai ou não vai... porque a gente tinha que ficar na eminência: “olha eu vou te tirar do conjunto, tu não vai, não sei se vou te levar”. Era sempre assim, terror psicológico (E10).

E10 sente a dor como punição, porém como fundamental para ser atleta e chegar aos Jogos. A dor física dos treinamentos era uma condição necessária e suportável até determinado ponto e costumava ser amenizada pelas medicações, mas principalmente pelo afeto e contato com a família. Para superar a dor utilizava recursos pessoais, afetivos, cognitivos, crenças e valores e suporte familiar. A importância da família está relacionada à capacidade na adaptação ou no ajustamento à condição da dor, criando e executando estratégias para lidar com o desconforto da sensação e preservar o equilíbrio emocional (PIMENTA; PORTNOI, 1999; PORTNOI; NOGUEIRA; MAEDA, 2009).

No início, ela não sentia falta de casa e as dores de treinamento eram suportáveis, porém com o passar do tempo considera a sua história na GR como turbulenta, principalmente pelos atritos que tinha com a técnica. A *rebeldia* (palavra usada pela atleta para descrever situações de desobediência em treinamento) de **E10** era punida de diferentes maneiras, com um grau de severidade que variava entre a ameaça de não poder ficar na equipe ou não competir até afastamento temporário das atividades. Seu maior medo, o que gerava mais dor e sofrimento, era não poder estar na equipe e por isso ela suportava as punições e horas extras de treinamento. Segundo Le Breton (2013, p.193) “a dor prodigalizada é punição, marca na carne a falta moral ou presumida como tal; ela sanciona o desvio de comportamento” e **E10** percebia a dor e sofrimento como castigo. Sentia-se humilhada, o que segue a lógica da anulação da atleta e, *engolir* (sic) mostra o poder ilimitado que a equipe técnica tinha sobre ela e sua família, que fica na memória e na esperança de reencontro.

A reação de uma pessoa frente à dor está relacionada ao tipo de atenção dada a isso (HELMAN, 1994), então, enquanto o sonho de ser campeã era seu maior objetivo **E10** suportava a dor física com a dignidade de uma atleta de GR e o sofrimento era apaziguado. Porém, quando o sofrimento, em decorrência dos anos de treinamento e distância da família, se deparam com problemas com equipe técnica, punição e castigo, a dor se torna insuportável. A GR é um tipo de modalidade em que a disciplina se associava ao castigo, mesmo sem existir a resistência da atleta. Isso porque ela surge com base no militarismo, cultura imposta a partir do século XIX e, conseqüentemente, pela educação dos corpos e da moral imposta. O termo disciplina vem do latim *disciplina* e significa ensino, ciência, disciplina militar, etc. Até o século XVI o seu principal uso era para “castigo”, passando para “massacre” e, depois, “instrumento de flagelação” (LE BRETON, 2013, p.193). O sofrimento que elas vivem por conta da dor não pode ser desproporcional em relação à causa e, se ultrapassa os limites do permitido, elas são desacreditadas e a sua reputação como atletas corre riscos. Elas se sentem

obrigadas aguentar com firmeza, correspondendo às expectativas do outro para não se expor à reprovação.

A dor tem seus próprios benefícios para a atleta que sente, sejam eles físicos, emocionais ou sociais. Essas atletas acreditam que detêm o controle das ações e emoções vividas pelo seu corpo. A exigência, a vontade e a serenidade para ultrapassar e vencer parecem ser uma necessidade no alto rendimento, dadas as enormes exigências competitivas e o extremo sacrifício somático e psicológico ao qual são submetidas. O significado que cada um relaciona à dor acontece através da percepção única do sujeito, mas pode ser modificado no decorrer da sua história. Isso porque a cultura é ensinada através da educação, sendo esta transferida pela linguagem e, a partir do acúmulo de experiências, o repertório se estende, proporcionando um domínio maior e controle da sensação dolorosa. Para Bittencourt (2010) e Le Breton (2013), o limite alcançado em uma circunstância pode ser transformado em função de novas experiências vividas pelo atleta, no entanto, aumentar a capacidade não implica na percepção de limites, ou então na consciência de reconhecer a limitação da própria resistência e que isso iria impedir a situação do prejuízo.

No Brasil, historicamente, é o conjunto que vai para os Jogos Olímpicos, ou seja, todas as atletas participaram de uma equipe. As relações que se estabelecem e a importância da equipe colaboram com os significados atribuídos. O sofrimento é gerido e atenuado com o grupo. Elas aprendem umas com as outras a como suportar a distância da família, a restrição alimentar, a aguentar a dor, etc. É criada uma rede de apoio que funciona sem descanso.

O psicológico dentro do conjunto pesa muito mais do que individual, mas elas encontram apoio entre si:

Se eu estivesse cansada, com dor e não conseguisse lidar com isso eu influenciava no treino e desabava todo mundo (risos). É um grupo muito seletivo que continua para lidar com a dor e os treinamentos. Porque não adianta, faz parte da rotina diária. Dificilmente o atleta de alto rendimento treina sem dor. Lidar com isso é normal, acho que não tem como. É do cotidiano, faz parte e a gente sabe disso (E11).

Tinha inflamação na coluna e não dava para curar cem por cento porque sempre tinha uma competição atrás da outra. Quando eu senti essa dor essa dor muito forte, e eu decidi parar de treinar por conta disso. É muito difícil lidar com a dor porque... Imagina dos 9 aos 18 anos se cobrando e sendo cobrada a gente acaba fazendo muita loucura quando é ginástica. Mas hoje eu não me arrependo de ter passado por nada disso. [...] (E9)

E11 começou na modalidade aos oito anos de idade e costumava realizar a GR como atleta individual. Próximo aos Jogos Olímpicos de 2008, decidiu treinar para o conjunto, pois considerava que teria maior condição de ganhar. Ela conta que o controle pessoal é importante, mas que é também influenciado pelo grupo. É a equipe e a relação estabelecida entre as meninas que harmonizam os ânimos umas das outras. No conjunto de GR tudo é compartilhado, as alegrias, sofrimentos, treinamentos, etc. A dor é compartilhada, assim como a responsabilidade por não senti-la, uma vez que não há espaço para nada ao querer chegar à perfeição.

E9 se mudou de Salvador para Aracaju, a fim de acompanhar os pais, e logo ingressou na Seleção. Sempre foi atleta do individual, mas acreditava que só teria chance para ir aos Jogos Olímpicos através do conjunto. Ela conta que a dor e os hábitos adquiridos para lidar com situações adversas aconteciam através do contato com as atletas mais velhas. A sua memória da quantidade de cargas, competições e dificuldades para atingir a meta do treinamento é lembrada como momentos vivenciados com muito dor. Ela sofria com um problema de coluna e, devido à inflamação parou de treinar. Ficou sem andar durante um período, até que conseguiu recobrar os movimentos com fisioterapia, remédios e repouso absoluto. Era uma vida muito desgastante, mas acredita que recebia muitas coisas em troca como objetivo, foco, paciência, trabalho em equipe, tolerância, novas culturas, viagens, persistência, etc. A sua paixão pela GR faz com que ela treine até hoje, como uma forma de terapia.

E9 e E11 contam, através das suas narrativas, como treinar e competir em conjunto aumenta a pressão, pois, o que uma atleta realiza (ou não) afeta todas as outras, e errar significa prejudicar o grupo. Assim, se acontece um desvio do planejado, todas precisam trabalhar em conjunto até que tudo volte a como era antes. É criada uma relação de dependência e confiança entre elas e a eficiência para se apoiarem de forma que as cinco se dissolvam formando apenas o conjunto, a estética do conjunto.

As duas atletas olham para a dor como uma justificativa para conseguir realizar seu sonho e por isso viviam em uma luta íntima com o sofrimento (LE BRETON, 2013). Para enfrentar as situações desagradáveis elas costumavam compartilhar maneiras para burlar os seus sentimentos. Segundo elas, as atletas *faziam coisas de forma inconsciente* (sic), mas como todas faziam, era permitido.

Elas contam que, como equipe repartia, também, o sofrimento e falam do grande pesar de se sentirem presas em si por não conseguirem realizar o que desejavam com seu corpo. Porém, através da equipe, ganhavam força e encontravam formas para gerir as situações de

dor e sofrimento ao compartilharem conceitos, regras e modelando significados em busca de maneiras para sobreviver (HELMAN, 1994).

O senso comum acredita que, no esporte, há uma banalização da dor, mas os significados atribuídos a ela, no contexto, estão definidos e legitimados por circunstâncias sociais, culturais e físicas vistas como difíceis, mas não limitadoras e impossíveis. É comum, na narrativa das atletas de GR, elas afirmarem o quanto o grupo é responsável pela capacidade individual de absorver os significados do sofrimento na modalidade (LE BRETON, 2013). As mais velhas ensinam às mais novas a suportar. As histórias de vida contadas pelas atletas demonstram como elas conseguem gerir a dor. A força dada pelos técnicos, médico e pelas próprias atletas, principalmente as mais velhas, cria um ambiente facilitador e propício para a força grupal. No Brasil, a GR é um esporte em que se vive em grupo, concentradas para um único objetivo e este é o centro da vida delas.

Perceber que estava sentindo dor é apaziguado pelo coletivo, o que propõe características de um grupo identitário que partilha conflitos e crises comuns a todos os atletas, porém, distinguindo-se na intensidade e nos significados das experiências vividas no corpo das integrantes desta modalidade.

6.2.6 O sacrifício além do corpo

O corpo na GR parece ter uma realidade que se impõe cotidianamente a cada uma delas, criando a composição de unidade dentro de um grupo. As imagens que elas têm de si são integradas à visão de mundo coletivamente admitida na modalidade. Para gerar significados e sentidos, havendo uma adaptação do corpo, as atletas recorrem apenas às representações aprovadas no seu grupo (LE BRETON, 2013). Elas treinam para que a apresentação transcenda e expresse toda a beleza e unicidade estética, mesmo que para isso mascare as meninas/ mulheres que se encontram naquela situação, pois, ao mesmo tempo em que aparecem para a plateia com um desempenho impecável e emocionante, narram histórias de dores na alma (VIANA; MEZZARROBA, 2003; CAVALCANTI; PORPINO, 2007).

É que a gente pensa no resultado, então você tem que superar a dor, tem que superar a distância, tem que superar a saudade, tem que superar tudo para realizar aquele sonho (E8).

E8 conta que valia qualquer coisa pelo resultado. Ela costumava diferenciar a dor física, passível de controle, e a dor emocional (ou sofrimento), porém, as dores não

costumavam vir separadas e eram ocasionadas pelo sacrifício exigido na modalidade. A dor física, apesar de ser mais suportada e justificada pela capacidade de resiliência, agregava valor ao sofrimento de qualquer outra ordem. Assim, quanto mais doía o corpo, pior a saudade ficava.

Situações como esta sugerem que essa atleta faz parte do conjunto de crianças iniciadas precocemente no esporte por serem facilmente influenciadas, dependentes e elásticas para participarem da modalidade. O fato de serem crianças traz um sujeito flexível: seu corpo e sua mente eram passíveis e de fácil adaptação. (GABARRA; RUBIO; ANGELO, 2009).

O problema é que, assim como **E8**, é comum que a busca incessante pelo prestígio conduza professores e familiares a exporem as crianças a situações de grande exigência e tensão, de treinamentos intensivos e precoces em busca de altos rendimentos. Ela comenta sobre sua incapacidade de compreensão das coisas, mas que ela queria participar daquilo de qualquer maneira. A mãe e a técnica foram as grandes responsáveis pela sua manutenção na modalidade. Essa precocidade exigida acarreta problemas de ordem física, mas principalmente os de ordem psíquica e podem afetar o sujeito a longo prazo (KUNZ, 1994; RAMOS; NEVES, 2008). **E8** comenta que não apresenta nenhum tipo de trauma deste período, mas, ao mesmo tempo, diz não lembrar de muita coisa, o que já representa algum tipo de incapacidade de reter em sua memória lembranças doloridas.

Um dos principais desencadeadores para a dor apontados por **E8** é o volume de treinamento, cuja consequência é o isolamento, a falta de vida social e a rigidez no processo. O esporte de alto rendimento exige domínio do atleta para sua concretização, tanto na esfera física, como subjetiva, já que os sentimentos (sejam eles dores, medo, nervosismo, euforia etc.) devem ser suplantados em nome do desempenho e do resultado (DO VALLE; GUARESCHI, 2003; LE BRETON, 2013). O objetivo é chegar ao desempenho artístico perfeito e belo e, para tanto, é preciso muito treino e disciplina, e anulação do sujeito para viver apenas o atleta.

E8 conta que a distância das pessoas queridas e a saudade da família é muito comum nas histórias das atletas de GR, e eram consideradas as dores mais complicadas de serem ultrapassadas. Elas sofriam e se sentiam desamparadas, pois o corpo doía e não havia quem amparasse as adolescentes. Não podiam reclamar, pois, se o fizessem, estariam fora da equipe, e o seu maior apoio afetivo, a família, encontrava-se a quilômetros de distância.

A atleta conta que começou na ginástica olímpica aos cinco anos de idade e, apenas aos oito, conheceu a GR, quando mudou de modalidade. A capacidade de esquecer tudo em busca de uma medalha sugere como “o corpo não escapa à condição que faz de tudo aquilo

que é próprio do homem o resultado de uma construção social e cultural, no interior de limites infinitamente variáveis” (LE BRETON, 2013, p.58). **E8** não negava a sua natureza biológica e sentia muitas dores, mas seu corpo era capaz de obedecer a sua alma, impondo a sua vontade e o da cultura em torno de sua nova vida, construindo um sentido para existir ali. O sonho em fazer parte da equipe era mais importante e ajudava na superação do sofrimento.

A GR, como todo grupo social, tem uma cultura que facilita a inserção individual de uma estrutura que permitirá o indivíduo habitar seu corpo, sua imagem, suas dores e significados dentro daquele contexto, mesmo que seja motivo de contradições com alegrias e dores, caminhando ao mesmo tempo e de maneira intensa.

Olha, a ginástica foi muito bom. Agora, não sei se trouxe mais felicidade ou tristeza. Porque eu vivi todas as contusões, dores, todos os sofrimentos, todas as vontades que eu tinha e não podia (E7).

E7 foi uma atleta que, como todas as outras, iniciou na modalidade muito cedo. Começou na brincadeira, porém, ao quatorze anos, estava se mudando para Londrina, cidade onde ficava a seleção brasileira naquele período. Ao narrar a sua história ela ri e chora, pois como diz sua frase acima, não sabe dizer se viveu mais tristezas ou alegrias, já que o período em esteve na GR trouxe o que há de melhor e pior para si. A magia atribuída ao esporte lhe proporcionou o sonho de ser campeã, de fazer parte daquele momento indescritível para a criança que ali estava. Ao mesmo tempo, ela se transformou em pesadelo e, logo no início da sua trajetória, precisou passar por provações emocionais para continuar. O clima era de competição e competia quem era melhor, ou pior, quem sentia mais ou menos dor, de quem a técnica gostava mais, etc. Para suportar a rotina, era necessário muito mais do que talento, pois é preciso treinar muito, ter disciplina em excesso e aguentar todo tipo de provação para dar conta da modalidade.

E7 relata grande pesar e sofrimento ao falar sobre a sua trajetória e de como sua mãe enfrentou a família, que não queria que ela fosse morar em Londrina aos 14 anos. Ela foi, mas o peso de tanta confiança e responsabilidade a deixou sobrecarregada, o que fazia com que aumentasse a quantidade de treino (por conta própria) para que ficasse cada vez melhor. Com isso, a sua caminhada passa a ser ainda mais dolorida, tensa e conformada. O ganho da medalha era a certeza de dever cumprido e, para isso, faria qualquer coisa, pois abdicou da sua vida e da família para carregá-la. A sua narrativa é marcada pela falta da família e o quanto isso afetou na sua dedicação para o esporte. Ao rememorar sua vida de atleta, percebe a eternidade que isso durou, e se sente muito triste e culpada, o que a faz chorar,

principalmente por ter abdicado de estar com seus parentes para treinar. A vida dessa jovem passa a ser a rotina de treinamento, exigindo dedicação de tempo, não apenas durante a semana, mas também nos finais de semana. Manter-se nesse nível significava abrir mão de uma série de situações consideradas normais para sua idade, como sair com os amigos, assistir televisão, ir ao cinema, dentre outras.

Ela conta como é difícil, porém necessária a precocidade na especialização esportiva. Apesar de todo o sofrimento relatado, a fantasia da modalidade a envolveu em uma trama de significados adultos no que diz respeito ao esporte. Como nos fala Porpino (2004), a atleta de GR nega uma estética de vida para que o sacrifício seja realizado. A ginasta abandona sua vida para garantir sua (re) significação por meio da dor, do uso de um corpo constantemente utilitário em prol de ser campeã.

O treinamento esportivo na GR impõe uma rotina exaustiva para as atletas, com rígidos períodos, ciclos, horários, quantidade, intensidade, testes e intervalos que são registrados e avaliados a todo tempo; elas são monitoradas. A atleta tem todos os seus movimentos mapeados, desde o treinamento até a competição, sendo avaliada a todo instante; não há espaço para o erro e, para alcançar a perfeição, é necessária a exaustão (LAFFRANCHI, 2001).

E7 e **E8** tinham o sonho de serem campeãs olímpicas e bastava isso para que suas vidas se entrelaçassem no cotidiano da equipe, dos treinos e de todo o contexto que as envolvia. Neste mundo, as situações passam a ser, apenas, mais um obstáculo a ser vencido na trajetória, em busca dos melhores resultados. Elas encontraram maneiras para responder às situações as quais são apresentadas, como o isolamento, o sacrifício, a saudade e a dor. Através deste caminho de interpretações simbólicas, a dor ou sofrimento pode ser considerada normal ou anormal, aceitável ou não aceitável. Essa interpretação depende da imagem corporal, crenças, fantasias, estrutura de corpo e as possibilidades do seu funcionamento (HELMAN, 1994).

A história das duas atletas sugere que o sistema esportivo e da GR as capturou e as inseriram nas práticas específicas da modalidade. Hall (1997) e Rubio (2014) justificam essa inserção ao afirmarem que os significados das coisas não são naturais ou intrínsecos às mesmas, mas fruto de como são socialmente elaboradas por meio da linguagem e dentro de um contexto.

Toda essa dedicação de vida inclui, também, a maneira como elas se alimentam. Paradoxalmente, a rigidez necessária no processo inclui leveza dos corpos para que elas sejam capazes de realizar movimentos, manipular os instrumentos e estar tudo em perfeita harmonia.

No contexto competitivo, o perfil corpóreo necessário vai muito além das ideologias implantadas pela sociedade, ou seja, se neste já é requerido corpos magros, no alto rendimento essas atletas são submetidas a processos de treinamento e competição que geram a necessidade de manipular a alimentação e o peso corporal na tentativa de aperfeiçoar desempenho (VIEIRA et al., 2009).

Na GR, ao mesmo tempo em que as atletas treinam durante nove horas por dia, seis vezes por semana, o alimento é escasso e controlado. Como consequência, há uma maior predisposição a lesões, além de gerar sofrimento, como ansiedade, estresse e predisposições a distúrbios alimentares.

É, eu acho que o mais difícil de uma carreira de uma ginasta é isso (alimentação). Eu sofri, toda atleta sofre. Eu sofro bastante hoje com as meninas da seleção por conta disso. Mas é um sofrimento que toda ginasta, que escolhe ser ginasta, passa. Muitas vezes eu convoquei ginastas novas pra seleção e não deu certo, desistiram, acho que, principalmente, por causa disso (E3).

Tudo que é de mais sofrimento, mais dor, mais tudo. Foi questão de honra pra mim, eu tinha que provar, não pro mundo, mas pra mim, que a minha carreira ia continuar. Eu, simplesmente, comia cinco ervilhas, sete milhos, duas fatias de tomate e uma folha de alface. O psicológico começou a mexer com tudo, mas mesmo assim eu me mantive firme. Eu me vi em guerra comigo mesma (E1)

A privação de comida era considerada uma das piores coisas para **E3**, mas, no contexto, ela criou a capacidade para ignorar a fome, sendo essa uma das maneiras encontradas pelas ginastas para superá-la por ser classificada como um sofrimento inerente da modalidade. Le Breton (2013) justifica isso através da eficácia simbólica da dor. A cultura e os hábitos culturais geram situações em que o significado não advém da natureza do homem, do mundo ou do corpo, mas da construção de um significado, de um sentido na natureza do corpo que é modificado por um dado cultural. A fome dói no corpo, mas ela não é escutada por **E1 e E3**, bem como pelas demais atletas, pois, *simplesmente, faz parte* (sic).

E3 foi atleta durante anos, atualmente é técnica de GR e percebe o significado do alimento para as ginastas. A proibição da comida é tida como maior horror para uma atleta de GR. Porém, ela sabe que as exigências requerem baixo peso corporal e a obtenção e manutenção deste padrão corporal característico implicam no controle alimentar para adequar seu corpo às demandas do ambiente esportivo competitivo.

E1 sofreu e a narrativa sobre a sua vida na GR é marcada por choro e por relatos de dor, sofrimento e angústia. Para ela, a exigência de ser e estar magra desencadeou um processo de ansiedade e estresse acerca do próprio corpo. Ela se via em guerra consigo ao precisar estar dentro de um padrão físico e emocional para ser atleta da modalidade que clama por beleza, simetria, corpos magros e fortes, tidos como sadios (PELEGRINI; MARTINELLI, 2007; TOLEDO, 2010; CAVALCANTI; PORPINO, 2015).

A vida de **E1** e das demais atletas entrevistadas sugere que o corpo é uma realidade cambiante de uma cultura para outra e as imagens, os sistemas de conhecimento acerca de si e as performances que ele realiza são variados e contraditórios, uma vez que ele é simbólico e não natural. Assim, as representações que ele forma na GR são específicas e naturais para essa situação (LE BRETON, 2013).

Uma pesquisa realizada sobre distúrbios alimentares em atletas desta modalidade indicam a relação entre comportamento sugestivo para o transtorno alimentar, bem como distorção de imagem corporal (VIEIRA et al., 2009). As 18 atletas entrevistadas narram sobre algum aspecto ligado à alimentação, sendo este uma situação vivida pela própria ou por uma colega de equipe.

Na GR, as atletas perdem seu lugar de protagonistas para dar lugar ao espetáculo do corpo com a extrapolação dos seus limites e a perfeição dos seus gestos. O aprimoramento dos movimentos dos corpos é perseguido por uma ginasta até a exaustão. Como consequência da supervalorização do espetáculo e racionalidade esportiva em detrimento da subjetividade artística, as exigências competitivas são semelhantes às batalhas. O significado que os sentimentos adquirem, no decorrer da vida como atleta, tem sentido por meio dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A construção da identidade é simbólica e social e, através da diferenciação social, as classificações passam a existir (HALL, 1997, 2000, 2001; DA SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Compreender o sentido do sofrimento é um forma de compreender o sentido da vida”
(LE BRETON, 2013, p.109).*

Quando este estudo foi iniciado tinha como objetivo compreender as associações existentes entre o esporte, a dor e seus significados a partir das relações entre diferentes e, porque não dizer, às vezes divergentes áreas científicas. Diante disso, avalei essas relações por meio das narrativas das 18 atletas olímpicas da Ginástica Rítmica Brasileira presentes nos Jogos Olímpicos de Verão, até a edição de Londres em 2012. Durante a pesquisa pude compreender os significados da dor e do sofrimento no contexto do alto rendimento esportivo reconhecendo que a neurociência, apesar de investigar profundamente o tema, não abrange os aspectos psicológicos e sociais da dor, fundamentais para a construção dos sentidos e da subjetividade que norteou a linha de análise adotada.

As histórias das atletas demonstraram a complexidade e a diversidade da percepção algica nas culturas, na cultura do alto rendimento e da própria modalidade e, as suas memórias auxiliaram na aproximação dessas experiências. Diante dos encontros narrativos, trabalhar com os conteúdos expressos acerca de identidade cultural proporcionou tecer as interações que constituem o campo social, analisando como cada protagonista constrói e reconstrói a sua história criando a sua identidade e atribuindo significado individual e coletivo ao processo doloroso.

Esses significados são transmitidos através das gerações, relacionam-se com tradições, convenções e histórias. As atletas demonstram em suas narrativas as experiências dolorosas vividas em treinos e competições; apontam sentidos para essas vivências tomando como referência o discurso construído socialmente dentro da modalidade. Na busca pelo resultado, não são poupados esforços das atletas, nem pressão por parte da comissão técnica, que associa o belo ao “ilimitado limite” humano. Para as atletas, o ambiente as faz crer que a dor só é sentida e vista como um fator impeditivo de desempenho, se seu desejo assim o permitir. Ou seja, a responsabilidade pela possível limitação é pessoal e intransferível, cabendo a elas a decisão de parar ou ceder em função das manifestações algicas.

Desde a infância, ainda no núcleo familiar, são aprendidas e desenvolvidas as primeiras habilidades sociais de manejo da dor, que depois são amplificadas no exercício da prática esportiva. No caso específico da GR, onde o belo caminha par e passo com as habilidades físicas específicas, dor e beleza fazem o dueto que transforma o esforço em arte, coreografias e pseudoalegria. A obra de arte final é a tela do sofrimento, que se confunde com

a agonística, que é a superação das forças vitais por meio da interação competitiva entre os seres humanos, com a exaltação da excelência na superação dos obstáculos. Suportar o limite imposto pelo corpo faz parte da cultura da modalidade, e os treinos servem para aprimorar técnica e a capacidade da atleta de se manter na situação dolorosa. O prazer do espetáculo se apresenta a elas e convém experimentá-lo, impregnar-se e apegar-se a ele, para que, nos dias insuportáveis, a lembrança desses momentos seja o recurso que não as deixem desistir.

As experiências acumuladas do grupo de GR levam suas atletas e técnicas a uma expectativa do sofrimento habitual imputável aos fatos, uma vez que a construção do conceito de dor e as estratégias usadas para conviver com ela e supera-la são de responsabilidade do grupo. A dose esperada para elaborar situações dolorosas é ensinada pelas colegas, que auxiliam na construção do significado desta percepção, bem como do cansaço e da exaustiva rotina. Os vínculos estabelecidos e o sentimento de pertencimento ao grupo geraram a capacidade de simbolizar e, por consequência, amenizar as dificuldades. A dor deixa de ser uma mensageira dos perigos que ameaçam o corpo, para se tornar matéria da história de si.

É também dentro do grupo que as atletas aprendem a comunicar (ou não) o que e como se sentem. A linguagem, responsável por transmitir os sentimentos, está relacionada com a elaboração do grupo frente aos saberes sobre a algemia e dissolve a fronteira entre as atletas e sua equipe, dando-lhes o envolvimento com o conjunto. Aqui, as histórias narradas contam que o sentimento de impotência frente à dor é quase impossível de ser interiorizado diante do fracasso que ele representa. As atletas ficam tão assustadas em não participar, em não serem capazes de suprir os desejos de si, das colegas e da comissão técnica que se fecham e não encontram palavras para expressar como se sentem. Para essas atletas, demonstrar este tipo de sentimento é o mesmo que revelar a sua incapacidade e, por isso, costumam reprimir as palavras que lhes dão significado.

Quando comecei a escrever acreditava que a dor no esporte ia além de respostas neurofisiológicas e estudando a GR foi possível verificar o quanto a cultura da modalidade é responsável pelas formas de como lidam, naturalizam, controlam e se identificam no contexto. Aqui, é preciso que a dor exista para que as atletas cheguem aos seus objetivos, independente do que pode acontecer com o seu corpo, pois, o importante é o que elas vão conquistar.

Este estudo priorizou a relação da dor com a cultura, buscando ampliar o entendimento do tema na relação com outros saberes que incluem o social e o psiquismo do sujeito e que podem complementar e auxiliar novos estudos na busca de explicações sobre percepções, sentimentos e interpretações do fenômeno algico. Compreender os sentidos que constituem o significado da dor permitiu apreender a essência deste atleta que desempenha sua atividade na

mais alta performance, que vive significados distintos da população geral e que traduz em sua história e na história da modalidade os conteúdos necessários para imaginarmos o que é e como se dá o ambiente doloroso do alto rendimento.

Um estímulo qualquer que cause dano a uma pessoa vai ser percebido, mas só gera significado doloroso se ele foi aprendido e entendido como tal. A dor é uma sensação desvelada durante a vida e, por isso se encontra em transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. F. et al. Experiência de dor e variáveis psicossociais: o estado da arte no Brasil. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 367-376, 2010.

ALONSO, H. A. G. **Pedagogia da ginástica rítmica: teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 2011.

ALVES, C. J.; CALSA, C.; MORELI, L. Narrativas biográficas: a formação docente do ponto de vista do aprendente. **Construção Psicopedagógica**, v. 23, n. 24, p. 77-89, 2015.

BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

BAUM, A. L. Suicide in athletes: a review and commentary. **Clinics in Sport Medicine**, v. 24, n.4, p. 853-69, 2005.

BITTENCOURT, R. N. A questão da agonística grega e suas influências na formação da cultura ocidental. **Revista Urutágua**, n. 22, p. 14-30, 2010.

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOAVENTURA, P. L. B. **Técnica, dor, feminilidade: educação do corpo na ginástica rítmica**. 2011. 156p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BORSOOK, D. A future without chronic pain: neuroscience and clinical research. *Cerebrum*, 2012. In: **Cerebrum: the Dana forum on brain science**. Dana Foundation, 2012.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BUDO, M. de L. D. et al. A cultura permeando os sentimentos e as reações frente à dor. **Rev. Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo**, v. 41, n. 1, p. 36-43, mar. 2007.

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n. 19, p. 283-302, jul. 2003.

CAVALCANTI, L. M. B.; PORPINO, K. O corpo belo da ginasta: uma análise da regulamentação do espaço e do tempo. **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Anais do XV CONBRACE/ II CONICE, Recife, 2007.

CAVALCANTI, L. M. B.; PORPINO, K. O sofrimento e a dor como constituintes da beleza esportiva: reflexões para a educação. **HOLOS**, v. 5, p. 401-413, 2015.

CORRÊA, C. P. O Afeto no tempo. **Revista Estudos Psicanalíticos**, v.28, p.61-67, set.2005.

DA SILVA, J. A.; RIBEIRO FILHO, N. P.; MATSUSHIMA, E. H. **Mensurando o quinto sinal vital: a dor**. Ribeirão Preto: Funpec-Editora, 2010.

DA SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

DO VALLE, M. P.; GUARESCHI, N. M. de. F. O esporte de alto rendimento: produção de identidade e subjetividade no contemporâneo. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Código de pontuação Ginástica Rítmica 2005-2008**. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com>

GABARRA, L. M.; RUBIO, K.; ÂNGELO, L. F. A Psicologia do Esporte na iniciação esportiva infantil. **Psicologia para a América Latina**, n. 18, 2009.

GAIO, R.; BATISTA, J. (Org.). **Ginástica em questão**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2006.

GAIO, R. (Org.). **Ginástica rítmica: da iniciação ao alto nível**. Jundiaí: Fontoura, 2008.

GEERTZ C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GLICK, I. D.; HORSFALL, J. L. Diagnosis and psychiatric treatment of athletes. **Clinics in Sports Medicine**, v. 24, n. 4, p. 771-81, 2005.

GONÇALVES, G. C. M.; AMATO, J. F. Um olhar da psicologia sobre as narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: RUBIO, K. (Org.). **Narrativas biográficas: da busca a construção de um método**. São Paulo: Képos, 2016.

GONÇALVES, G. C. M.; RABELO, I. S.; RUBIO, K., Assessment of personality in Brazilian athletes. **International Journal of Applied Psychology**, v. 4 n. 3, p. 86-91, 2014.

GONÇALVES, M. C.; TURELLI, F. C.; VAZ, A. F. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 141-158, jul/set de 2012.

GUERCI, A.; CONSIGLIERE S. Por uma antropologia da dor. Nota preliminar. **Ilha Revista de Antropologia**. Florianópolis, n. 1, p. 57-72, 1999.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva** (2ª ed.). São Paulo: Vértice, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997.

HANSEN, G. R.; STRELTZER, J. The psychology of pain. **Emergency Medicine Clinics of North America**, v. 23, p. 339-348, 2005.

HARDY, C. J.; CRACE, R. K. Dealing with injury. **Sport Psychology Training Bulletin**, v. 1 n. 6, p. 1-8, 1988.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HILLMAN, S. K. **Avaliação, prevenção e tratamentos imediato das lesões esportivas**. São Paulo: Manole, 2002.

JAREMKO, M. E.; SILBERT, L.; MANN, T. The differential ability of athletes and nonathletes to cope with two types of pain: a radical behavioral model. **The Psychological Record**, v. 31, p. 265-75, 1981.

KEESING, R. M., **Cultural Anthropology: a contemporary perspective**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1981.

KOBAYASHI, C. **Da história da dor a dor na história: histórias de vida de pacientes com dor**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

KOURY, M. G. P. A dor como objeto de pesquisa social. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 1, p. 73-83, 1999.

KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Revista Movimento**, v. 1, n. 1, p. 23-28, 1994.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à Ginástica Rítmica**. Londrina: Unopar Editora, 2001.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LÉVY-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LIRA, L. R.; MENDOZA, M. R. Historia Oral y Psicología. In: LOZANO, J. A. (Org). **Historia oral: ensayos y aportes de investigación**. 2. ed. México: Ciesas, 2000.

LANARO FILHO, P.; BOHME, M. T. S. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão. **Revista Paulista de Educação Física**, v.15, n. 2, p. 154-68, jul./dez. 2001.

LE BRETON, D. **Antropologia da dor**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LOESER, J. D. Aspectos atuais do controle da dor. In: PREODOR, M.; VON ROENN, J.; PAICE, J. (Org.). **Current: diagnóstico e tratamento da dor**. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2008.

LOESER, J. D. A medicina narrativa e a dor. In: ALVES NETO, O. (Org.). **Dor: princípios e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LUMLEY, M. A. et al. Pain and emotion: a biopsychosocial review of recent research. **Journal of Clinical Psychology**, v. 67, n. 9, p. 942–968, 2011.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MELZACK, R.; WALL, P. D. **The challenge of pain**. London: Penguin Books, 1991.

MERSKEY, H; BOGDUK, N. **Classification of chronic pain: descriptions of chronic pain**. INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN, 1994.

NESSE, R. M., ELLSWORTH, P. C. Evolution, emotions, and emotional disorders. **American Psychologist**, v. 64, n. 2, p. 129-139, 2009.

OLIVEIRA, M. M. M.; LOURENÇO, M. R. A.; TEIXEIRA, D. C. Incidências de lesões nas equipes de ginástica rítmica da UNOPAR. **UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde**, Londrina, v. 5/6, n. 1, p. 29-40, out. 2003/2004.

PELEGRINI, T.; MARTINELLI, T. A. P. As raízes gímnicas da ginástica rítmica: a necessidade de um resgate histórico. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 4., 2007, Campinas. **Anais: Ginástica Geral: identidades e práticas coletivas**. Campinas: SESC-SP e FEF-Unicamp, 2007. p. 128-131.

PEREIRA, A. P. S.; ZAGO, M. F. Z. As influências culturais na dor do paciente cirúrgico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 32, n. 2, p. 144-52, ago., 1998.

PIMENTA, C. A. M.; PORTNOI, A. G. Dor e cultura. In: CARVALHO M. M. M. J. (Org.). **Dor: um estudo multidisciplinar**. São Paulo: Summus, 1999.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORPINO, K. Treinamento da Ginástica Rítmica: reflexões estéticas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, set., 2004.

PORTNOI, A. G.; NOGUEIRA, M; MAEDA, F. L. O enfrentamento da dor. In: ALVES NETO, O. (Org.). **Dor: princípios e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. V. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: vértice, 1988. p. 14-43.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2008.

REGO, F.; REIS, M.; OLIVEIRA, R. Lesões em ginastas portuguesas de competição nas modalidades de trampolins, ginástica acrobática, ginástica artística e ginástica rítmica da época 2005/2006. **Revista Portuguesa de Fisioterapia no Desporto**, v. 1, n. 21, jul., 2007.

REY, R. **History of pain**. Paris: La Découverte, 1993.

RIESSMAN, C. K.; SPEEDY, J. Narrative inquiry in the psychotherapy professions: a critical review. In: CLANDININ, D. J. (Ed.), **Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2007.

ROTELLA, R. J.; HEYMAN, S. R. El stres, las lesiones y la rehabilitación. In: WILLIAMS, J. M. (Org.). **Psicología aplicada al deporte**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1991.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. 1. ed. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006a.

RUBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 86-91, 2006b.

RUBIO, K.; GODOY MOREIRA, F. A representação da dor em atletas olímpicos brasileiros. **Revista Dor**, v. 8, n. 1, p. 926-935, 2007.

RUBIO, K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: _____. (Org.). **Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Képos, 2014.

SILVA, L. R. V. et al. Avaliação da flexibilidade e análise postural em atletas de ginástica rítmica desportiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 7, n. 1, p. 59-68, 2008.

SARTI, C. A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

STAROBINSK, J. El concepto de cenestesia. In: _____. (Org.). **Razones del cuerpo**. Valladolid: Cuatro Ediciones, 1999. p. 35-50.

SILVA, M. L. S.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.

SOARES, C. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

- SOARES, C. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores associados, 2001.
- TEIXEIRA, M. J.; OKADA, M. Dor: evolução histórica dos conhecimentos. In: ALVES NETO, O. (Org.). **Dor: princípios e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- TEIXEIRA, M. J. Fisiopatologia da dor. In: ALVES NETO, O. (Org.). **Dor: princípios e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- TEIXEIRA, M. J. Fisiopatologia da nocicepção e da supressão da dor. In: ALVES NETO, O. (Org.). **Dor: princípios e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.
- TOLEDO, E. Estética e Beleza na Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010.
- TYLOR, E. B. **Primitive Culture: research into de development of mythology, philosophy, religion, art and customs**. London: John Murray, 1871.
- VAZ, A. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 23-36, 2005.
- VELARDI, M. Ginástica Rítmica: a necessidade de novos modelos pedagógicos. In: NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). **Pedagogia dos Esportes**. Campinas: Papyrus, 1998.
- VIANA, D. F. W.; MEZZARROBA, C. O esporte de alto rendimento faz mal à saúde? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. **Motrivivência**, n. 41, p. 190-205, 2013.
- VIEIRA, J. L. L. et al. Distúrbios de atitudes alimentares e distorção da imagem corporal no contexto competitivo da ginástica rítmica. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 15, n. 6, p. 410-414, nov./dez., 2009.
- VIGARELLO, G. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, D. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 21-38.
- WILLIAMS, J.; ROEPKE, N. Psychology of injury and injury rehabilitation. In: SINGER, R. N.; MURPHEY, M.; TENNAT, L. K. (Org.). **Handbook of research on Sport Psychology**. New York: MacMillan Publishing Company, 1993.
- WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.
- YENG, L. T.; TEIXEIRA, M. J.; LODUCA, A.; SAMUELIAN, C. Avaliação dos doentes com dor: avaliação psicológica e das condições específicas. **Revista da Sociedade Brasileira para Estudo da Dor**, 4ª ed., v. 1, jul., 2005.
- ZBOROWSKI, M. Cultural components in responses to pain. In: LOGAN, M. H.; HUNT, E. E. J. **Health and the human condition: perspectives on medical anthropology**. Massachusetts: Duxbury Press, 1978.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Katia Rubio

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: EEFÉ-USP

Telefones para contato: (11) 30913181 - (11) 30913151 - (11) 91387466

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos, R.G. _____, Responsável legal (quando for o caso):
_____ R.G. Responsável legal:

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS, de responsabilidade da Profa. Dra. Katia Rubio.

O presente projeto tem como objetivo recuperar a memória dos atletas olímpicos que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir a formação da identidade do atleta, a importância desse ator social no cenário brasileiro e o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro.

Com o consentimento do atleta as entrevistas são registradas em vídeo e posteriormente transcritas para análise.

A pesquisa não oferece risco ao participante e espera-se com essa pesquisa fazer um levantamento das modalidades medalhistas, da trajetória de seus atletas no cenário nacional – e o reconhecimento por parte da população de seus feitos – e analisar a política das Federações e Confederações Esportivas naquilo que se refere à influência desse procedimento na formação de novos atletas. Montar um banco de dados – em forma de imagem e de textos – com a memória do esporte nacional e a partir desses dados construir uma Enciclopédia dos atletas olímpicos brasileiros.

As informações coletadas serão publicadas com o consentimento do participante.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante

Testemunha

Informações relevantes ao pesquisador responsável:

Res. 196/96 – item IV.2: O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.